

John MacArthur

CRER É DIFÍCIL

O alto custo
e valor infinito
de seguir Jesus



Crer é difícil © 2009, Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado em inglês com o título *Hard to Believe* Copyright © 2003, John MacArthur pela Thomas Nelson, Inc., 501 Nelson Place, P.O.Box 141000, Nashville, TN, 37214-1000, USA, em associação com a agência literária de Wolgemuth & Associates, Inc.. Todos os direitos são reservados.

1 edição - 2009 - 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Ageu Cirilo de Magalhães, Jr.
Alderí Souza de Matos
André Luís Ramos
Cláudio Marra (*Presidente*)
Fernando Hamilton Costa
Francisco Solano Portela Neto
Mauro Fernando Meister
Tarcízio José Freitas de Carvalho
Valdeci da Silva Santos

Produção Editorial

Tradução

Heloísa Cavallari Ribeiro Martins

Revisão

Claudete Água

Paulo Pompeo

Madalena Torres

Editoração

Assisnet Design Gráfico

Capa

Osiris C. Rangel Rodrigues

M1184c MacArthur Jr., John

Crer é difícil / John MacArthur Jr.; traduzido por Heloísa
Cavallari Ribeiro Martins. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2009
208 p.: 16x23cm

Tradução *Hard to believe*

ISBN 978-85-7622-291-0

1. Vida Cristã 2. Apologética I. Título

284.4 CDD



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
Fone (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

0800-0141963

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para Spencer Nilson,
meu amigo e companheiro de fé,
com permanente gratidão por sua amizade,
seu encorajamento e sua inflexível paixão
pela verdade.

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	9
1. Sabor delicioso, pouco conteúdo.....	11
2. A dura verdade.....	29
3. A verdade num vaso individual	45
4. O melhor exemplo.....	59
5. Rodovia para o céu	77
6. Palavras vazias	95
7. A rocha da verdadeira fé.....	107
8. Marcas autênticas do discipulado.....	119
9. Nenhuma satisfação	137
10. Traidores da fé	153
11. Por que ainda estamos aqui.....	175
12. Mas alguns crerão	191
 <i>Notas</i>	 205
<i>Agradecimentos</i>	207
<i>Sobre o autor</i>	208

INTRODUÇÃO

Neste espaço, espera-se do autor uma introdução sobre o assunto do livro. Muito compreensível.

Você deseja ser perdoado de todos os seus pecados, libertado do julgamento e da punição eterna, ser resgatado do poder de Satanás para se tornar um filho amado de Deus, e ser abundantemente enriquecido para sempre com maravilhosas e fantásticas experiências das alegrias sem limites do céu? Esta é a pergunta. Se a sua resposta é não, dê este livro a outra pessoa. Se sua resposta é sim, saiba do seguinte: Muitas pessoas – realmente muitas, disse Jesus, que responderam com um sim apressado, jamais receberão o que o seu sim deseja.

Você pode desejar o amor, a graça, o perdão, as bênçãos e a infinita bem-aventurança do céu – pode desejá-los intensamente – e nunca recebê-los.

Por quê? Porque você está mal-informado a respeito do como. Isso faz sentido para você? O mundo está cheio de milhões de pessoas que pensam estar a caminho do céu – mas estão terrivelmente enganadas. Provavelmente a maioria das pessoas pensa que o céu está à espera delas, mas isso é um engano. O mais triste, no entanto, é que muitas dessas pessoas freqüentam igrejas evangélicas que dão informações erradas!

Se você ainda está interessado – e deseja a verdade para si mesmo e para outros –, continue lendo.

Não estou propondo a minha verdade. Não possuo nenhuma verdade salvadora e ninguém a possui a não ser Deus. Essa é a oportunidade mais decisiva e crucial para você em toda a eternidade – ouvir o que ele escreveu sobre o caminho para o céu.

Isso é o suficiente como introdução. Se você ainda está interessado, prepare-se para se sentir liberado de sua busca pela verdade – eis que ela vem da Palavra de Deus.

SABOR DELICIOSO, POUCO CONTEÚDO

A primeira lei de mercado para se ter um empreendimento bem-sucedido é dar aos consumidores aquilo que eles desejam. Se eles querem sanduíches grandes, ofereçam-lhes sanduíches ainda maiores. Água engarrafada em seis sabores diferentes? Pronto, aqui estão. Minifurgões com aparadores para dez copos? Providenciem para 20. É necessário manter o consumidor satisfeito. É preciso modificar seu produto e sua mensagem de modo a responder às necessidades e preferências deles, se você realmente deseja construir um negócio sólido e vencer a competição.

Atualmente, essa mesma atitude mental invadiu o Cristianismo. Você diz que o culto é muito longo? Reduziremos a sua duração (um pastor garante que seus sermões nunca ultrapassam os sete minutos). Muito formal? Use seu agasalho de ginástica. Muito desinteressante? Espere até ouvir a nossa banda.

E se a mensagem for muito confrontadora, ou muito julgadora, ou muito exclusivista, amedrontadora, impossível de acreditar, difícil de entender, ou muito qualquer outra coisa para o seu gosto, igrejas em todos os cantos estão ansiosas para ajustar a mensagem de modo que você se sinta mais confortável. Essa nova versão do Cristianismo o transforma num parceiro da equipe, um consultor de planejamento da vida da igreja, e elimina a autoridade antiquada, os tropeços da culpa, a responsabilidade de prestar contas e os absolutos morais.

Recentemente, uma igreja localizada num conjunto residencial enviou pelo correio um informativo prometendo uma “atmosfera informal, relaxante e despreocupada”, “música fantástica tocada por nossa banda” e aqueles que fossem poderiam “acredite se quiser, até mesmo se divertir”. Isso tudo é formidável se estivermos falando de uma lanchonete. Porém, qualquer um que

alegue estar convidando pessoas para ouvir o chamado do evangelho de Jesus utilizando tais prioridades, as estará convidando para uma mentira.

Isso é Cristianismo para consumidores: Cristianismo fácil, a reorientação, diluição e falsa interpretação do evangelho bíblico num esforço de torná-lo mais aceitável e popular. É gostoso e de fácil digestão. Parece acalmar seus sentimentos e satisfazer seus anseios, é feito sob medida para as suas preferências. Porém, essa facilidade de digestão nunca o saciará com o verdadeiro evangelho salvador de Jesus Cristo, porque ele é delineado por homens e não por Deus, e é vazio e inútil. Na realidade, é pior do que inútil, pois as pessoas que ouvem a mensagem do Cristianismo fácil pensam que estão ouvindo o evangelho – pensam que estão sendo resgatadas do julgamento eterno –, quando, na realidade, estão sendo tragicamente desencaminhadas.

O FALSO EVANGELHO DA AUTO-ESTIMA

O verdadeiro evangelho é um chamado à autonegação. Ele não é um chamado para a auto-realização. Isso o coloca em oposição ao movimento evangélico contemporâneo, no qual os ministros consideram Jesus como um gênio de muitas utilidades. Você esfrega a lâmpada, ele aparece e diz que você poderá ter o que desejar; você dá a ele a lista das coisas que você quer, e ele faz a entrega.

A defesa do verdadeiro evangelho tem-me colocado em situações de séria oposição perante a pessoas que não querem levar a Bíblia a sério. Sempre digo que as pessoas que fazem parte do meu rebanho na Grace Church precisam ter um coração disposto a se submeter à Palavra de Deus, pois essa é a mensagem que vão receber, sem enfeites e não adulterada, todas as vezes que entrarem no templo. Se não estiverem dispostas a encarar a dura verdade da convicção de seus próprios pecados, a dura e perturbadora realidade da autonegação e as difíceis exigências impostas para seguir a Cristo, elas não permanecerão por muito tempo na igreja.

Alguns que pertencem ao movimento evangélico lhe dirão que Jesus quer apenas que você se sinta bem, e se você não se sente bem é porque ainda não

apresentou seu bilhete da loteria espiritual. Se ainda não está rico, é porque ainda não exigiu isso. Jesus deseja vê-lo livre de dívidas, e se você enviar bastante dinheiro aos televangelistas, esse seu ato de fé o libertará do demônio das dívidas. Sua salvação em Cristo é uma garantia de saúde, riqueza, prosperidade e felicidade.

Os evangélicos psicologicamente centrados na pessoa humana lhe dirão que Jesus lhe dá paz, lhe traz alegria, Jesus o transforma num vendedor melhor e o ajuda a atingir seus objetivos com mais sucesso. Jesus realmente deseja que você se sinta melhor a respeito de si mesmo. Ele quer melhorar sua auto-imagem e acabar com seus pensamentos negativos.

É interessante saber como essa tendência se infiltrou na igreja. Já estou no trabalho há bastante tempo para ter presenciado seu início. Creio que ela floresceu mais especificamente mediante o esforço de Robert Schuller, a onipresente personalidade religiosa da televisão e de um livro escrito por ele há alguns anos, intitulado *Self-Esteem: The New Reformation* [Auto-estima: a nova reforma]. Fiz a resenha crítica desse livro para uma revista nacional. Julguei que a proposta de Schuller significava um ponto crucial, literalmente, como indica o título, uma tentativa de promover nova reforma. Era um esforço de substituir o evangelho bíblico por um novo evangelho. E funcionou.

Nesse livro, Robert Schuller atacou a Reforma Protestante. Exigindo nova reforma, ele escreveu: “É precisamente nesse ponto que a teologia clássica tem errado em sua insistência de que a teologia seja ‘centralizada em Deus’ e não ‘centralizada no homem’”.¹ Portanto, de acordo com Schuller, a primeira providência que devemos tomar é dar fim à teologia clássica centrada em Deus (teocêntrica) e substituí-la por uma teologia centrada no homem.

Para definir a teologia centrada no homem (uma contradição em termos), ele escreveu ainda: “Esse plano mestre de Deus é delineado tendo em vista as necessidades mais profundas do ser humano – autodignidade, auto-respeito, autovalorização e auto-estima”.² Para Schuller, a pérola de grande preço é o auto-respeito e a auto-estima. Ele continua dizendo: “O sucesso deve ser definido como uma dádiva de auto-estima que nos é dada por Deus como recompensa pelo nosso serviço sacrificial ao ajudar outros a construir sua própria auto-estima. Ganhe ou perca: Se seguimos o plano de Deus tão fielmente quanto possível, nos sentiremos bem conosco mesmo. Isso é sucesso”!³

Perdoem-me se não concordo. Não consigo imaginar um plano no qual eu tivesse menos prazer de participar.

Nessa nova reforma da auto-estima, a primeira exigência é tirar Deus de seu alto lugar de modo que você possa elevar-se, substituindo a teologia que exalta a Deus por uma teologia humana de exaltação da psicologia da auto-estima. Para conseguir isso é necessário alterar e interpretar a Bíblia e o evangelho de modo incorreto, com o grande propósito de fazer com que as pessoas se sintam melhor a respeito de si mesmas, podendo assim realizar seus sonhos e colocar em prática suas visões.

Talvez a afirmação mais espantosa que encontramos em *Self-Esteem: The New Reformation* seja a seguinte: “Uma vez que a pessoa creia que é um pecador desprezível, é pouco provável que ela possa real e honestamente aceitar a graça salvadora que Deus oferece em Jesus Cristo”.⁴ Portanto, de acordo com esse novo evangelho, se alguém deseja ser salvo não pode acreditar que é um pecador indigno. Que tipo de desvirtuamento é esse? Como é possível ser tão contrário à verdade do evangelho? Mas é exatamente esse tipo de evangelho da auto-estima centrado no homem que finalmente se transformou no movimento sensível às necessidades humanas que já seqüestrou tantas igrejas. É um tipo de quase-narcisismo cristão ou amor a si mesmo característico dos falsos mestres: de acordo com 2 Timóteo 3, que nos adverte: “Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas” (veja 2Tm 3.1,2).

O Cristianismo, nas mãos de alguns líderes da igreja, tem-se transformado num movimento do tipo “pegue o que desejar” em vez de “abandone tudo”. Esses líderes prostituíram a intenção divina do evangelho. Substituíram a glória de Deus pela satisfação humana. Permutaram o conceito de abandonar nossa vida em honra a Cristo pela noção de Cristo honrar a nós. Assim sendo, nossa submissão à vontade de Cristo é substituída pela sua submissão à nossa vontade. Uma vez que as pessoas normalmente rejeitam o verdadeiro evangelho, os evangélicos modernos simplesmente mudaram a mensagem.

Muitos séculos atrás, um santo acertou quando fez esta oração:

Senhor elevado e santo, manso e humilde, ajuda-me a aprender pelo paradoxo que o caminho para baixo é o caminho para cima, que ser humilde é ser

elevado, que o coração partido é o coração curado, que o espírito contrito é o espírito jubiloso, que a alma arrependida é a alma vitoriosa, que não ter nada é possuir tudo, que suportar a cruz é usar a coroa, que dar é receber. Ajuda-me a encontrar tua luz em minha escuridão, tua alegria em minha tristeza, tua graça em meu pecado, tua riqueza em minha pobreza, tua glória no meu vale, tua vida em minha morte.⁵

“Tua vida em minha morte?” Esse é o verdadeiro evangelho. Jesus afirmou de modo inequívoco e inescapável: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á” (Mt 16.24,25). Não significa me exaltar, mas sim *perder minha vida*. É a morte do eu. Você ganha ao perder, você vive ao morrer. E isto é o coração da mensagem do evangelho. Esta é a essência do discipulado.

A passagem não menciona nada a respeito de melhorar sua auto-estima, ficar rico e bem-sucedido, sentir-se bem consigo mesmo ou ter suas necessidades atendidas, o que representa aquilo que muitas igrejas pregam hoje em dia com o objetivo de adocicar a verdade.

Nesse caso, o que está certo? A mensagem do Cristianismo da auto-realização ou da autonegação? Não é possível afirmar ambas. Se for apenas uma questão de opinião, eu escolho a minha e você escolhe a sua, e nós dois navegaremos prazerosamente em direções diferentes. Porém, o Cristianismo, o genuíno evangelho de Jesus Cristo, não é uma questão de opinião. É uma questão da verdade. Meu desejo ou o seu desejo ou aquilo que qualquer outra pessoa deseja não faz a mínima diferença. Ele é o que é – pela soberana vontade de Deus.

AS PALAVRAS DURAS DE JESUS

Não consigo entender como os adeptos do Cristianismo leve conciliam sua abordagem da religião com os ensinamentos de Jesus, ou como podem se sentir confortáveis ignorando o que ele disse. Mas a única abordagem aceitável, para mim e para você, é confiar na Palavra do Senhor como a encontramos na úni-

ca fonte da verdade para todo cristão autêntico: a Palavra de Deus revelada na Bíblia. Portanto, acheguemo-nos a ela.

Lucas 9 vai ao âmago da questão sobre o que significa Cristianismo. Nessa passagem, Jesus estava com seus discípulos logo após ter alimentado miraculosamente uma multidão de 5 mil pessoas que tinha ido para ouvi-lo, utilizando apenas uma cesta modesta contendo alguns pães e peixes. Em Lucas 9.23-26 lemos:

Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo? Porque qualquer que de mim e de minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos.

É muito simples. Qualquer pessoa que queira seguir a Jesus e entrar no reino de Deus – qualquer pessoa que queira ser cristã – terá de satisfazer três exigências: 1) negar-se a si mesma, 2) tomar diariamente a sua cruz, e 3) seguir a Jesus. Essas palavras são difíceis de crer. Elas não são estimuladoras de consumo nem caçadoras de fregueses. Não há vestígio de Cristianismo leve. Mas essa não é uma passagem obscura, ou algo diferente dos outros ensinamentos de Jesus. São princípios ensinados por ele de modo consistente e repetido ao longo de todo o seu ministério, muitas e muitas vezes em todos os diferentes lugares e situações.

Isso não é novidade. Quando Martinho Lutero deu início à Reforma Protestante em 1517, ao fixar suas 95 teses na porta da catedral de Wittenberg, ele afirmou, na quarta tese, que a salvação exigia um ódio a si mesmo. Ele escreveu que “o ódio a si mesmo permanece até a entrada no reino dos céus”. A palavra grega original para “negar-se” significa “recusar associar-se com”. A idéia é que se você quer ser discípulo de Cristo, você deve recusar associar-se com a pessoa que você é! Você está cansado do seu eu pecaminoso e não quer mais qualquer ligação com ele. E não significa apenas você, mas sua família também.

Em Mateus 10.32, Jesus falou sobre confessá-lo como Senhor e Salvador: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus”. E continua nos versículos 34-36: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa”.

Isso não é um convite amigável; é uma advertência: Se você entregar-se a Cristo, isso pode tornar sua família pior e não melhor. Pode abrir uma rachadura em sua família como você nunca experimentou antes. Se você entregar sua vida a Jesus Cristo haverá um abismo intransponível entre você e as pessoas que não fizeram essa entrega. De fato, como Deepak Chopra, o místico hindu da Nova Era disse-me num programa do canal CNN: “O senhor e eu estamos em dois universos diferentes”. Respondi afirmando que ele estava totalmente certo. E isso não se aplica apenas a estranhos, mas também aos membros da família, criando uma grave ruptura nos mais íntimos de todos os relacionamentos.

O versículo 37 acrescenta: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim”. Aquele que não estiver disposto a pagar o preço de uma ruptura permanente em sua família, a não ser que seus entes queridos também se entreguem a Cristo – aquele que não estiver disposto a pagar o preço de um trauma maior, um conflito maior, um sofrimento maior em sua família – este não é digno de ser discípulo de Jesus.

No versículo 38 lemos: “e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim”. Um momento! No tempo de Jesus o povo associava a cruz com uma situação e apenas com uma situação: a cruz era um instrumento de morte. Jesus estava afirmando que quem não estivesse disposto a ter conflito com o mundo até o ponto em que isso poderia custar a própria vida não seria digno dele.

E no versículo 39 lemos: “Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á”. Isso é um eco de Lucas 9. Fala de perder a sua vida. Não se trata de uma teologia centrada no homem, mas sim de uma teologia centrada em Cristo, que diz: “Eu entrego tudo a Cristo, não importa o que isso me custe, mesmo que custe a minha vida”.

O VERDADEIRO EVANGELHO DAS ESCRITURAS

Essa é uma verdade fundamental do Cristianismo que a Bíblia confirma repetidas vezes. Jesus disse a mesma coisa de muitas maneiras. Ele o disse na conhecida história do jovem rico. Em Marcos 10.17 um moço, líder, correu para Jesus, ajoelhou-se diante dele e perguntou: “Bom mestre, que farei para herdar a vida eterna?”.

Que oportunidade para o evangelismo pessoal! Jesus poderia ter respondido: “Faça esta oração”. Ou: “Tome a decisão de aceitar-me!” Ele não fez isso. Em vez disso, Jesus o confrontou com a realidade do pecado para testar se ele estava ou não convencido de sua fraqueza e penitente por suas iniquidades. Jesus apresentou-lhe vários mandamentos como exemplos da lei de Deus que o jovem havia quebrado.

Rejeitando qualquer menção de pecado e arrependimento, o jovem vangloriava-se de haver obedecido aos Dez Mandamentos durante toda a sua vida. Ele imaginava ser um perfeito candidato à vida eterna. Porém, ele recebeu uma resposta que não esperava. No versículo 21 Jesus diz: “Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me”. Jesus expôs a sua hipocrisia e depois deixou a descoberto o amor que ele tinha pelo dinheiro. O jovem líder queria que Jesus lhe mostrasse como ter a vida eterna. No entanto, o Mestre mostrou-lhe que o preço era abandonar sua ilusão de justiça própria e reconhecer-se como um pecador indigno e sem valor. Além disso, ele precisava estar disposto a submeter-se ao Senhor Jesus, mesmo que isso significasse abandonar todas as suas posses terrenas. Ele pode não pedir, mas a exigência para receber a vida eterna é a disposição de abandonar tudo, caso ele peça.

O jovem não estava disposto a nenhum dos dois – nem a admitir seu pecado nem negar-se a si mesmo. Como relata o versículo 22: “Ele, porém, contrariado com esta palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades”. Ele preferiu agarrar-se à sua auto-retidão e manter suas propriedades e seu dinheiro do que ter Jesus. Ele não tinha nenhum interesse em autonegação, auto-sacrifício ou submissão. Portanto, era indigno de ser discípulo de Jesus e ele mesmo fechou a porta do reino da salvação.

Todos nós conhecemos pessoas como esse jovem líder – arrogante, seguro de si, impressionado com suas boas qualidades – que julgam a salvação em

Cristo como mais um objetivo que podem atingir mediante realizações, capacidade, dinheiro ou influência. A Bíblia nos diz que esse não é o caminho. O objetivo é a atitude pouco familiar de reconhecer com tristeza o pecado, a submissão e o sacrifício. Se não estivermos dispostos a nos separar da nossa família, de nos separar do mundo, de nos separar dos bens materiais que possuímos, então Jesus não é tão valioso assim para nós. Trata-se de uma proposta tudo ou nada.

Há ainda outro exemplo em Lucas 9.57, em que Jesus estava caminhando pela estrada com alguns de seus seguidores e um deles prometeu: “Seguir-te-ei para onde quer que fores”. A resposta de Jesus não foi: “Ótimo. Estamos todos indo para o melhor restaurante da cidade”. O que ele respondeu no versículo 58 foi: “As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”. Jesus não disse: “Siga-me e você será feliz, será saudável, rico, próspero e bem-sucedido”. Ele disse: “Saiba que eu não tenho nenhum lugar onde recostar a cabeça. Ser meu discípulo lhe custará tudo o que você possui. Não espere conforto e descanso”.

A história continua no versículo 59: “A outro disse Jesus: Segue-me! Ele, porém, respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai”. A inferência nesse caso é que o pai não estava nem sequer morto. O que ele quis dizer com “ir primeiro enterrar meu pai”? Desejaria ele ir ao funeral? Não, sua intenção era permanecer em casa até conseguir sua herança! Ele não receberia nada se seguisse a Jesus. Jesus não tinha nada para lhe dar; portanto, ele queria continuar vivendo em casa até conseguir colocar uma fortuna em sua carteira, e, então, seguir a Jesus. Esse também desapareceu.

Um terceiro provável seguidor de Jesus queria voltar para casa e organizar uma festa de despedida para os amigos e a família – para conseguir apoio para a sua aventura. Jesus disse-lhe que aqueles que entram no seu reino não carregam consigo elementos da vida antiga. Ao contrário, são como um fazendeiro que, uma vez tendo empunhado o arado, fixa o olhar para frente para que o sulco se mantenha reto (Lc 9.61,62).

Jesus estabelece um padrão de total autonegação. Em Lucas 14.26, uma grande multidão o estava seguindo e ele, virando-se, falou-lhes: “Se alguém vem a mim,” – isto é, aqueles que querem ser seus seguidores – “e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria

vida, não pode ser meu discípulo”. Aborrecer a si mesmo? Que verdade poderosa! Isso não é salvação por boas obras, mas seu verdadeiro oposto: salvação pelo abandono de toda esperança de agradar a Deus pelos nossos próprios esforços.

Seguir a Cristo não tem a ver com você ou comigo. Ser um cristão não tem a ver conosco, não tem a ver com nossa auto-estima. Significa estarmos cansados dos nossos pecados e desejarmos desesperadamente o perdão. Significa ver Cristo como o Salvador inestimável do pecado, da morte e do inferno, de tal modo que voluntariamente abandonamos tudo o que for necessário, mesmo que nos custe a nossa família, o nosso casamento ou qualquer outra coisa que amamos e possuímos.

Pode até mesmo custar-nos nossa própria vida, como Jesus disse em Lucas 9.24, reafirmando depois no capítulo 14.27: “E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo”.

Não é possível ser mais claro do que isso. Se você tentar agarrar-se a si mesmo, seus planos, sua agenda, seu sucesso, sua auto-estima, você perde o perdão e o céu.

Em João 12.24, Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto”. Em outras palavras: “Se você quer frutificar sendo meu discípulo”, diz Jesus, “isso custará a sua própria vida. Você terá de morrer”. Versículo 25: “Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna”. O caminho que Jesus percorria era o caminho para a perseguição e a morte.

Então, você quer seguir a Jesus, não quer? Isso lhe custará absolutamente tudo.

O Senhor pode não tirar sua vida. Ele pode não exigir todo o seu dinheiro. Pode não exigir sua família ou seu cônjuge. Ele pode não tirar seu emprego. Mas você precisa estar disposto a desfazer-se de tudo, se ele o pedir. Você precisa estar suficientemente desesperado para seguir a Cristo qualquer que seja o preço.

Se você quer seguir a Cristo até o céu, eis a mensagem: Negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-o. Por acaso você ouviu isso no evangelho contemporâneo? Você já ouviu isso nas mensagens de um pregador ou um evangelista na televisão? Por acaso você vê alguém se levantar na multidão e dizer: “Se

alguém deseja tornar-se um cristão, mate-se! Recuse associar-se consigo mesmo, recuse todas as coisas que o seu eu almeja, quer e espera! Esteja disposto a morrer por amor a Cristo se isso for requerido, e embora vivendo servilmente, submeta-se em obediência a Jesus Cristo!” Isso não vende! Não é propaganda inteligente.

É uma mensagem difícil de crer, porque autonegação é difícil de fazer. Acontece que essa é a verdade.

A PORTA ESTREITA

Então, o que você quer fazer? De acordo com muitas igrejas e muitos pregadores, a resposta é popularizar o evangelho: livre-se de toda essa conversa sobre negar-se a si mesmo e carregar a sua cruz e coloque uma banda decente no palco. Diga a todo mundo que Deus deseja que eles sejam felizes, bem-sucedidos e cheios de auto-estima.

O único problema é que dizer essas coisas para pessoas que não sabem nada dá a elas a ilusão de que estão salvas quando, na realidade, não estão. E algum dia, quando estiverem face a face com Cristo, elas dirão: “Senhor, Senhor!” E ele lhes responderá: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (veja Mt 7.23). E nesse caso, qual é o valor de uma ótima banda? Aproximadamente o mesmo de uma auto-estima sadia.

A humanidade deseja a glória. Desejamos saúde. Desejamos riqueza. Desejamos felicidade. Desejamos que todas as nossas necessidades sejam atendidas, que todos os nossos pequenos anseios sejam satisfeitos. Queremos uma vida sem dor. Queremos a coroa sem a cruz. Queremos o ganho sem o esforço. Desejamos que a mensagem da salvação cristã seja fácil.

É assim que as pessoas pensam. Porém, essa não é a instrução de Deus para nós. De acordo com Hebreus 2.10, o sofrimento tornou perfeito o Capitão da nossa salvação. E, portanto, também nós deveremos passar pelo teste do sofrimento. A primeira coisa que sofremos é a morte de todas as esperanças, todas as ambições, todos os desejos, todas as aspirações, todas as necessidades humanas.

Hoje, quando ouvimos um pregador evangélico que procura ajustar sua mensagem às necessidades humanas, somos levados a pensar que é fácil ser cristão. Repita apenas essas poucas palavras ou faça essa pequena oração e pronto! Você já é membro do clube. De acordo com a Bíblia, as coisas não funcionam desse modo. Em Mateus 7.13, durante o Sermão do Monte, Jesus admoestou seus seguidores: “Entrai pela porta estreita”. A conotação do termo *estreita*, nesse caso, é *apertada*. É uma compressão muito, muito, rigorosa. Não se pode carregar nada; passamos para o outro lado sem nada.

Existe também um portão religioso largo e amplo e entristece-me pensar que muitos pregadores e muitas igrejas estão conduzindo as pessoas através desse portão. Eles estão afirmando: “Você não precisa fazer todo esse trabalho duro para entrar no céu. Nós somos inclusivos, temos a mente aberta e pensamos que todos aqueles que demonstram interesse e desejo devem ser salvos”.

Na realidade, chegamos ao ponto em que pessoas que se denominam cristãs se têm *desculpado* por todos nós irremediavelmente inflexíveis e minuciosos: aqueles que se apegam às idéias antigas e fora de moda afirmando que o Cristianismo deve ser bíblico, exclusivo, inflexível e inconveniente. Recentemente, um grupo de mais de 50 pastores e leigos, incluindo um deão de uma escola de teologia, representando meia dúzia das principais denominações cristãs, publicou um anúncio num importante jornal insistindo que era “ética, moral e espiritualmente errado para qualquer pessoa, grupo, igreja ou religião, reivindicar o acesso *exclusivo* a Deus e à sua graça, bênção ou salvação... Exigências de exclusividade por parte de cristãos, e outros, têm desempenhado um papel autojustificador por causar indizível sofrimento humano...”

Desculpe-me, mas se os cristãos não reconhecem e pregam o fato de que a salvação nos é oferecida unicamente por meio de Cristo, eles estão conduzindo pessoas desavisadas através do largo portão que leva à destruição. Essa não é uma opinião pessoal; é a Palavra de Deus. As pessoas estão entrando rapidamente pelos largos, confortáveis e convidativos portões com toda a sua bagagem, suas necessidades individuais, sua auto-estima e seu desejo de realização e auto-satisfação. E o fato mais terrível a respeito de tudo isso é que essas pessoas pensam que estão indo para o céu. E há quem pense que lhes está fazendo um grande favor ao apresentar a elas um evangelho amigavelmente consumidor com o qual todos se sentem bem.

Porém, esse evangelho é falso, uma mentira traiçoeira. O portão de fácil acesso não leva ao céu. Ele indica “céu”, mas termina no inferno.

“Porque estreita é a porta,” diz Jesus em Mateus 7.14, “e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela”. Concordo que é difícil encontrá-la, especialmente hoje. Podemos ir a uma igreja, depois outra, e outra mais e nunca a encontrarmos. É uma porta muito estreita.

O mesmo ensino aparece em Lucas 13.23,24: “E alguém lhe perguntou: Senhor, são poucos os que são salvos? Respondeu-lhes: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão”. Ela é difícil de encontrar e é difícil passar por ela.

Por que é tão difícil encontrá-la em nossos dias, e por que é tão difícil passar por ela? É difícil encontrar porque muitas igrejas têm-se desviado na pregação da verdade do evangelho. E é ainda mais difícil, depois de termos ouvido a verdade, nos submetermo a ela. O homem adora a si mesmo. Ele é seu próprio deus. O que precisamos dizer às pessoas não é: “Venha a Cristo e você se sentirá melhor a respeito de si mesmo”, ou “Jesus deseja satisfazer todas as suas necessidades”. Jesus não quer satisfazer nossas necessidades – nossas necessidades mundanas, terrenas, humanas. Ele quer que estejamos dispostos a dizer: “Abandonarei todas as coisas que julgo necessitar por amor de Cristo”.

É difícil passar pela porta estreita porque é muito difícil negar a nós mesmos. A primeira exigência de Jesus em Lucas 9 foi a de que os cristãos deveriam negar-se a si mesmos, mas isso é quase impossível para nós. Nossa presunção é a realidade reinante na humanidade decaída; o homem é o mestre de sua própria alma, o capitão do seu próprio destino, o monarca do seu próprio mundo.

Dizer que ele precisa negar e matar a si mesmo é simplesmente demais para ser engolido. Pregue um evangelho que não inclua esse item e as pessoas se achegarão para sair do inferno e ir para o céu. Mas comece a pregar o *verdadeiro* evangelho, as palavras duras de Jesus que exigem total e absoluta autonegação – o reconhecimento de que não merecemos nada, nada nos recomenda e nada em nós é digno de elogio – e verá que isso é muito menos popular. E isso está vindo de alguém que foi objeto de censura em cadeia nacional de televisão por ter dito tais palavras.

AVALIANDO O CUSTO

Em Lucas 14.28-30 Jesus perguntou: “Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar”.

Se você for a Cristo, precisa avaliar os custos. Você já avaliou os custos? Você ao menos compreende que existe um preço a pagar? Sabemos qual é o preço porque, como já vimos, a Bíblia nos diz claramente, de modo inequívoco e repetidamente. O preço é a disposição de odiar seu pai e sua mãe, se necessário, odiar sua própria vida, tomar sua cruz e seguir a Jesus. Nada no mundo deve ser tão precioso para nós que nos leve a perder a Cristo.

A seguir, nos versículos 31,32: “Ou qual é o rei que indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? Caso contrário, estando o outro ainda longe, envia-lhe uma embaixada, pedindo condições de paz”. Ou você faz a paz com um inimigo que não pode conquistar ou se assegura de que tem as tropas necessárias para vencer a batalha. Em outras palavras, Jesus está dizendo: “Não venha a mim a não ser que já tenha avaliado os custos. E o custo é autonegação, autocrucificação e auto-submissão”.

Em Lucas 14.33, ele apresenta o ponto decisivo: “Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo”. Não seremos salvos por jogar fora todos os nossos bens terrenos, mas devemos estar dispostos a fazer isso. Isso mostra o quanto devemos estar devotados à causa de Cristo. Negaremos a nós mesmos todos os nossos anseios mundanos. Negaremos até mesmo o nosso direito à vida e daremos nossa vida, se necessário for, pela causa de Jesus Cristo. Nos submeteremos à sua vontade, seguindo-o em tudo o que ele nos pedir, quer ele diga que devemos perder essas coisas ou que podemos mantê-las. A decisão pertence a ele.

Jesus contou duas parábolas em Mateus 13, começando com o versículo 44. Ele disse: “O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo”. No versículo seguinte ele

conta a história do homem que achou uma pérola de grande preço e vendeu tudo o que tinha para comprá-la. A total renúncia de todas as posses é a essência da salvação. Significa: “Eu desisto de tudo. Eu nego a mim mesmo. Eu ofereço a minha vida, tanto para morrer, se necessário for, quanto em termos de obediência enquanto viver”.

Anteriormente falamos daqueles que insistem em que a pérola de grande preço na fé cristã é um “respeito genuíno e auto-estima”. Não é nada disso. A pérola de grande preço, o tesouro digno de tudo que você e eu possuímos é a graça salvadora de Jesus Cristo da qual somos irremediavelmente não merecedores, mas que podemos reivindicar como nossa ao negar-nos a nós mesmos, tomando diariamente nossa cruz e seguindo-o.

Essa é a mensagem do evangelho. Quando convidarmos alguém para seguir a Cristo é isso o que devemos dizer.

MANTENDO O CONSUMIDOR SATISFEITO

Agora vejamos a questão que está por detrás de toda a música pop, da autogratificação e da “diversão” que as igrejas sensíveis à busca e à solicitação humanas prometem: as pessoas não irão comprar o Cristianismo se ele for tão trabalhoso. Se ele não atender às suas necessidades, elas não estarão interessadas. Se elas desejam seis sabores de fruta e temos apenas dois para oferecer, nós já as perdemos. Elas buscam um Cristianismo com um sabor delicioso, e se, a curto prazo, ele tem menos conteúdo, bem, planejaremos a parte difícil mais tarde.

No mundo do marketing, isso configura um anúncio enganador. Anuncia-se uma TV por um preço mínimo, mas quando o consumidor chega à loja aquele modelo em particular não está disponível. Entretanto, há um outro mais caro que é bem parecido com o anunciado. Não é o que prometemos. Na realidade o que prometemos nunca existiu. A oferta foi uma enganação.

O que acontece numa igreja sensível às solicitações humanas quando alguém engole a isca? A pessoa pensa: “Este negócio de Cristianismo não é difícil

de modo algum. Encontre pessoas agradáveis, ouça uma mensagem inspiradora, música agradável e vá para o céu”. Mas em algum momento a verdade aparece. As duras palavras de Jesus são ouvidas: “Não estou falando a seu respeito, mas a meu respeito e tem a ver com sacrificar-se para seguir-me”.

É absolutamente certo que ninguém desejará ser cristão nessas circunstâncias, *a não ser que o Espírito de Deus esteja trabalhando em seu coração*. A não ser que o Espírito de Deus esteja fazendo a obra de convencimento, esteja despertando o coração morto e gerando fé, nada vai acontecer, *não importa o que você faça*. E então, *apenas a verdadeira mensagem de Jesus conectada ao trabalho do Espírito, produzirá verdadeira salvação*. A fonte da graça se abrirá e fluirá sobre o pecador penitente. Essa é a verdadeira essência da graça. É quando não apresentamos nada em nós mesmos como merecedor da salvação, mas afirmamos nosso ódio pelo eu inútil, que Deus nos concede graça para nos resgatar do pecado e do inferno.

Não podemos reinventar o evangelho para adequá-lo a nós, ao nosso próprio conforto e nossa conveniência. Mas é isso o que muitos estão fazendo hoje. Por essa razão escrevi este livro. Se modificarmos a mensagem para tornar o Cristianismo mais atraente, então o que apresentamos não é Cristianismo.

Não estou promovendo nenhuma forma de legalismo, apenas fidelidade às Escrituras, embora alguns me considerem um tanto ríspido e intransigente. Um amigo evangélico bem conhecido pensou que estavame fazendo um elogio quando me apresentou dizendo: “Este é o John MacArthur; ele é muito mais agradável pessoalmente do que em seus livros”.

Eu sorri e disse: “Pessoalmente é muito mais fácil demonstrar o amor de Cristo”.

Pastores e congregações bem-intencionadas fazem grandes esforços para passar ao largo dos ensinamentos de Jesus que são difíceis de crer. Eles não fazem isso porque são funestos ou maliciosos ou conscientemente dispostos a enganar alguém. Eles o fazem porque é agradável anunciar as boas-novas, mas palavras duras não são agradáveis. Palavras duras muitas vezes provocam confusão e embaraço; é difícil manter contato visual quando repetimos algumas delas.

Os cristãos não sabem como interpretar e compartilhar as palavras duras de Jesus, por isso se esquivam e mudam de assunto. Porém, apresentar meia mensagem é quase pior do que não apresentar mensagem alguma. Tudo o que

Jesus tem a dizer é importante. Não compete a nós decidir o que passamos para frente e o que tentaremos esconder.

Minha oração é que este livro o ajude a compreender que o convite certo do Cristianismo é aquele que se apresenta completo e transparente; que esconder a verdade não ajuda, ao contrário, fere infinitamente as pessoas; e que há maneiras pelas quais é possível usar a dimensão total do evangelho para proclamar uma mensagem evangélica poderosa e irresistível que o Senhor abençoará.

A DURA VERDADE

Talvez o mito dominante na igreja evangélica hoje seja a noção de que o sucesso do Cristianismo depende de quão popular ele é, e que o progresso do reino de Deus e da glória de Cristo dependem do favor público. Essa é uma fantasia antiqüíssima. Lembro-me de ler uma citação do apologista Edward John Carnell na biografia do pregador galês David Martyn Lloyd-Jones, escrita por Ian Murray. Durante o período de estruturação do Fuller Theological Seminary, Carnell assim se expressou referindo-se ao evangelicalismo: “Precisamos desesperadamente de prestígio”.

Os cristãos têm-se esforçado muito para obter posições de poder dentro da cultura. Buscam ser influentes do ponto de vista acadêmico, político, econômico, atlético, social, teatral, religioso e qualquer outro meio com a esperança de obterem exposição na mídia. Quando conseguem tal exposição – às vezes por meio da mídia, às vezes mediante um ambiente eclesiástico muito liberal, apresentam um evangelho reinventado num modelo pop que sutilmente elimina toda a ofensa do evangelho e dirige o povo para o céu ao longo de um caminho fácil. Desfazem-se de tudo o que é difícil de crer sobre auto-sacrifício, ódio à família, e tudo o mais.

A ilusão é que podemos pregar nossa mensagem com maior eficiência de nichos elevados de influência e poder cultural e, a partir do momento em que conseguimos a atenção de todos, podemos levar mais pessoas a Cristo se retirarmos a ofensa do evangelho e apresentarmos uma mensagem amigável e de fácil consumo. Porém, para alcançar esses nichos elevados, as figuras “cristãs” públicas diluem e comprometem a verdade; então, para permanecer no alto, elas se submetem à pressão de perpetuar o falso ensino para que seu público permaneça fiel. Dizer a verdade torna-se um lance insensato para a carreira.

Os pastores de igrejas locais estão entre os primeiros a serem levados a usar esse evangelho desenhado, modelado para se ajustar aos desejos do pecador e

cuidadosamente torcido para vencer a resistência do consumidor. Eles estilizam as reuniões da igreja para parecer, soar, sentir e cheirar como o mundo, com o objetivo de eliminar a resistência do pecador e atraí-lo para o reino por um caminho fácil e familiar.

A idéia é tornar o Cristianismo fácil de crer. Porém, a verdade não enfeitada, não distorcida, sem modificações e inevitável é que o evangelho é realmente difícil de crer. De fato, se o pecador é deixado por si mesmo, isso é absolutamente impossível.

A filosofia pop diz o seguinte: “Se eles gostarem de nós, gostarão de Jesus”. Todo o esquema funciona superficialmente, mas apenas se fizermos concessões à verdade. E não podemos simplesmente censurar os pregadores locais por reinventar o evangelho, pois não estão agindo de modo diferente dos grandes teleevangelistas e outros evangélicos mais amplamente conhecidos. Para manter suas posições de poder e influência, depois de tê-las conseguido, para manter essa aliança tênue com o mundo em nome do amor, poder de atração e tolerância, e para manter os não-convertidos alegremente na igreja, é necessário substituir a verdade por algo suave e inofensivo. De fato, como disse certa vez um calvinista: “Às vezes não apresentamos o evangelho de modo suficientemente verdadeiro para que o não-eleito o rejeite”.

Porém, não quero que me compreendam mal. Estou empenhado em atingir o mais longe possível, tanto aqui como ao redor do mundo, para espalhar o evangelho. Prefiro que a retidão prevaleça sobre o pecado. Prefiro elevar pessoas justas e expor o pecado por tudo o que ele realmente é, em toda a sua capacidade destrutiva. Almejo ver a glória de Deus estendida até os confins da terra. Almejo ver a luz divina inundar o reino das trevas. Nunca um leal filho de Deus sente contentamento diante do pecado, da imoralidade, da injustiça, do erro ou da descrença. O opróbrio que cai sobre o Senhor cai sobre mim, e o zelo por sua casa me consome assim como consumiu a Davi e a Jesus.

Entretanto, odeio as igrejas do mundo que se tornaram uma parte do céu para os hereges. Fico indignado com as igrejas da TV que, em muitos casos, se tornaram um antro de ladrões. Sentiria muito prazer em ver o Senhor divino empunhar um chicote e utilizá-lo contra a religião do nosso tempo. Algumas vezes oro salmos imprecatórios diretamente sobre a cabeça de algumas pessoas. Mas na maioria das vezes oro para que o reino venha. Principalmente oro

para que o evangelho penetre no coração dos perdidos. Compreendo por que João Knox exclamou: “Dá-me a Escócia ou eu morro. Por que mais haveria eu de viver”? Compreendo por que o missionário pioneiro Henry Martyn saiu correndo de um templo hindu exclamando: “Não posso suportar a existência se Jesus precisa ser tão desonrado!”

Estive num programa de rádio de entrevistas, numa importante estação de uma grande cidade no qual a anfitriã era uma “conselheira cristã” muito popular. Ela tinha um programa de três horas todos os dias da semana no qual aconselhava os ouvintes que telefonavam com todos os tipos de problema, alguns muito sérios. Pelo tipo de perguntas feitas a mim durante a apresentação, descobri que ela não havia lido muito a respeito de doutrina cristã. Fora do ar, durante um intervalo comercial, ela me disse: “O senhor usou a palavra ‘santificação’. O que exatamente ela significa?”.

Isso foi um sinal. Se ela não sabia o que significava santificação, então ela tinha muito o que aprender. Ainda estávamos fora do ar, então eu lhe perguntei: “Como foi que você se tornou cristã?”. Nunca me esquecerei de sua resposta. Ela disse: “Foi o máximo. Certo dia, encontrei o número do telefone de Jesus, e temos estado conectados desde então”.

“O quê?,” perguntei, tentando não parecer muito incrédulo. “O que você quer dizer com isso?”

“O que o senhor quer dizer quando me faz essa pergunta?,” retrucou ela bruscamente.

Ela não compreendia que até mesmo seu “testemunho” necessitava de uma explicação. Então ela perguntou: “Como o senhor se tornou cristão?”. Comecei a discorrer brevemente sobre o evangelho. Ela me fez parar e disse: “Ora, por favor, não é necessário mencionar tudo isso, não é?”.

Sim, é necessário.

Eu não fiz nenhum armistício com a situação do mundo. Fico indignado com o que desonra o Senhor. Sou contra tudo o que ele é contra e a favor de tudo o que ele aprova. Almejo ver as pessoas serem levadas à fé salvadora em Jesus Cristo. Odeio o fato de que pecadores morrem sem esperança. Estou comprometido com a proclamação do evangelho. Não sou limitado nesse sentido. Desejo ser uma pequena parcela do cumprimento da Grande Comissão. Desejo pregar o evangelho a toda criatura.

Não é que eu não esteja preocupado com a perda do mundo, ou que eu tenha feito uma trégua fácil com um mundo perverso e pecaminoso que desonra o meu Deus e Cristo. A única pergunta para mim é: Como posso fazer a minha parte? Qual é a minha responsabilidade? Certamente não será transigir quanto à mensagem. A mensagem não é minha, é de Deus, e é por essa mensagem que ele salva.

Não apenas não posso transigir com a mensagem como não posso transigir a respeito dos custos. Não posso mudar os termos. Sabemos que Jesus disse: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue” (veja Lc 9.23). Jesus disse que devemos tomar a nossa cruz até a morte, se assim ele pedir. Não posso fazer nada se esse evangelho ofende a sociedade mergulhada em amor por si mesma. E tenho certeza de que a pregação da verdade realmente influencia o mundo e genuinamente transforma uma alma de cada vez. E isso acontece unicamente pelo poder do Espírito Santo, o doador da vida, transmissor da luz e transformador da alma, em perfeito cumprimento do plano eterno de Deus. Sua opinião ou a minha opinião não fazem parte da equação.

O reino não progride pela inteligência humana. Ele não se desenvolve porque conquistamos posições de poder e influência na cultura. Não faz progresso graças à popularidade da mídia ou de pesquisas de opinião. Não avança por causa do favor público. O reino de Deus progride unicamente pelo poder de Deus, a despeito da hostilidade pública. Quando verdadeiramente o proclamamos em toda a sua inteireza, a verdade salvadora de Jesus Cristo é franca e chocantemente ofensiva. Proclamamos uma mensagem escandalosa. Do ponto de vista do mundo, a mensagem da cruz é vergonhosa. De fato, é tão vergonhosa, tão antagônica e tão ofensiva que até mesmo os cristãos fiéis lutam para proclamá-la, pois sabem que ela trará indignação e ridículo.

CONSTRANGIDOS POR JESUS

Tenho certeza de que você já observou, assim como eu também o fiz, como é difícil para os cristãos diante da televisão ou de um grande público, mencionar o nome “Jesus”. Mesmo líderes evangélicos bem conhecidos evitam a palavra quando falam diante de grandes audiências, para não mencionar termos

como “cruz”, “pecado”, “inferno”, e outros termos fundamentais da fé. Eles falam muito sobre fé, de um modo geral e não compromissado; entretanto, esquivam-se de qualquer afirmação que exija que assumam uma posição.

No rastro dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, muitos americanos instintivamente buscaram coragem e consolo em Cristo. Mas, mesmo assim, num culto na catedral nacional de Washington D.C., transmitido ao vivo para todo o mundo, um clérigo cristão fez uma oração em nome de Jesus, mas “respeitando todas as religiões”. Todas as religiões? Druidas? Adoradores de gato? Bruxas? Um ministro cristão, dentro de uma igreja cristã não deveria se sentir obrigado a qualificar ou se desculpar por orar em nome do verdadeiro Salvador.

Paulo faz uma notável afirmação em Romanos 1.16,17: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé”.

Por que Paulo diria: “Não me envergonho do evangelho”? Quem jamais se envergonharia de boas-novas como estas? Será que o cientista que descobrisse a cura para a Aids teria de vencer imensa vergonha para proclamá-la? A pessoa que tivesse descoberto a cura para o câncer teria necessidade de livrar-se de uma terrível vergonha para ser capaz de abrir sua boca? Por que é tão difícil mencionar a cruz?

Embora a mensagem de salvação apresentada por Paulo fosse a maior e mais importante mensagem da História, muitas vezes o público e as autoridades o trataram de maneira vergonhosa por pregá-la. Nessa altura do seu ministério, eles já o tinham posto na cadeia em Filipos (At 16.23,24), expulsado de Tessalônica (At 17.10), obrigado a sair às escondidas de Beréia (At 17.14), rido dele em Atenas (At 17.32), o estigmatizado como um tolo em Corinto (1Co 1.18,23), e o apedrejado na Galácia (At 14.19). Ele tinha todas as razões para sentir-se envergonhado; entretanto, seu entusiasmo pelo evangelho não diminuía. E ele nunca, nem por um momento, considerou a possibilidade de diluir a mensagem para torná-la mais aceitável para seus ouvintes.

Num momento ou outro da nossa vida cristã, todos nós já nos sentimos envergonhados e mantivemos nossa boca calada, quando deveríamos tê-la aberto. Ou, se tivemos a oportunidade, nos escondemos atrás de uma

mensagem inócua como: “Jesus o ama e deseja fazê-lo feliz”. Se você nunca sentiu vergonha de proclamar o evangelho, provavelmente é porque você não o tem proclamado claramente, em sua inteireza, como Jesus o proclamava.

Por que o executivo cristão não pode testemunhar diante do seu conselho de diretores? Por que um professor universitário cristão não pode se levantar diante de todo o corpo docente e proclamar o evangelho? Todos nós desejamos ser aceitos; entretanto, sabemos, como Paulo descobriu tantas vezes, que temos uma mensagem que o mundo rejeitará. Quanto mais firmemente nos apegamos a essa mensagem, tanto mais hostil o mundo se torna. Assim começamos a sentir vergonha. Paulo ergueu-se acima dela pela graça de Deus e o poder do Espírito e proclamou: “Não me envergonho”. É um formidável exemplo para nós, pois ele conhecia o preço da fidelidade à verdade: rejeição pública, prisão e, finalmente, execução.

Realmente a natureza humana não mudou muito ao longo da História; vergonha e honra eram tão importantes no mundo antigo quanto o são hoje. No século 9º a.C. o poeta épico, Homero, escreveu: “O bem principal era ser bem falado e considerado; o pior dos males era ser malfalado pela própria sociedade”. No século 1º d.C., o apóstolo Paulo pregava para “uma cultura sensível à vergonha e ávida por honra”, pregando corajosamente uma mensagem vergonhosa sobre uma pessoa publicamente humilhada.¹ E por isso a mensagem era ofensiva. Era escandalosa. Era estúpida. Era insensata. Era louca.

Sim, como está escrito em 1Coríntios 1.21: “Aproveu a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação”. Foi essa escandalosa, ofensiva, tola, ridícula, bizarra, absurda mensagem da cruz que foi usada por Deus para salvar aqueles que crêem. As autoridades romanas executaram seu Filho, o Senhor do mundo, usando um método reservado apenas à escória da sociedade. Seus seguidores tiveram de ser suficientemente fiéis para arriscar receber o mesmo fim vergonhoso.

A VERGONHA DA CRUZ²

Pregamos uma mensagem ofensiva quando falamos de Jesus na cruz. Ser crucificado era um insulto degradante, e a idéia de adorar alguém que tivesse

sido crucificado era absolutamente inimaginável. Sem dúvida, hoje não vemos pessoas sendo crucificadas como acontecia com os ouvintes de Paulo no século 1º; portanto, o impacto é algo passado para nós. Mas Paulo sabia o que tinha de enfrentar: “Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem” (1Co 1.18); “Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (ver 22,23). A mensagem da cruz é loucura, do grego *moria*, de onde vem, em inglês, a palavra “moron” [“débil mental” em português – N.T.]

Os versículos 22 e 23 nos falam sobre os judeus procurando por um sinal. “Se você é o Messias”, diziam eles a Jesus, “dá-nos um sinal”. Eles esperavam uma grande maravilha sobrenatural que identificaria o Messias prometido e os atrairia a ele. Queriam algo espalhafatoso, refulgente. Embora Jesus tivesse feito tantos milagres no decorrer do seu ministério, eles desejavam um supermilagre para o qual todos poderiam olhar e dizer: “Esse é o sinal!” Essa é a prova de que finalmente este é o Messias!”

Os gregos, por outro lado, não estavam muito interessados no miraculoso. Não estavam procurando um sinal sobrenatural, mas sim sabedoria. Queriam validar a verdadeira religião mediante alguma percepção transcendental, alguma idéia elevada, algum conhecimento esotérico, algum tipo de experiência espiritual, talvez até mesmo uma experiência fora do corpo, ou outro acontecimento emocional imaginário.

Os gregos queriam sabedoria e os judeus queriam um sinal. Deus deu-lhes exatamente o oposto. Os judeus receberam um escândalo, um Messias crucificado – escandaloso, blasfemo, bizarro, ofensivo, inacreditável. E para os gregos que procuravam conhecimento esotérico, algo elevado, nobre e grandioso, todo esse contra-senso do Eterno Deus criador sendo crucificado era pura idiotice.

Do ponto de vista tanto dos gregos como dos romanos, o estigma da crucificação tornou toda a noção do evangelho reivindicando Jesus como Messias um absoluto disparate. Um relance na história da crucificação na Roma do século 1º revela que os contemporâneos de Paulo pensavam sobre ela. Tratava-se de um modo horripilante de execução, originária, muito provavelmente, do império persa, embora outros bárbaros a usassem também. O condenado morria por sufocamento; uma morte agonizantemente lenta, tornando-se

gradualmente muito exausto e traumatizado para conseguir erguer o corpo apoiando-se nos pregos atravessados em suas mãos, ou empurrar-se apoiando-se no prego atravessado em seus pés, para conseguir respirar um pouco de ar. O rei Dario crucificou 3 mil babilônios. Alexandre, o Grande crucificou 2 mil habitantes da cidade de Tiro. Alexandre Janius crucificou 800 fariseus, enquanto os soldados chacinavam suas esposas e seus filhos diante deles.

Isso selou o horror da crucificação na mente dos judeus. Os romanos assumiram o poder em Israel em 63 a.C. e usaram a crucificação com grande frequência. Alguns autores afirmam que as autoridades crucificaram cerca de 30 mil pessoas durante esse período. Tito Vespasiano crucificou tantos judeus no ano 70 d.C. que os soldados não tinham espaço para fincar cruzes nem cruzes suficientes para os condenados. Foi apenas no ano 337, quando Constantino aboliu a crucificação, que essa modalidade de castigo desapareceu depois de um milênio de crueldade no mundo.

A crucificação era um modo repugnante e aviltante de execução destinada à escória da sociedade. A idéia de que alguém que morresse numa cruz pudesse ser de alguma maneira uma pessoa excepcional, elevada, nobre e importante era absurda. Os cidadãos romanos eram geralmente isentos da crucificação, a não ser que cometessem traição. As autoridades a reservavam para escravos rebeldes e povos conquistados e para ladrões e assassinos notórios. As políticas do Império Romano sobre crucificação levaram os romanos a considerar qualquer pessoa crucificada como absolutamente desprezível. Os romanos a usavam somente para a ralé, os mais ínfimos, os mais baixos dos baixos.

Primeiro os soldados flagelavam a vítima, depois a forçava a carregar a própria cruz, o instrumento de sua própria morte, até o local da crucificação. Uma inscrição ao redor do pescoço indicava o crime que ela havia cometido, e ela ficava totalmente nua. Então, os soldados a amarravam ou pregavam sobre as traves da cruz, a içava num poste ereto e a suspendia ali, nua. Os carrascos podiam apressar a morte quebrando suas pernas, pois isso deixava a vítima incapaz de erguer o corpo para encher seus pulmões de ar. Se ninguém lhe quebrava as pernas, a agonia da morte lenta podia durar dias. O ultraje final era que o corpo ficava pendurado até que os corvos os comessem.

Josefo descreve várias torturas e posições de crucificação durante o cerco de Jerusalém, a dor que era sentida em todos os ângulos possíveis e em todas

as partes possíveis do corpo, até mesmo nas partes não mencionáveis. Os gentios também consideravam qualquer pessoa crucificada com o mais absoluto desprezo. Era uma obscenidade. A sociedade mais fina simplesmente não mencionava crucificação. Cícero escreveu: “A própria palavra, ‘cruz’, deveria ser banida não apenas da pessoa de um cidadão romano como também dos pensamentos, dos olhos e dos ouvidos dele”.

E, diante de tudo isso, surge Paulo e toda a sua pregação estava centrada... na cruz! Podemos constatar algo do profundo desrespeito que os gentios demonstravam por qualquer pessoa crucificada em alguns dos pronunciamentos pagãos feitos sobre Cristo. Grafites desenhados sobre uma pedra numa prisão militar no Monte Palatino, perto do Circo Máximo em Roma, mostram a figura de um homem com cabeça de asno pendurado numa cruz. Embaixo, um homem em postura de adoração e uma inscrição que diz: “Elexa Manos adora seu Deus”. Essa apresentação ofensiva do Senhor Jesus Cristo ilustra vividamente a repugnância dos gentios por qualquer pessoa crucificada, e particularmente um Deus crucificado. Justino, em sua primeira apologia, em 152 d.C., assim resumiu a percepção gentílica: “Eles afirmam que nossa loucura consiste nisto, em que damos a um homem crucificado um lugar igual ao Deus eterno e imutável”. Absurdo!

Se a atitude dos gentios era ruim, a dos judeus era ainda pior e mais hostil. Eles detestavam a prática romana e a desprezavam ainda mais do que os próprios romanos. Do seu ponto de vista, qualquer pessoa que terminasse numa cruz cumpria Deuteronômio 21.23: “o seu cadáver não permanecerá no madeiro durante a noite... porquanto o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus”. Queria isso dizer que o eterno Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o próprio Senhor era maldito? Como poderia Deus amaldiçoar a Deus? É absolutamente inconcebível. O Messias amaldiçoado por Deus? Para um judeu, isso era impossível de imaginar.

Eles consideravam a crucificação não apenas como um estigma social, mas como uma maldição divina. Assim, o estigma da cruz ia além da desonra social ela significava a condenação divina. O Mishná, um comentário sobre a lei do Pentateuco datado do século 2º d.C., indica que apenas os blasfemos e idólatras deveriam ser crucificados, e mesmo assim o corpo deles só era pendurado na cruz pelo carrasco depois que já estavam mortos. Como poderia o Messias ser um blasfemo? Como poderia Deus blasfemar contra Deus? Os

judeus sentiam náuseas diante da idéia de um Cristo crucificado. Isso tornava o evangelho impossível de crer.

Se para muitos é problemático anunciar o evangelho hoje em dia, pode-se imaginar as dificuldades enfrentadas pelos cristãos primitivos. Se eles dissessem a verdade, estariam diante de um obstáculo intransponível: suas alegações eram insanas, escandalosas, ofensivas, blasfemas, impossíveis de crer.

Paulo não era um pregador do evangelho fácil. O próprio Deus, na forma de um Cristo crucificado era, em si mesmo, o maior obstáculo para se crer em Deus. E, francamente, parece impossível que Deus pudesse colocar qualquer barreira mais intransponível à fé no século 1º. Não consigo pensar num modo pior para oferecer o evangelho do que pregar a cruz.

Os gentios consideravam o evangelho cristão como uma superstição extravagante e perversa e como um delírio doentio. Martin Hengel, em sua instrutiva obra *Crucifixion*, assim se expressa:

Crer que o único preexistente Filho do único Deus verdadeiro, o mediador na criação e redentor do mundo tivesse aparecido em tempos recentes na esquecida Galiléia como membro do obscuro povo dos judeus, e, pior ainda, que tenha morrido a morte de um criminoso comum sobre a cruz, só podia ser considerado como um sinal de loucura. Os deuses da Grécia e de Roma podiam ser distinguidos dos humanos mortais exatamente pelo fato de que eram *imortais* – eles não tinham absolutamente nada em comum com a cruz como um símbolo de vergonha ... e, portanto, com aquele que ... foi “sujeitado da maneira mais ignominiosa” e “executado do modo vergonhoso”.³

Não é de admirar que tanto gentios quanto judeus detestassem a mensagem de Paulo! Era uma mensagem que estava além da possibilidade humana de crer. Não era uma mensagem amigável; era um absurdo ou uma obscenidade.

SABEDORIA TRANSFORMADA EM LOUCURA

Como se não fosse bastante o fato de que a crucificação carregava um estigma vergonhoso, havia também a vergonhosa simplicidade da cruz, um repúdio à sabedoria do mundo. Em 1Coríntios 1.19-21 lê-se:

Pois está escrito:

Destruirei a sabedoria dos sábios
e aniquilarei a inteligência dos instruídos.

Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêm pela loucura da pregação.

Tanto os judeus quanto os gentios se deleitavam com complexidades, especialmente os gregos com seu sistema filosófico. Compraziam-se em ginástica mental e labirintos intelectuais. Eles criam que era possível conhecer a verdade, mas apenas por aqueles com inteligência superior. Mais tarde esse sistema tornou-se conhecido como gnosticismo, a crença de que certas pessoas, pela virtude de seus elevados poderes de raciocínio, poderiam ascender acima da massa e chegar a um nível de iluminação espiritual.

No tempo de Paulo podemos reconstituir vestígios de pelo menos 50 filosofias diferentes agitando o mundo grego e romano. E o evangelho chegou dizendo: “Nada disso tem valor. Nós destruiremos tudo. Tragam toda a sabedoria do sábio, tragam o melhor, a elite, os mais bem instruídos, os mais capazes, os mais brilhantes, os mais inteligentes, o melhor da retórica, da oratória, da lógica; tragam todos os sábios, todos os escribas, os doutores da lei, os grandes debatedores e todos serão designados como tolos”. O evangelho diz que todos eles são loucura.

A citação de Paulo da passagem de Isaías 29.14 encontramos em 1 Coríntios 1.19: “Destruirei a sabedoria dos sábios”, era uma afirmação ofensiva para seu público. Basicamente, ele estava dizendo: “Lançarei fora todos os filósofos e toda sua filosofia”. Não havia sutilezas em Paulo, nada era vago ou ambíguo. Mas a mensagem não era de Paulo, como ele nos lembra quando afirma: “Está escrito” – literalmente, “Permanece escrito” – permanece como verdade divinamente revelada que o evangelho da cruz não faz concessões à sabedoria humana. Paulo era apenas o porta-voz de Deus. O intelecto humano não tem nenhum papel na redenção. E no versículo 20, é como se Paulo estivesse dizendo: “O que vocês pensam que têm para oferecer? Onde está o escriba? Que

contribuição este doutor da lei tem para dar? Onde está o debatedor? O que ele tem para oferecer? Todos eles são tolos”.

Primeira carta aos Coríntios 2.14 afirma: “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. Esse é o problema. Pessoas não-convertidas podem ter grande poder de raciocínio e intelecto, mas quando se trata de realidade espiritual e da vida de Deus e da eternidade, elas não têm nenhuma contribuição a fazer. Quer seja Atenas ou Roma, quer seja Cambridge, Oxford, Harvard, Stanford, Yale ou Princeton, ou qualquer outro, toda sabedoria compilada fora das Escrituras não apresenta senão tolices.

Deus sabiamente estabeleceu que ninguém jamais poderia conhecê-lo mediante a sabedoria humana. O único meio pelo qual se pode vir a conhecer a Deus é pela revelação divina e mediante o Espírito Santo. A palavra final a respeito da sabedoria humana a considera como tolice. O homem, mediante sua sabedoria, não pode conhecer a Deus.

UMA MENSAGEM CHOCANTE

Como, então, poderia uma pessoa conhecer a Deus senão pela sabedoria? “Pela loucura da pregação.” Você quer que as pessoas conheçam a Deus? Então pregue a mensagem. Jeremias 8.9 nos diz: “Os sábios serão envergonhados, aterrorizados e presos; eis que rejeitam a palavra do SENHOR; que sabedoria é esta que eles têm?” Se você rejeita a Escritura, você não possui nenhuma sabedoria. Se você mudar a mensagem da Escritura não estará pregando sabedoria.

Não temos nenhuma licença poética na proclamação do evangelho. Examine novamente 1Coríntios 1.18: “Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus”. Então, no versículo 21: “aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação”. E nos versículos 23,24: “mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus”.

Paulo proclamava uma única mensagem: o poder de Deus mediante a palavra da cruz é o que salva as pessoas. Os homens são instrumentos para a proclamação da mensagem, mas a mensagem não vem deles, vem de Deus. E esta é absolutamente a única mensagem que temos.

Qualquer *outra* pregação é falsa, e completamente inaceitável, como Gálatas 1.8,9 declara sem desculpas ou compromisso: “Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema”. Porém, o Cristianismo fácil, tão popular em nossos dias, substituiu a mensagem por outra que tenta eliminar a ofensa da cruz.

Hoje em dia, quase ninguém tolera a exclusividade e supremacia de Cristo, mesmo aqueles que se professam cristãos. A mensagem da cruz não é politicamente correta – é a singularidade do evangelho, mais do que tudo o que incomoda as pessoas. Pode-se imaginar, por um momento, o que poderia acontecer se uma celebridade ou líder político afirmasse: “Sou cristão, e se você não é, você vai para o inferno”?

Agora imagine se ele dissesse: “Todos os muçulmanos, hindus, budistas e todas as pessoas que pensam poder obter a salvação quer sejam protestantes liberais, católicos romanos, e todos os mórmons e testemunhas de Jeová – todos estão a caminho do inferno eterno. Mas eu me preocupo tanto com você que desejo pregar-lhe o evangelho de Jesus Cristo, porque isso é muito mais importante do que a guerra no Oriente Médio, o terrorismo ou qualquer política interna”.

Não se pode ser fiel e popular. Portanto, faça sua escolha.

O que Paulo afirma em 1Coríntios é que o evangelho discorda com as nossas emoções, discorda com nossa mente e com nossos relacionamentos. Bate violentamente contra nossas sensibilidades, nosso pensamento racional e as nossas tolerâncias. Ele é difícil de crer. E infelizmente essa é a razão pela qual pessoas preferem um acordo; e, quando fazem isso, tornam-se inúteis porque Deus salva mediante essa verdade.

A cruz em si mesma proclama um veredicto sobre o homem decaído. A cruz afirma que Deus exige a morte pelo pecado, ao mesmo tempo em que proclama para nós a glória da substituição. Ela resgata os que estão perecendo.

Os que estão perecendo são os condenados, os perdidos, os arruinados, os destruídos; estes são os perdidos, sob o julgamento de Deus por suas infundáveis violações de sua lei santa. E se você e eu não acolhermos o substituto, então arcaremos nós mesmos com a morte, e esta é a morte que dura para sempre.

A mensagem da cruz não diz respeito aos nossos anseios pessoais. Não apresenta um Jesus que o ama tanto que deseja vê-lo feliz. Fala a respeito de resgatar-nos da condenação, pois essa é a sentença que paira sobre a cabeça de todos os seres humanos. Assim, o evangelho é uma ofensa, seja qual for a perspectiva pela qual o examinemos. Não há nada na cruz que se encaixe confortavelmente com a visão que o homem tem de si mesmo.

O evangelho confronta a pessoa e a expõe por aquilo que ela realmente é. Ele ignora o desapontamento que ela sente. Não oferece nenhum alívio para as lutas do ser humano. Ao contrário, vai à profunda e eterna questão do fato de que a pessoa está condenada, e necessita desesperadamente ser resgatada. Apenas a morte pode realizar o resgate, mas Deus em sua misericórdia providenciou o substituto.

A TERRÍVEL DOCTRINA

Mais um aspecto que se coloca no meio do caminho de uma crença fácil é a verdade da soberania de Deus. Há alguns anos eu costumava ouvir as pessoas dizerem: “Nunca pregue sobre a doutrina da soberania de Deus quando você tem não-crentes entre seu público”. Essas pessoas literalmente me admoestaram sobre isso. Mas aqui está outra porção ofensiva das novas para o não-crente: Deus é soberano, você não é. Você não é o capitão de sua própria alma nem o senhor do seu destino. Você não tem seu destino em suas mãos.

De acordo com 1Coríntios 1.24, os que crêem são aqueles a quem Deus chama e soberanamente atrai. Deus os chama porque ele os *escolheu* (v. 27), *eklegomi*, escolheu-os para si. A palavra aparece novamente no versículo 28.

Como pode alguém ser salvo nesses termos? Não nos sobra nada! Somos completamente despojados de tudo. No versículo 30 lemos: “Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e

justiça, e santificação, e redenção”. Portanto, se de qualquer maneira tudo é obra de Deus, por que eu alteraria a mensagem? Por que tentaria manipular os resultados? O versículo 31 diz: “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”.

O meu amigo R.C. Sproul diz que: “A doutrina favorita de Deus é a soberania, e se você fosse Deus ela seria a sua doutrina favorita também”. Um maravilhoso sentimento como esse ajuda a compensar o mal-estar que sinto quando ouço evangélicos contemporâneos atacarem a soberania de Deus. Seu propósito na eleição é a salvação, porque se Deus não salvar as pessoas elas não serão salvas. Essa é uma dura verdade que muitos evangélicos proeminentes negam, roubando a glória de Deus e superestimando a capacidade dos espiritualmente mortos!

Um evangélico muito famoso diz: “Sugerir que o misericordioso, longânimo, gracioso e amoroso Deus da Bíblia poderia inventar uma doutrina terrível como a eleição, que nos faria crer que é um ato de graça escolher apenas certas pessoas para ir para o céu, chega perigosamente perto da blasfêmia”. Em outras palavras, afirmar que Deus soberanamente salva pessoas pelo seu poder é quase um insulto ao seu caráter (Ele não sugere de que outra maneira as pessoas seriam salvas).

Outro autor, diretor de um ministério nacional, insiste: “A teologia de-fectuosa da pré-eleição é uma tentativa de eliminar a capacidade humana de exercer seu livre-arbítrio, o que reduz o amor soberano de Deus a um ato de um mero ditador”.

Outro escritor acredita: “A eleição faz o nosso Pai celestial parecer-se com o pior dos déspotas”. Outro acrescenta que a doutrina da eleição é “o esquema teológico mais irracional, incongruente, autocontraditório, depreciativo do homem, desonroso para com Deus que jamais apareceu no pensamento cristão. Ninguém pode aceitar suas proposições contraditórias, mutuamente exclusivas, sem uma autodepreciação intelectual. Ela apresenta Deus como um tirano egocêntrico, egoísta, insensível, sem piedade e nos ordena a adorá-lo”.

Ainda outro diz: “Ela faz de Deus um monstro que eternamente tortura o inocente, retira do evangelho a esperança de consolação, limita a obra redentora de Cristo, resiste ao evangelismo, provoca discussão e divisão e promove um Deus pequeno, raivoso e julgador”.

E aqui está a mais alarmante de todas: “Dizer que Deus soberanamen-

te escolhe é a coisa mais desvirtuada que jamais ouvi, fazendo de Deus um monstro, em nada melhor do que um ídolo pagão”.

Que compreensão mais deturpada da doutrina da soberania! E está baseada num entendimento deficiente do pecado e numa indevidamente elevada visão dos pecadores caídos. O fato é que, de acordo com as Escrituras, se Deus soberanamente não abrisse os olhos dos espiritualmente cegos, ninguém jamais veria. Se Deus soberanamente não atraísse pecadores a Cristo, ninguém jamais iria, como diz Romanos 8.7,8: “Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus”. Nada sobre essa mensagem é atraente. Crer nessa doutrina é estar repleto de vergonha, ela é irracional, ilógica; e agride tudo o que é humano em nós, tudo que amamos com respeito à nossa situação de caídos.

O que faremos com essa impossibilidade? Paulo deu a resposta em 1 Coríntios 2.1-5:

Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana e sim no poder de Deus.

Aqui está onde Paulo chegou. Ele não fugiu da verdade dura da cruz, mas, ao contrário, submeteu-se a ela, dizendo na realidade: “Não estou procurando uma posição popular a partir da qual possa proclamar esta mensagem, ou promovê-la na dependência da aprovação pública. Prego a cruz vergonhosa porque esta é mensagem que me deram para pregar. Deixo nas mãos do poder soberano de Deus o trabalhar por meio dessa mensagem para produzir a fé que se baseia não na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus”. Que possamos dizer o mesmo.

A VERDADE NUM VASO INDIVIDUAL

Ao que parece, os cristãos têm nas mãos um produto pouco atraente para promover: Cristo na cruz. Essa é uma imagem fraca e vergonhosa que ofende a sensibilidade e choca as emoções refinadas das pessoas decentes. A afirmação de que os soldados romanos executaram o Deus do universo numa cruz, como um criminoso, também afronta nossa mente racional. É uma afronta ao orgulho que sentimos por possuir a dádiva da razão que nos coloca acima dos animais.

Ao nosso redor, um grande número de pessoas tolerantes afirma: “Muito bem, vocês assumem essa idéia da cruz e de Jesus ter sido crucificado, e essa é a verdade de vocês. Ótimo – somos um grupo inclusivo de pessoas. Vocês têm toda a liberdade de terem sua tola noção de religião, sua perspectiva absurda, sua história simplória e ridícula de um judeu crucificado; se essa é a verdade de vocês, tudo bem. Porém, essa não é a nossa verdade”.

Bem, aqui está a dificuldade: Essa *é* a sua verdade. É a verdade de *todas as pessoas*. É a *única* verdade. O poder do Cristo crucificado é o único poder de Deus por meio do qual ele salva. A salvação vem apenas pela fé no evangelho, o evangelho de Jesus. Sem evangelho não há salvação. Sua absoluta exclusividade tem sempre se constituído numa mensagem vergonhosa, embaraçosa e inconveniente para os pecadores sábios segundo o mundo, mas a verdade é inegociável. Outras religiões não são verdadeiras e levam somente à perdição eterna. O Islamismo é um sistema de perdição. O Budismo é um sistema de perdição. O Hinduísmo é um sistema de perdição. Só o fato de não crer no evangelho é, em si mesmo, suficiente para condenar uma pessoa.

As pessoas que pertencem a uma religião falsa não adoram o verdadeiro Deus com nomes diferentes, como sugerem alguns. Inadvertidamente eles adoram os demônios de Satanás. Eis o que a Bíblia diz: “As coisas que eles sa-

crificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus” (1Co 10.20). Ainda assim, existe um livro intitulado *The Christ of Hinduism*, no qual é argumentado que os símbolos e as doutrinas do Hinduísmo contêm a mensagem cristã. Mas não existe um Cristo do Hinduísmo, nem o verdadeiro Deus tem qualquer relação com o Hinduísmo. Cristo é o único caminho para o único verdadeiro Deus, e o Cristianismo bíblico é o único caminho para o único verdadeiro Cristo. Pessoas desorientadas que reconhecem outro deus e participam de outra religião não estão adorando e sacrificando a Deus, mas a demônios. Eu não inventei isso. Não é a minha teologia. Isso é 101% Cristianismo.

PROCURAM-SE PESSOAS IMPORTANTES

O evangelho verdadeiro, exclusivo e estreito é suficientemente difícil de crer nesses termos. Porém, para tornar as coisas ainda mais difíceis, desde o início, aqueles que o proclamavam eram pessoas rejeitadas que não tinham nenhuma posição na sociedade nem eram respeitados por ela, como Paulo, que pregava fielmente essa mensagem descabida. As pessoas que proclamam a mais importante verdade difícil de crer são, em geral, aquelas que o mundo despreza, subestima e ignora.

Em 178 d.C. Celso escreveu que os cristãos eram as pessoas menos instruídas e mais vulgares que existiam. Não é de se surpreender. Em 1Coríntios 1.26-29, Paulo nos diz que isso era plano divino. Propositadamente, Deus escolheu os tolos, os não-intelectuais para envergonhar os sábios:

Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.

Deus escolheu os fracos – a palavra usada por Paulo no versículo 27 é *asthenes*, vazio de força, vazio de poder. Ele escolheu a base – *agenes*, pessoas

humildemente nascidas, sem qualquer importância. Essa caracterização dos cristãos como intelectualmente ignorantes está impregnada na cultura popular de nossos dias. Muitas pessoas poderosas concordariam com Ted Turner, o magnata da mídia bilionária, quando afirmou: “O Cristianismo é para os perdedores”. Como Paulo nos relembra tantas vezes, o método de Deus é diferente do método do mundo e sua definição de vitória não tem nenhuma relação com as políticas da sala da diretoria ou com o tamanho de sua conta bancária. O prêmio nesse caso é a vida eterna.

Alguns anos atrás, li uma história sobre a pessoa considerada como a mais insignificante do mundo. Sua mãe havia escrito o seu nome na certidão de nascimento: Nosmo King. Alguém perguntou onde ela encontrara esse nome. O caso era que a mãe era analfabeta; por isso, ela apenas copiou o aviso de “Não Fume” [*No Smoking*] que havia na sala. Aí está a pessoa mais nula, com um nome tirado de um aviso para não fumar.

Se anunciarmos o evangelho difícil de Jesus Cristo, podemos ser humilhados como um Nosmo King do mundo: um perdedor, um ninguém. Em 1 Coríntios 1.28 diz que Deus escolheu as coisas “desprezadas”, *exoutheneo*, consideradas como nada. Os cristãos são colocados numa situação tão humilhante quanto possível. Somos “as coisas que não são”, literalmente “as não-existentes”. É inerente à natureza humana desejar ser *alguém*. Então, o Senhor decidiu fazer de maneira diferente, escolhendo como seus mensageiros os ninguéns impotentes e não-intelectuais que o mundo considera como nada segundo seus padrões.

Pode-se imaginar o que Deus estaria pensando nessa situação? Ele não teria gostado de escolher pessoas importantes? Não teria preferido ter pessoas de prestígio no seu grupo? Ele é o criador – poderia ter qualquer um que desejasse. Temos muito com que nos ocupar apenas com a mensagem e o convite. Não seria um grande auxílio se algumas pessoas realmente importantes estivessem trabalhando nisso também?

Considerando que a mensagem é tão pouco atraente e difícil de crer, talvez necessitássemos de mensageiros realmente importantes. Precisamos de alguns intelectuais mundialmente conhecidos, alguém da realeza, algumas beldades, algumas celebridades, algumas estrelas esportivas de primeira classe, que fariam com que todo esse material embaraçoso e confrontador fosse absorvido

mais facilmente. Talvez pudéssemos superar a resistência dos consumidores se tivéssemos algumas pessoas em posições importantes, os elevados e importantes, os poderosos e influentes; então, embora a mensagem seja uma absoluta tolice bizarra, talvez eles conseguissem vendê-la.

Ouvi com freqüência esse tipo de proposta ao longo dos anos. Se apenas algumas pessoas famosas pudessem ser salvas, imagine o poder que o testemunho delas teria! Ou se aquele famoso atleta, ou aquela personalidade da mídia, das artes, ou da política se tornasse cristão, que impacto teria seu testemunho! Mas as coisas não funcionam dessa maneira. Não importa quão poderosos e influentes alguns pregadores do evangelho se tornem dentro da cultura, posstar-se numa posição de prestígio não é suficiente para compensar o desagrado da mensagem nem superar a obstinação da vontade do pecador. Além disso, que artista vencedor ou estrela de cinema estaria disposto a levantar-se, na premiação do Grammy ou do Oscar, e compartilhar o evangelho? O público o expulsaria do palco. Ele pode agradecer a Jesus pelo prêmio, mas um pandemônio se instalaria se ele proclamasse as verdades sobre o inferno, pecado, arrependimento e salvação unicamente em Jesus Cristo.

Entretanto, parece uma boa idéia. E, embora Deus em sua sabedoria possa nos enviar uma estrela do cinema com seu coração em brasa pelo evangelho, de acordo com Paulo, isso não é provável. Observemos sua linguagem no versículo 26: “Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios... – *sophos*, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento”.

Não quero dizer que apenas os derrotados e desconhecidos do mundo são cristãos e desejosos de compartilhar toda a verdade do ensino de Jesus. Algumas pessoas famosas e populares são crentes e ocasionalmente podemos encontrá-las. Morando perto de Los Angeles, às vezes encontro estrelas e personalidades bem conhecidas, e a evidência de que o Espírito Santo está agindo nessas pessoas me dá coragem.

Uma vez, depois de haver sido entrevistado por Larry King, recebi o chamado telefônico de uma figura proeminente do negócio do entretenimento que disse: “Preciso falar com o senhor”. Fui à sua casa em Beverly Hills e passei duas horas ouvindo-o falar sobre suas crenças religiosas e explicando-lhe a autoridade das Escrituras e a exclusividade de Cristo. Aparentemente, depois

de tudo que eu e outros participantes da entrevista tínhamos dito, era a autoridade bíblica e Jesus como o único Salvador que o perturbavam. Ele estava procurando, estava interessado – mas a exclusividade do evangelho era mais do que ele podia aceitar. Espero que algum dia, quando todas as outras opções para a paz de espírito se provarem vazias, a semente do evangelho floresça em seu coração.

Poucas experiências em minha vida têm sido mais gratificantes do que observar a jornada espiritual de um dos maiores guitarristas clássicos do nosso tempo, Christopher Parkening. Chris cresceu no sul da Califórnia e fechou um contrato de gravação com um dos selos internacionais mais importantes antes de completar 20 anos. Em poucos anos, ele era um artista conhecido internacionalmente. Seu objetivo era tornar-se milionário antes dos 30 anos, e ele o conseguiu com folga. Chris assinava contratos para concertos com anos de antecedência e seus discos foram campeões de venda nos Estados Unidos e na Europa.

Porém, como a formiga que luta para escalar o formigueiro apenas para descobrir que não existe nada para ver, Chris alcançou todos os seus objetivos, mas não encontrou contentamento nem um sentido de realização em sua vida. Um dia, pela providência de Deus, ele soube da existência da nossa igreja por intermédio de um vizinho e resolveu tentar. Sua alma abriu-se para a forte influência do Espírito Santo e ele curvou-se ao senhorio de Jesus Cristo. Hoje, ele é não apenas um amigo querido, mas um fiel seguidor de nosso Senhor, alegremente submisso à Palavra de Deus. O amor de Cristo enriquece e completa sua vida de uma maneira que nenhuma quantia de sucesso terreno poderia fazer. Ele se tornou um embaixador do Senhor na música clássica. Em seus concertos, distribui gravações do seu testemunho; a fama que anteriormente servia apenas ao ganho material, agora dá ao Chris o privilégio de proclamar seu soberano Salvador a milhares que, de outro modo, talvez nunca ouvissem o verdadeiro evangelho.

De vez em quando, a graça de Deus converte pessoas proeminentes. Mesmo assim, o evangelho nunca caminhou ao longo da História no cumprimento do plano redentor contando com o prestígio de personalidades influentes. Ele avança, na maior parte das vezes, conosco – os insignificantes, impotentes, os ninguém.

BARRO COZIDO

Por que Deus faz assim? Ele o faz para envergonhar o sábio, envergonhar o forte, para os anular. Deus não quer que pessoas inteligentes e poderosas recebam crédito por aquilo que só ele faz. Paulo usa a forma de *katargeo* em 1Coríntios 1.28 significando “para neutralizá-los, torná-los inoperantes”. Deus torna todo o grande intelecto do mundo inoperante. Ele retira o evangelho das pessoas importantes e o entrega aos não-importantes para que, no fim, versículo 29: “ninguém se glorie na presença de Deus”: ninguém pode exigir créditos pelo progresso do evangelho. Nenhum ser humano jamais receberá créditos por esse trabalho divino.

Paulo tornou tudo isso ainda mais claro em 2Coríntios 4.5-7, quando escreveu: “Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus. Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós”.

Paulo chamou aqueles que carregam e pregam o tesouro do verdadeiro evangelho de *ostrakinos*, traduzido aqui como “vasos de barro”. Na verdade, a expressão “vasos de barro” é honrada demais; não que ela seja muito importante, mas é um termo exageradamente honrado para traduzir a palavra *ostrakinos*. O termo significava um pote de barro cozido muito barato, grosseiro, feio, quebrável, fácil de repor, sem valor. Era o pequeno pote onde se colocavam plantas.

O contraste é tremendo. Temos esse tesouro da gloriosa luz do evangelho, aquela que brilha no nosso coração, a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo, em nós – num vaso de barro barato.

Paulo reunia todo o brilho, toda a glória da verdadeira revelação da natureza de Deus manifestada em Cristo. Ele tentava descrever aquilo que é mais indescritível e inexplicavelmente belo e afirmando que este tesouro – o tesouro da realidade divina do evangelho – residia em vasos de barro! Nós somos barro cozido, isso é o que somos, carregando a mensagem do eterno reino divino de luz e vida.

As pessoas menosprezavam Paulo por causa da sua aparência insignificante. Seus críticos diziam que ele era pouco atraente e seu discurso absolutamente “desprezível” (2Co 10.10). Ele tinha um problema físico repulsivo. Alguns estudiosos pensam que ele tinha algum tipo de líquido de aspecto desagradável que vertia de seus olhos. Ele não tinha a “aparência” necessária que o tornaria popular e bem-sucedido em nossos dias. Nenhuma presença cênica. Não demonstrava nenhum dom de oratória, perspicácia intelectual ou sofisticação como os filósofos e rabinos populares e fascinantes de seus dias. Ele era apenas barro cozido. Mas assim estava bem para ele, porque esse era o modo que Deus tinha planejado e que deixava perfeitamente evidente qual era a fonte do poder. E como esse poder fluiu através de Paulo!

Li e reli *William Tyndale*, a importante biografia escrita por David Daniell. Thomas More era o grande defensor do catolicismo romano na Inglaterra e ele se sentia como um servo de Deus enfrentando William Tyndale e fazendo todo o possível para destruir o trabalho dele. Tyndale fez aquilo que More considerava como algo absolutamente terrível: traduziu a Bíblia numa linguagem que o povo pudesse ler e entender, num desafio à hierarquia católica do seu tempo. Eles temiam que a igreja perderia a sua influência se qualquer pessoa comum das ruas, e não apenas os intérpretes oficiais da igreja, que sabiam o latim, pudesse ler e compreender a Bíblia. Os contemporâneos de Tyndale o perseguiram sem trégua, forçando-o a viver no exílio com a certeza de que, se voltasse à Inglaterra, seus inimigos o matariam, como matavam os que liam o Novo Testamento. Finalmente seus inimigos o acossaram, puseram-no na cadeia e o executaram na França. Seu crime? Ter traduzido a Bíblia para o inglês.

Thomas More não atacou apenas a William Tyndale, mas a Martinho Lutero também. Parte da acusação contra Tyndale consistia na afirmação de que ele era seguidor de Lutero. Thomas More surgiu com um título sagaz para Lutero: ele o chamou de “vaso privado”. Será necessário explicar? Ele era o vaso no qual os dejetos humanos eram expelidos naqueles dias, antes das modernas instalações sanitárias de hoje. Thomas More usou um insulto escatológico para tentar humilhar Lutero (e Lutero não se furtava a responder a seus críticos com outras expressões escatológicas próprias). Infelizmente, esse tipo de linguagem era usado até mesmo em alguns debates teológicos daquele tempo.

Entretanto, More estava quase certo. Sua intenção era insultar, mas de fato ele ecoava o que as Escrituras afirmam. Em 2Timóteo 2.20 Paulo escreveu: "...numa grande casa não há somente utensílios de ouro e prata; há também de madeira e de barro. Alguns, para honra; outros, porém, para desonra". Numa casa grande encontramos alguns recipientes de ouro e de prata. Mas também temos outros recipientes que são tinas de madeira e potes de barro. Os que são de ouro e prata servem para propósitos honrados, e os que são de madeira ou barro para propósitos desonrosos. Agora use somente a sua imaginação. O alimento é servido em utensílios de ouro e prata e é expelido naqueles de barro ou madeira.

Paulo sabia do que falava quando chamou os cristãos de "vasos de barro". Somos barro cozido. Somos vasos privados. O progresso do evangelho nunca ocorrerá por nossa causa.

Isso explica por que Deus não escolheu os primeiros pregadores entre os apóstolos em razão de seu intelecto superior, posição ou proeminência. Como escrevi em meu livro *Doze Homens Comuns*, esses 12 eram tão comuns que desafiavam toda a lógica humana: nenhum mestre, nenhum sacerdote, nenhum rabino, nenhum escriba, nenhum fariseu, nenhum saduceu, nem mesmo um maioral da sinagoga – ninguém da elite. A metade deles era pescador, e os outros eram trabalhadores comuns. Um, Simão o Zelote, era um terrorista membro de um grupo que andava com espadas no cinto tentando matar os romanos. E finalmente Judas, o perdedor de todos os perdedores.

O que o Senhor pretendia? Ele escolheu pessoas sem absolutamente nenhuma influência. Nenhum dos grandes intelectuais do Egito, da Grécia, de Roma ou de Israel estava entre os apóstolos. Durante a época do Novo Testamento, os maiores eruditos estavam, muito provavelmente, no Egito. Os filósofos mais importantes estavam em Atenas. Os poderosos em Roma. Os especialistas em Bíblia em Jerusalém. Deus desprezou-os a todos e escolheu em seu lugar vasos de barro. Imagine o seguinte: ele deixou para trás Heródoto, o historiador; preteriu a Sócrates, o grande pensador. Ele deixou para trás o pai da medicina, Hipócrates. Ele preteriu Platão, o filósofo; Aristóteles, o sábio; Euclides, o matemático; Arquimedes, o pai da mecânica; Hiparco, o astrônomo; Cícero, o orador e Virgílio, o poeta. Deus não deu atenção a

nenhuma dessas pessoas quando escolheu os pregadores da mensagem da salvação difícil de acreditar.

Ele continua agindo assim. Ele mantém sua atitude de ignorar os utensílios de ouro e prata e escolher os vasos de barro.

O REFUGO

A sua auto-estima já levou um bom golpe? Ainda há mais por vir. Em 1 Coríntios 4.6, Paulo escreveu: “Estas coisas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo, por vossa causa, para que por nosso exemplo aprendais isto: não ultrapasseis o que está escrito; a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro”. Paulo falava sobre o fato de que ele não desejava que ninguém o considerasse como sendo alguma coisa: “... importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus” (v. 1). Em outras palavras: “Não me transformem em algo importante. Não coloquem o meu nome em cidades e catedrais em minha honra. Sou apenas um servo de Cristo, um despenseiro dos mistérios de Deus. Sou apenas um remador, um escravo de terceira classe das galés; eu puxo meu remo e é exatamente essa a minha tarefa, nada que mereça atenção especial”.

No versículo 3, ele afirma que não importa o que as pessoas pensam a seu respeito: “...a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por tribunal humano; nem eu tampouco julgo a mim mesmo”. Ele afirmava: “Não me importo nem com o que eu mesmo digo a meu respeito. Você não conhece a verdade e eu sou tendencioso a meu respeito, e provavelmente nenhum de nós está certo. Não julguem. Deixem que o Senhor o faça. Não podemos nos avaliar uns aos outros em termos de quem é mais importante do que o outro. Somos apenas vasos de barro”.

Primeira Coríntios 4.7: “Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se não o tiveras recebido?” Ele começava a tornar-se sarcástico. Versículo 8: “Já estais fartos, já estais ricos; chegastes a reinar sem nós; sim, tomara reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco”.

Então Paulo faz esta incrível afirmação no versículo 9: “Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens”. Paulo considerava os apóstolos como os mais inferiores, como criminosos no corredor da morte a quem seus capturadores arrastavam pelas ruas a caminho da execução.

No versículo 13 ele diz: “...até agora, temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos”. Outro modo de traduzir isso seria: “Nós nos tornamos a escória do mundo e o refugio de todas as coisas”. Escória? Refugio? Dificilmente essa seria a maneira de atrair uma multidão de seguidores. *Perikatharma* é a palavra para escória. *Katharma*, relacionada a catarse, significa “limpar” e *peri* é a palavra para ao redor. A *perikatharma* é a escória que fica no fundo da panela, o resíduo que precisa ser meticulosamente esfregado para ser removido. No mundo antigo, a palavra era usada num sentido metafórico para descrever a classe mais baixa de criminosos que os oficiais ofereciam como sacrifício humano para apaziguar os falsos deuses que eles temiam. Se você deseja afastar de si o deus raivoso, porque imaginava que ele poderia mandar uma praga ou uma carestia de alimento ou a perda de uma guerra, procurava alguém da escória, um imundo que não seria procurado por ninguém e que todos gostariam de ver eliminado, e o colocava sobre um altar como sacrifício para acalmar a sua divindade. Paulo diz que é assim que o mundo nos vê. Somos a escória.

Então ele diz que somos a *peripsema*, o refugio. Caímos cada vez mais baixo. Era possível remover a *perikatharma* esfregando meticulosamente. Esse resto é o torrão sujo e grudento que não sai senão raspando-o fora. É o último refugio obstinado absolutamente inútil que gruda no fundo da panela que já foi esvaziada e limpa.

Você pode ter uma idéia da desesperança dessa tarefa? O convite para a salvação faz com que as pessoas literalmente matem todos seus sonhos, ambições, necessidades imaginárias e desejos egoístas. E então as chamamos para o arrependimento e a fé que são absolutamente contra a índole de todo impulso humano normal. Para completar nosso problema, a grande maioria das pessoas que oferece esse convite é escória aos olhos do mundo.

Se eu arquitetasse um plano para fazer um impacto sobre a humanidade decaída, essa não seria minha abordagem: apresentar uma mensagem impossí-

vel, um convite impossível e então anunciá-los por meio das pessoas mais insignificantes do mundo, aquelas a quem os outros provavelmente desprezarão e humilharão, ou mesmo odiarão e caluniarão – e às vezes matarão.

A ESTRATÉGIA EVANGELÍSTICA DE PAULO

A mensagem é afrontosa e os mensageiros são vasos privados. A situação parece absolutamente irremediável. Que estratégia poderia resgatar os cristãos e o evangelho de circunstâncias tão miseráveis e impossíveis? Como eles poderiam sobreviver?

Paulo nos deu a resposta com confiança em 2Coríntios 4, colocada em termos do que *não* se deve fazer. Primeiro: não nos renderemos covardemente. Versículo 1: “...tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos”. Paulo assumia que as pessoas o rejeitariam. Ele esperava hostilidade. Ele sabia que suas palavras seriam recebidas com ódio. Ainda assim, diz: “não desfalecemos”, *enkakeomen*, significa literalmente não nos entregamos ao mal, não perdemos a coragem. Não nos tornaremos covardes, não desmoronaremos sob esse tratamento, porque, se desmoronarmos, seremos inúteis para Deus.

Os falsos mestres que Paulo encontrou em Corinto eram entendidos em mercado. Eram os estrategistas originais dos interessados nos clientes, vendendo suas imagens, embrulhando suas mensagens com aquilo que as pessoas gostavam de ouvir. As pessoas queriam que sua religião fosse um pouco metafísica, um pouco de oratória, um pouco filosófica, um tanto transcendental, um pouco alegórica e um pouco legalista. E desejavam ouvi-la da boca de oradores hábeis e persuasivos. Aqueles que adotavam essa abordagem evitavam a hostilidade que os verdadeiros pregadores recebiam. Paulo não caía no engodo de servir de instrumento para essas exigências. Ele afirmou: “Não somos covardes. Não desfalecemos”. Ele se recusou a sentir-se desencorajado e transigir com a verdade porque isso poderia lhe custar muito caro.

Ponto estratégico número dois: Não falsificaremos a mensagem. Versículo 2: “...rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com

astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade”. É duro, é impossível, é difícil, é penoso; mas não nos tornaremos covardes e não falsificaremos a verdade. Não andaremos em *panourgia*, em astúcia, adulterando a Palavra de Deus, alterando o evangelho para torná-lo menos ofensivo de modo a ser recomendado pelas pessoas. Ao contrário, seremos fiéis ao evangelho, manifestando a verdade recomendando-nos à consciência de todo homem, sob o olhar de Deus. Não nos renderemos. Não alteraremos a mensagem.

Terceiro: Não manipularemos as pessoas para alcançar os resultados desejados e superficiais, porque sabemos que, segundo afirma 2 Coríntios 4.3,4, “...se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”. O problema não é a semente, é o solo. É a condição estéril e não receptiva do coração humano. Paulo afirma que ele não usaria palavras e técnicas para manipular os resultados, pois compreendia que quando as pessoas não crêem, elas estão numa condição de morte espiritual. Estão cegas e perecendo graças a Satanás. Se nosso evangelho está encoberto para alguns, ele está encoberto porque tais pessoas, assim como todos os pecadores, são incapazes de compreender. Mudar a mensagem, manipular as emoções ou a vontade, é inútil, uma vez que ninguém pode crer se Deus não lhe conceder o entendimento.

Não há nada errado com a mensagem. Não pode haver. É a Palavra de Deus! Como poderíamos ser tão arrogantes e pretensiosos a ponto de tentar mudá-la? Se eles não ouvem a mensagem, música agradável não vai ajudar. Se não vêem a luz, tecnologia eletrônica na apresentação não ajudará. Se não gostam da mensagem, teatro e vídeo não ajudarão. Estão cegos e mortos. Nossa tarefa é continuar pregando, não a nós mesmos, não a nossa mensagem manipulada, mas arrependimento e submissão a Cristo Jesus como Senhor. A mensagem nunca muda. Podemos não ser nada mais do que barro cozido, mas carregamos uma mensagem sobrenatural de vida eterna à qual não renunciaremos.

O quarto ponto estratégico de Paulo é: não tentaremos obter popularidade. Versículos 8-12:

Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida.

O versículo 13 nos dá a chave: “Tendo, porém, o mesmo espírito da fé, como está escrito: Eu cri; por isso, é que falei. Também nós cremos; por isso, também falamos”.

Não deveríamos esperar popularidade. O que deveríamos esperar? Paulo nos dá uma lista: aflição, angústia, perseguição, desamparo, e sempre carregando no corpo a morte de Jesus, sempre prontos para morrer, sempre perseguidos por aqueles que tramam a morte. Ele sabia que cada nova manhã poderia ser o dia de sua morte. A morte trabalhava nele como uma experiência diária, uma antecipação constante. Na sua mente ele devia vivenciar seu funeral diariamente, pois poderia morrer a qualquer momento. Entretanto, essa grande verdade nunca mudou: “Eu cri; por isso, é que falei”. É isso aí, cristão. Você crê e você fala.

Ponto estratégico número cinco: Não contemplemos sucesso terreno. Por quê? Porque cremos e falamos:

Sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará e nos apresentará convosco. Porque todas as coisas existem por amor de vós, para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para a glória de Deus. Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se vêem; mas nas que se não vêem porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas. (2Co 4.14-18)

Não estamos preocupados com o temporal e transitório. O nosso sucesso não é medido em horas ou nem mesmo séculos. Nosso foco está fixado na eternidade.

O evangelho é difícil de crer e as pessoas que o apresentam ao mundo são insignificantes. O plano ainda é o mesmo para todos aqueles que são vasos de barro de Deus. Para resumir, aqui estão os humildes cinco pontos da estratégia de Paulo: Não desanimaremos. Não alteraremos a mensagem. Não manipularemos os resultados porque compreendemos que uma profunda realidade espiritual move aqueles que não crêm. Não esperaremos por popularidade, e assim não ficaremos desapontados. E não nos preocuparemos com o sucesso visível e terreno, mas investiremos nossos esforços naquilo que é invisível e eterno.

Em 2Coríntios 4.6,7, Paulo escreveu: “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós”. E isso nos traz de volta ao começo desse capítulo; no final de tudo, não existe nenhuma explicação humana para o crescimento da igreja. O mundo pensa que somos esquisitos e bizarros. Somos os perdedores. Somos os vasos privados. Ainda assim, através da boca de Paulo e da de outros desajustados ao longo dos séculos, a igreja inexplicavelmente avança na história do mundo com imenso poder acima de qualquer outra coisa. Apenas o evangelho transforma pecadores em santos pelo transplante de homens e mulheres do reino das trevas para o reino do Filho amado de Deus – da morte eterna para a vida eterna. Esse é o poder para criar novos seres, adequados para a presença de Deus e sua glória.

Se trouxéssemos até nossa igreja um ônibus cheio de astros do cinema, grandes empresários ou os eruditos de uma torre de marfim (assumindo que eles concordariam em entrar no ônibus), eles nos olhariam e ririam: “Essas pessoas não podem mudar o mundo!” Não, não podemos. Mas para aqueles que se mantêm fiéis à verdade total do Cristianismo, Deus está mudando o mundo por meio deles. Ele tem feito isso ao longo de toda a história.

O MELHOR EXEMPLO

Paulo sofreu e lutou enormemente a serviço de sua fé. Talvez se pudesse argumentar que ele não é o melhor exemplo pelo qual poderíamos estruturar nosso comportamento. E se examinássemos o exemplo máximo de um mestre e expositor cristão, o próprio Cristo? Certamente veríamos como tratar esta mensagem pouco atraente de um Salvador crucificado que apenas a escória da sociedade anunciava. Afinal, com certeza veríamos um lampejo de sucesso.

Mas pelos padrões humanos, quando Jesus começou a pregar seu evangelho em sua própria cidade, ele foi um fracasso ainda mais espetacular do que Paulo! Esse episódio na vida de Jesus é uma das passagens mais poderosas e fascinantes da Bíblia. Suas palavras nas Escrituras captam o choque e as emoções do momento e ainda nos chocam com o seu poder e força.

O acontecimento que prende nossa atenção se inicia em Lucas 4, versículos 16 a 21:

Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaias, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor”.

Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.

Imagine ir para a igreja no próximo domingo esperando ouvir o sermão do pastor, e ouvir o próprio Senhor Jesus Cristo em pessoa dizer que ele tinha vindo para cumprir todas as profecias sobre sua segunda vinda – todas as profecias sobre a glória do seu reino de salvação na terra? Imagine que você foi à igreja de manhã e lá estava Jesus em pé no púlpito para lhe dizer que este é o tempo para o cumprimento de todas as promessas divinas relacionadas ao seu retorno.

Foi mais ou menos isso que os judeus experimentaram naquele sábado na sinagoga de Nazaré. Eles haviam comparecido à sinagoga durante toda a vida, e haviam ouvido leituras e mais leituras da Torá, a Lei, e do Haftará, os profetas, assim como sermões e mais sermões, sábado após sábado, durante toda a sua vida. Já haviam ouvido muito ensino sobre o Messias e já tinham lido muitas passagens das Escrituras sobre sua vinda e seu reino. Mas, de repente, nesse sábado em 28 d.C., numa obscura sinagoga de uma pequenina cidade chamada Nazaré, lá estava ele.

Durante todos aqueles anos eles haviam se reunido para ouvir a Lei e os profetas e ambos haviam falado do Messias. Eles haviam freqüentado a sinagoga local, que Filo (historiador judeu do século 1º d.C. – N.T.) descreve como uma casa de instrução, onde as pessoas ouviam as Escrituras serem lidas e explicadas. Muitas e muitas vezes a passagem era messiânica, e à medida que ouviam, o coração de cada um se enchia de esperança pela vinda do Messias. Durante séculos, a história dessas pessoas havia sido árida. Os romanos pagãos eram seus senhores, e a esperança num Messias era freqüentemente obscurecida. Mas nesse dia o Messias chegou e ele mesmo foi o leitor e o expositor das Escrituras.

A reputação de Jesus como mestre e realizador de milagres crescia e essa era a razão pela qual todos estavam tão empolgados com o fato de que ele falaria em sua própria cidade. Os versículos 14 e 15 nos dizem que: “...sua fama correu por toda a circunvizinhança. E ensinava nas sinagogas, sendo glorificado por todos”. Sua reputação crescia na ocasião em que ele entrou nessa sinagoga em Nazaré para iniciar seu ministério de um ano e meio na Galiléia. Durante quase um ano, ele havia ensinado no sul, na Judéia, com algumas poucas visitas à Galiléia. Mas dessa vez as notícias a seu respeito espalhavam-se.

Ele foi à sinagoga que costumava freqüentar em sua meninice. Se, como os historiadores nos dizem, a cidade de Nazaré tinha cerca de 20 mil habitantes, ela provavelmente tinha várias sinagogas. Elas estavam esparramadas pelas vizinhanças do mesmo modo que as igrejas locais o eram nos tempos em que todos iam a pé para a igreja, e essa era a sinagoga local da família de Jesus. Todos os rostos familiares estavam lá. Ele entrou na sinagoga e viu os vizinhos com quem crescera, assim como uma quantidade de tias, tios, primos, primas e outros parentes.

Até aqui a história do ministério de Jesus havia sido muito positiva. Ao longo dos quatro primeiros capítulos do Evangelho de Lucas, e durante mais de um ano de seu ministério, tudo tinha corrido bem. E aqui, no início do seu encontro com a sinagoga de sua cidade, ouvimos que ele era “glorificado por todos”.

MÉDICO, CURA-TE A TI MESMO!

Mas rapidamente as coisas tomaram um rumo desagradável. Continuando em Lucas 4.22-30:

Todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios, e perguntavam: Não é este o filho de José? Disse-lhes Jesus: Sem dúvida citar-me-eis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; tudo o que ouvimos ter-se dado em Cafarnaum, faze-o aqui também na tua terra. E prosseguiu: De fato, vos afirmo que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra. Na verdade, vos digo que muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, reinando grande fome em toda a terra; e a nenhuma delas foi Elias enviado, senão a uma viúva de Sarepta de Sidom. Havia também muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro. Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira. E, levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até o cume do monte sobre o qual estava edificada, para, de lá, o precipitarem abaixo. Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-se.

Isso foi absolutamente chocante. O que aconteceu? Qual foi o erro? Tudo havia começado de um modo tão auspicioso. Jesus leu a profecia messiânica

em Isaías 61.1,2 e depois uma parte de Isaías 58.6, e então explicou que naquele dia as Escrituras tinham sido cumpridas. Em outras palavras, Jesus lhes disse que ele era o cumprimento de todas as profecias messiânicas. Ele estava afirmando que ele mesmo era o longamente esperado Messias, ali mesmo, no meio de todos os que o ouviam falar. Ele tinha vindo para cumprir as antigas promessas de Deus, para trazer o ano aceitável do Senhor, o que significava a era da salvação. Ele, o Salvador que traria a salvação, estava em pé diante deles e os presentes à sinagoga ouviam sua voz e contemplavam seu rosto. Com ele vinha a salvação para os pobres, os prisioneiros, os cegos, os rejeitados, os angustiados, os oprimidos e os tiranizados.

A sua mensagem era inequívoca: “A salvação está disponível para aqueles que confessam a sua pobreza espiritual, aqueles que confessam sua escravidão espiritual, a sua escuridão espiritual, aqueles que confessam sua derrota espiritual”. Muitas vezes os rabinos se haviam levantado na sinagoga e dito: “A hora bendita do Messias chegou. Aqueles que são testemunhas oculares do Messias serão grandemente abençoados. Os olhos honrados com a visão do Messias são, de todos os olhos, os mais abençoados, e os ouvidos honrados com o ouvir a sua voz são, de todos os ouvidos, os mais abençoados”. Naquele dia, os judeus que ali estavam eram essas testemunhas oculares. Eles eram os benditos de todas as nações, de todas as gerações, porque foi a eles que Jesus veio, àquele pequeno grupo naquela humilde cidade, naquela pequena sinagoga. A eles tinha vindo o Messias de Deus, o Salvador do mundo, com a mensagem de salvação, de riquezas espirituais, de perdão, de livramento e vida eterna.

Nunca um sábado começou de maneira tão maravilhosa. Entretanto, nunca um sábado terminou tão tragicamente.

Isso nos prende à página das Escrituras imaginando como tudo isso ocorreu. Como Jesus permitiu que esse encontro terminasse tão mal? Não era ele mais capaz do que isso? No início, suas palavras caíram bem e todos se maravilharam com elas. Mas isso não significa que eles creram nele como sendo o Messias, apenas significa que o burburinho era muito positivo. E a razão disso era que estavam todos maravilhados com as palavras de graça que saíam de sua boca. Talvez ponderassem sobre o significado de sua mensagem. Alguns devem ter-se perguntado por que ele interrompeu a leitura no meio de Isaías 61.2, onde o

profeta menciona o “ano aceitável do SENHOR”, embora o restante do versículo diga: “e o dia da vingança do nosso Deus”.

Por que ele deixou a vingança de lado? Sem dúvida todos estavam ansiosos pela vinda do Messias, mas honestamente, estavam tão igualmente ansiosos para que ele viesse e desse livre curso à vingança contra os inimigos gentios, quanto de que trouxesse salvação a Israel. Eles odiavam seus opressores. Deve ter incomodado alguns deles o fato de que Jesus tivesse suprimido uma parte de sua leitura. Até mesmo João Batista tinha falado sobre o inextinguível julgamento de fogo que o Messias traria. Eles estavam mais do que preparados para isso.

Mas o dia da vingança estava no futuro. Jesus, naquele momento, não estava ali para trazer vingança sobre ninguém; ele estava ali para salvar. E durante toda a sua vida ele evitou expressões de vingança. Ele estava na terra para a salvação de qualquer um e de todos os que reconhecessem que eram pobres, prisioneiros, cegos e oprimidos.

Os ouvintes de Jesus ficaram ainda mais impressionados com sua capacidade de comunicação. Oradores poderosos sempre foram capazes de cativar as pessoas. Em muitas ocasiões ao longo da história, grandes oradores, ao fazer grandes discursos, ganharam a mente e o coração de seus ouvintes. Essas pessoas tinham acabado de ouvir o maior orador que jamais viveu. As palavras que saíam de seus lábios eram palavras que eles jamais haviam ouvido de ninguém. Lucas não registrou o sermão inteiro, mas foi uma explicação das profecias do Antigo Testamento. Gosto de pensar que ele durou pelo menos uma hora.

As pessoas estavam aturdidas com sua capacidade de falar porque nunca antes o haviam ouvido ensinar ou pregar, embora Jesus tivesse crescido entre eles. E quando ele falou todos ficaram maravilhados. Ele foi o maior dos comunicadores que já existiu, possuindo uma compreensão impecável e absoluta da verdade, paixão verdadeira e santa por essa mesma verdade, raciocínio impecável, interpretação perfeita e incomparável destreza no uso da linguagem. Tenho a certeza de que sua voz e seus gestos eram absolutamente perfeitos – como o era tudo o que lhe dizia respeito.

Jesus os deixou estupefatos. Ninguém diria dele o que foi dito de Paulo: “Sua presença é insignificante e seu discurso, desprezível”. Exatamente

o oposto era verdadeiro. Jesus era extraordinário na presença e no discurso. E todos continuavam perguntando: “Não é este o filho de José, o carpinteiro?” E então a familiaridade gerou o desprezo habitual. Não podiam negar a majestade de sua oratória. Não podiam negar sua superioridade na comunicação da mensagem. Era diferente de qualquer coisa que eles jamais tinham ouvido. Mas o que não se encaixava na figura era o fato de que este *era* o garoto de José, o carpinteiro, que costumava correr pela vizinhança. Eles não imaginavam que Jesus seria aquele de quem Deus no céu falara dizendo: “Este é o meu Filho amado”.

Eles estavam maravilhados com sua capacidade de comunicação e alvorçados porque tinham ouvido a verdade apresentada com absoluta perfeição e sabedoria. Compreenderam exatamente o que Jesus havia dito, e a mensagem, também, era que a salvação estava disponível para os pobres, os prisioneiros, os cegos e os oprimidos (E estes são os únicos que serão salvos!). Os parentes e vizinhos de Jesus compreenderam a mensagem. Se eles quisessem a salvação, teriam de confessar sua pobreza espiritual, sua cegueira espiritual e seu cativo espiritual. Teriam de negar-se a si mesmos, isto é, admitir sua indigência espiritual.

O que saiu errado foi o fato de que o verdadeiro evangelho, mesmo majestosamente pregado com toda a perfeição e todo o poder, não era algo para deleitar as multidões assim como não o é ainda hoje. Qual é o prazer e a auto-satisfação de admitir que somos espiritualmente indigentes? Essa era a última coisa que os judeus estavam preparados para fazer. E Jesus nem chegou a mencionar a necessidade de tomar a cruz. Eles eram justos aos seus próprios olhos. Eram nobres, escolhidos de Deus e devotos. Adoravam o Deus vivo e verdadeiro de Israel. Iam a todas as reuniões da sinagoga. Eles entregavam seus dízimos. Eles oravam. Eles jejuavam.

Eram como aquele fariseu de Lucas 18: eram o povo de Deus. Eram como Paulo em Filipenses 3: eram circuncidados e tinham sua linhagem tribal. Eles eram o povo de Israel. Eram tradicionalistas. Eram cerimonialistas. Eram zelosos da Lei. Cumpriam exteriormente a Lei de maneira tão impecável quanto possível. Os que ouviram Jesus pensaram: “Não, nós não somos os espiritualmente pobres, os prisioneiros, cegos e oprimidos! Estes devem ser outros. Estes devem ser — *os gentios*! E não gostamos de sua insinuação de que nós é que somos”.

Sem dúvida Jesus sabia qual seria a reação de seus ouvintes. Mas teria ele adaptado suas afirmações para agradar a multidão? Tentou ele salvaguardar sua reputação dizendo-lhes o que eles desejavam ouvir e o que os deixaria confortáveis? Ignoraria ele a verdade em consideração às suas necessidades de pouca importância? Não, ele lhes disse a verdade áspera e sem enfeites, doesse a quem doesse. Ao fazer isso, Jesus nos dá o melhor exemplo, o exemplo perfeito de como pregar o evangelho, permanecendo fiel à verdade mesmo quando seus velhos amigos e parentes mais próximos tentaram matá-lo por isso. É necessário uma acusação muito grave para colocar os amigos mais próximos e queridos contra si tão rapidamente. Entretanto, após um sermão, eles se transformaram numa turba de linchadores desejando matar Jesus.

Seus ouvintes familiares foram tragados por uma onda de rejeição e autopreservação: “Não podemos engolir essa mensagem, e o problema não somos nós, portanto, deve ser ele. De qualquer modo, que certeza nós temos de que ele é o Messias?” Assim, eles simplesmente ergueram uma parede rejeitando as provas óbvias: “Nós não sabemos se ele é o Messias”. E Jesus leu a mente deles, como já havia feito anteriormente. João 2.24,25 registra que, quando ele estava na Judéia, as pessoas iam a ele, mas Jesus não se confiava a elas “porque ele sabia o que era a natureza humana”. Ele era onisciente; ele conhecia os planos das pessoas. Por isso ele lhes diz em Lucas 4.23: “Sem dúvida, citar-me-eis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; tudo o que ouvimos ter-se dado em Cafarnaum, faze-o também aqui na tua terra”. Em outras palavras: “Se quer que creiamos em você, então, médico, cure-se. Não venha nos dizer que você é o médico se não tem provas”.

Jesus lhes ofereceu palavras de salvação, perdão, boas-novas, libertação e também operou milagres entre eles. Para receber tudo isso, entretanto, o povo precisava estar disposto a admitir que era pobre, prisioneiro, cego e oprimido. Isso era absolutamente impensável. Nunca uma confissão desse tipo sairia de seus corações farisaicos, corações duros, cheios de orgulho e presunção religiosa. E Jesus sabia disso porque ele lia os corações como se fossem livros abertos.

Mas aqui está outro ponto relacionado que é facilmente esquecido: milagres eram completamente irrelevantes. Mesmo que Jesus pudesse realizar milagres, isso não provaria que ele podia salvar pecadores. Se Jesus fizesse um milagre, seria isso uma prova de que ele podia transportar alguém do reino

das trevas para o reino da luz? Se ele produzisse um milagre, isso demonstraria que ele era capaz de salvar a alma de qualquer pessoa do inferno? O milagre comprovaria que ele podia nos dar vida eterna e nos levar para o céu? *Não*.

Podemos reunir todos os assim chamados realizadores de milagres, desde Janes e Jambres e dos mágicos do Egito passando por toda a Bíblia até Simão, o mago, no Novo Testamento; podemos reunir todos os oráculos de Delfos, e todos os que praticam magia negra ou magia branca e reuni-los todos juntos, toda a embromação dos curadores da fé e evangelistas da TV, colocá-los em fila e fazê-los realizar todos os truques dos assim chamados milagres. No entanto, quando terminarem, quer sejam falsos ou verdadeiros, eles não provam que Jesus pode salvar uma pessoa do inferno. Todo esse suposto ministério de milagres na TV de nossos dias não tem absolutamente nenhuma relação com o poder do evangelho. Não sei o que esses “curadores” pensam que realizam com essa falsificação de milagres – como se falsificar milagres pudesse, de algum modo, levar as pessoas a crerem em Jesus Cristo. Não é assim. Não conseguem. Nunca conseguiram – Jesus baniu a doença e os demônios por toda a terra de Israel com milagres *autênticos*, e eles o colocaram numa cruz.

Os milagres não eram o verdadeiro problema para o público de Jesus porque seus ouvintes não poderiam legitimamente questionar sua capacidade de realizá-los. Eles o puseram à prova quando exigiram que ele fizesse em Nazaré aquilo que sabiam que Jesus havia realizado a 32 quilômetros, em Cafarnaum. Ele havia feito milagres lá, assim como no casamento em Caná, bem próximo de Nazaré, onde havia transformado água em vinho. E outros milagres ocorreram na Judéia e na Galiléia que deviam ser bem conhecidos dos galileus que freqüentemente iam a Jerusalém para a Páscoa e outras festas. Portanto, a informação acumulada sobre os milagres crescia e a evidência era tão irrefutável que eles não os questionavam. Em outras palavras, eles criam que Jesus havia realizado sinais maravilhosos em outros lugares. Agora queriam que ele os realizasse diante deles.

Na realidade, em todo o Novo Testamento o povo e os líderes judeus nunca questionaram os milagres de Jesus. Em João 11.47, os fariseus e principais dos sacerdotes admitiram que Jesus realizava sinais e fazia prodígios. Eles nunca duvidaram disso, portanto a pergunta que faziam a Jesus não era

uma pergunta honesta. Seu pensamento era: “Gostaríamos de crer que você é o Messias, aquele que traz a salvação e o reino prometido e que é capaz de tomar os espiritualmente pobres e torná-los ricos, os espiritualmente presos e libertá-los, os espiritualmente cegos e devolver-lhes a vista, os espiritualmente oprimidos e medrosos e libertá-los. Portanto, prove; seria possível, por favor, você fazer um parafuso no ar, ou dar um ou dois saltos-mortais no espaço e pousar novamente?” Isso não provaria nada quanto ao poder de salvar.

Eles eram como os políticos modernos que não conseguem se eleger discutindo as questões importantes; então, mudam o assunto e atacam seus oponentes de modo pessoal ou falam monotonamente sobre seus pequenos projetos sem qualquer relação com o assunto em pauta. O povo de Nazaré recebeu mal a mensagem de Jesus que insistia no fato de que, se eles quisessem a salvação, deveriam reconhecer sua bancarrota espiritual e a verdadeira condição de seu coração iníquo. Eles eram muito orgulhosos e muito cômicos de sua justiça, eram muito céticos à sua maneira autodefensiva cuidadosamente articulada.

Jesus afirmou que ele era o Messias e o povo insistiu para que ele provasse – “Médico, cura-te a ti mesmo” – de um modo que neutralizava ou redirecionava sua mensagem. “Não desafie os nossos preconceitos sobre fé ou a nossa avaliação de nós mesmos. Não temos culpa de não crer, Jesus; a culpa é sua. Sua apresentação não é positiva nem convincente nem divertida”.

Os milagres reafirmam a fé daqueles que crêem, mas não fazem nada por aqueles que não crêem. Os ouvintes de Jesus não queriam a salvação que ele oferecia se os termos fossem admitir a necessidade que tinham dele. Desejavam milagres não como provas, mas como um meio de autojustificação. Na verdade, eles pensavam: “Por que deveríamos crer nele? Afinal não temos nenhuma prova de que ele seja o Messias”. Sem dúvida eles a tinham. Eles poderiam comprovar que ele era o Messias num instante. Como? Arrependendo-se e crendo nele como seu Senhor e Salvador. Eles escolheram não fazê-lo. Escolheram colocar uma cortina de fumaça na própria mente, e Jesus leu a mente deles.

Recusaram o único caminho absolutamente infalível através do qual os judeus na sinagoga (ou qualquer outra pessoa) poderiam ter conhecido Jesus como o Messias, e não tinha nada a ver com milagres ou cura de pessoas. Eles poderiam muito simplesmente ter admitido o próprio pecado, pedido a ele

que os salvasse e provado se haviam ou não experimentado a jubilosa bênção e o alívio de consciência que sobrevêm àqueles que se arrependem. Eles não tinham a menor intenção de fazer isso, e Jesus sabia disso muito bem.

UMA BRILHANTE CONCESSÃO

Em Lucas 4.24 Jesus diz: “De fato vos afirmo que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra”. Em vez de usar a expressão “de fato”, algumas traduções mantêm o grego “Amém”, significando “Eu solenemente lhes asseguro”. É a expressão bíblica para “Estou lhes dizendo a verdade. Nenhum profeta é bem recebido em sua própria cidade: nenhum profeta é *dektos*, aceito, em sua própria cidade”. Os especialistas em geral vêm de outras cidades, não é? Isso é mais uma prova de que a familiaridade gera desprezo.

Jesus fazia uma concessão. Dizia-lhes com muitas palavras: “Compreendo que é difícil para vocês superar o fato de que eu sou de casa, cresci aqui, sou o filho de José e o menino da Maria, e vocês me viram nesta sinagoga durante toda a minha vida. Eu compreendo isso”. Penso que existe misericórdia nas palavras de compreensão de Jesus ao reconhecer que nenhum profeta é bem recebido em sua terra. Ele repetiu a mesma frase um ano e meio depois quando voltou àquela sinagoga, como está registrado em Mateus 13.57 e em Marcos 6.4. Isso está registrado também em João 4.44.

Jesus fez essa concessão à luz do fato de que assim é o comportamento humano. Mas, então, ele fez uma transição brilhante e profunda. Mencionou dois profetas, primeiro Elias em Lucas 4.25 e depois Eliseu no versículo 27, os quais o povo de Israel havia odiado, rejeitado e recusado. Todos aqueles ouvintes de Jesus sabiam a respeito de Elias, o grande profeta de Israel. Durante seu ministério, aproximadamente em 850 a.C., havia muitas viúvas. Além disso, o culto a Baal estava por todos os lugares, porque o rei Acabe havia se casado com uma devota de Baal, Jezabel. Acabe começou a adorar Baal sob a influência de sua esposa, e logo todo o Israel seguiu seu exemplo. Acabe era tão mau, que, segundo 1 Reis 16.33: “...cometeu mais abominações para irritar ao SENHOR, Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que foram antes dele”.

O capítulo 17 de 1Reis inicia com o profeta Elias invocando o julgamento de Deus sobre Acabe e seus súditos. O profeta orou ao verdadeiro Deus pedindo uma seca para provar que Baal, o deus da chuva e da fertilidade era um deus incapaz, falso e impotente. Deus respondeu com uma seca que durou três anos e meio. Em Lucas 4.25,26, Jesus lembrou aos seus ouvintes o fato de que Deus enviou Elias, no auge da seca, a uma viúva pobre da cidade de Sarepta propondo a ela, em nome do Senhor, que, se ela compartilhasse com ele seu último alimento, o Senhor supriria todas as suas necessidades até que a chuva retornasse. Ela foi obediente ao verdadeiro Deus a despeito do fato de ter apenas o suficiente para uma última e insuficiente refeição para si e para seu filho. Ela deu a Elias o alimento solicitado.

Foi uma decisão de vida ou morte para ela. Sem nenhum outro sustento, a viúva e seu filho esperavam morrer de inanição depois de consumirem o último bocado que havia na casa. Compartilhar o pouco que tinham com aquele estranho os levaria a um fim desesperado mais cedo ainda. Entretanto, porque ela foi obediente, Deus lhe mostrou sua misericórdia, e daquele momento, até o fim da seca, ele miraculosamente reabasteceu diariamente sua panela de farinha e sua botija de óleo.

Essa história enfureceu os judeus porque a viúva de Sarepta era uma gentia numa cultura que adorava a Baal, e, entretanto, Deus preteriu muitas viúvas necessitadas de Israel e enviou Elias apenas a mulher que nunca fizera qualquer esforço para cumprir as leis religiosas pelas quais os judeus eram tão obcecados. O que importava era sua fé individual no verdadeiro Deus e não sua linhagem tribal ou religiosa. Como isso podia ser possível? Como poderia Deus abençoar essa gentia desprezível enquanto aparentemente ignorava os judeus praticantes da lei? Ultrajante!

Embora as pessoas na sinagoga ficassem cada vez mais irritadas, Jesus continuou mostrando a verdade. No versículo 27 ele prosseguiu com a história de Eliseu, que sucedeu Elias durante o período de 850 a 790 a.C., quando havia muitos leprosos em Israel. A lepra era uma espécie de termo de classificação que envolvia grande variedade de doenças antigas que afetavam a pele, descritas em Levítico 13, incluindo tudo, desde um problema superficial até os mais sérios. Pode ter incluído também aquilo que hoje chamamos de lepra, a doença assustadora também conhecida como hanseníase.

Eram doenças deformadoras, e algumas espalhavam-se de modo assustadoramente rápido. Suas vítimas eram consideradas como pessoas imundas; eram afastadas de todo relacionamento, atividade social e contato familiar, eram isoladas porque os outros temiam o contágio (embora hoje, com os tratamentos modernos, o risco de contágio da hanseníase é considerado ínfimo). Israel tinha muitos, muitos desses párias fisicamente postos em quarentena em razão de suas horríveis doenças. Era o tempo de Eliseu, e eles não gostavam de Eliseu, assim como não gostavam de Elias. Ele não era mais honrado em seu país do que fora Elias. O povo ainda adorava Baal, e virava as costas ao Deus vivo e verdadeiro, e, ao mesmo tempo, havia leprosos por todos os lados. Lucas 4.27 diz que Deus não purificou nenhum dos leprosos, exceto Naamã, o sírio.

Como os judeus odiaram essa história! Naamã era o comandante do exército de um país conhecido como Arã. Ele comandava os terroristas que estavam sempre pilhando Israel. Eles cruzavam a fronteira, faziam um ataque de surpresa, matavam os judeus e levavam homens e mulheres de volta para a Síria como escravos. Naamã era um líder inimigo violento, como os modernos militantes palestinos que atacam os judeus. Além do mais, era um gentio e um leproso! Era tão desprezível quanto se pode ser.

Num de seus ataques de surpresa, descrito em 2Reis 5, ele capturou uma menina e a levou para servir como escrava de sua mulher. Surpreendentemente a menina tinha uma atitude compassiva: ela soube de sua lepra e lhe disse que ele precisava ir a Israel e procurar pelo homem de Deus chamado Eliseu, porque Deus poderia curá-lo por meio de seu profeta. Naamã começou a crer no poder do Deus de Israel e, finalmente, depois de uma série de acontecimentos, ele se encontrou com Eliseu.

Eliseu mandou dizer que o Deus de Israel curaria Naamã se ele se lavasse sete vezes no rio. A sugestão deixou Naamã furioso. Ele tinha uma personalidade orgulhosa que se considerava como um homem muito importante, de grande honra, um líder militar de estatura, dignidade e nobreza. De modo algum ele se humilharia mergulhando sete vezes. Ele até reclamou contra a sugestão de entrar no rio sujo de Eliseu quando tinha um rio limpo e bonito em seu próprio país.

Naamã saiu da casa de Eliseu e seu servo lhe disse: “Bem, é melhor um rio sujo, mas um homem purificado, não é?” Ele começou a refletir melhor.

E compreendeu seu desespero, compreendeu que não havia nenhum alívio, nenhuma cura, nenhuma purificação, exceto por meio do Deus de Israel. Namã refletia: “Será que este homem de Deus é realmente um homem de Deus? Será que Deus é verdadeiramente Deus? Será Eliseu na realidade seu profeta? Como saberei a não ser que me submeta àquilo que ele pediu? Em meu desespero, minha carência e minha doença, tenho de fazer o que o homem me mandou fazer. Então saberei se ele é o homem de Deus e se o Deus de Israel é o verdadeiro Libertador”.

Assim, ele foi e mergulhou sete vezes no rio sujo de Eliseu. E, adivinhem! Ele foi purificado de toda a sua lepra!

Se estivéssemos sentados na sinagoga naquele momento diríamos: “Isto não vai indo bem. Então somos piores que uma viúva gentia da cidade de Jezabel? Somos piores do que um terrorista sírio, gentio e leproso? Isso é intolerável. Deus fecha os olhos às nossas viúvas e aos nossos leprosos e mostra sua graça aos pagãos. E ele vai nos preterir também se não aceitarmos a Jesus como Senhor e Messias”.

O FRUTO DO ORGULHO ESPIRITUAL

Não é nenhuma surpresa que Lucas 4.28 registre que os judeus presentes na sinagoga, “ouvindo estas coisas, se encheram de ira”. Nada é pior do que orgulho espiritual, pois é uma barreira que as pessoas egoisticamente erguem e que os separa de sua própria salvação. O Senhor afirmou: “Eu vim para salvar e esta é a verdade. Mas apenas posso salvar os pobres, os prisioneiros, os cegos e os oprimidos. Não importa que seja uma viúva gentia ou um leproso sírio. Importa apenas que a pessoa perceba sua bancarrota e sua indigência e que venha a mim como aquele odiado coletor de impostos que batia em seu peito cheio de culpa e implorava: ‘Ó Deus, sê propício a mim, pecador!’ (Lc 18.13), ou o homem que disse: ‘Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!’ (Mc 9.24). Essa pessoa pode não saber tudo o que existe para saber, e sua fé pode não ser plena, mas se ela apenas for em sua desesperança e disser: ‘Eu não tenho escolha. Eu sei quem sou e sei o que o senhor pode fazer por mim’, então ela saberá que eu sou o Messias”.

Não podemos conhecer a Jesus como Messias até que nos submetamos a ele. Eu não pude conhecê-lo como meu Salvador enquanto não entreguei minha vida a ele. Então eu soube. Desfilarmos um número infinito de milagres na minha frente não teria provado nada. Os milagres não vêm ao caso. Nunca saberemos se Jesus pode salvar nossa alma do inferno, dar-nos vida nova, recriar nossa alma, colocar ali o seu Espírito Santo, perdoar nossos pecados e levar-nos para o céu até que tenhamos entregado nossa vida inteiramente a ele. Isso é auto-renúncia, tomar a cruz e segui-lo obedientemente.

Todos os ouvintes de Jesus podiam concluir qual era o ponto vital dessa história: eles valiam menos que os gentios. Estavam furiosos com Jesus porque ele insistira em que, a não ser que eles se considerassem em nada melhor do que um terrorista sírio e leproso, em nada melhor que uma viúva gentia pagã, em nada melhor que os proscritos, eles não receberiam salvação. E isso era absolutamente intolerável para aqueles assíduos freqüentadores da sinagoga durante a vida inteira – judeus sérios e devotos. Era impensável porque estavam absolutamente comprometidos com sua autojustificação, fruto da crença de que poderiam obter sua salvação pelos seus próprios méritos e religião. Como poderiam eles ser humildes quando conseguiam sua entrada no céu pelo fato de serem judeus, leais à moralidade tradicional e à lei religiosa?

Assim, como está escrito em Lucas 4.29, eles “se levantaram”. De repente o tumulto explodiu na sinagoga lotada. Agarraram Jesus com a violência e o ódio cego de uma turba de linchadores e saíram da cidade vociferando até a beirada de um precipício. Estavam prontos para lançar Jesus lá de cima e vê-lo arrebentar-se contra as pedras lá embaixo. Deuteronômio 13 dava aos judeus a licença para matar um falso profeta. Estavam tão entrincheirados em seu orgulho hipócrita, tão pouco dispostos a reconhecer seu pecado que, quando Jesus finalmente os visitou, eles tentaram matá-lo. Depois de esperar durante tanto tempo pelo seu Messias e Rei prometido, eles preferiam destruí-lo a permitir que ele ameaçasse sua autojustificação.

Sempre termina assim, embora não de modo tão violento. Há apenas uma razão pela qual as pessoas que conhecem a verdade do evangelho não se sentem dispostas a arrepender-se e crer. É porque não querem considerar-se como pobres, prisioneiras, cegas e oprimidas. Não há nenhuma relação com o estilo de música que sua igreja oferece, com as dramatizações que são montadas ou

com a qualidade de um espetáculo de feixes de *laser*. Mas tem tudo a ver com a morte espiritual e a cegueira do orgulho. Deus não oferece nada àqueles que estão satisfeitos com sua própria condição, a não ser julgamento. Se você não acha que está a caminho do inferno, não pensa que necessita de perdão, você não valoriza o evangelho da graça.

Segundo o próprio entendimento deles, esses judeus da sinagoga de Nazaré eram os respeitáveis. Eles eram os piedosos, os escolhidos, os verdadeiros adoradores, os leais à Lei, os cerimonialistas, os participantes da aliança. Os gentios eram os miseráveis idólatras, os indigentes proscritos. Os judeus nunca poderiam considerar-se como espiritualmente viúvos ou leprosos. Religiosos como eram, os vizinhos, amigos e parentes de Jesus odiaram tanto o que ele disse que tentaram matá-lo. Odiaram a mensagem de modo tão violento porque se recusavam ser humilhados. Não podemos pregar salvação, conduzir alguém à salvação nem tampouco sermos nós mesmos salvos a não ser que estejamos dispostos a ser humilhados e a reconhecer nossa condição pecaminosa. Novamente é uma questão de auto-renúncia, não é?

Eles tentaram matá-lo, mas não tinham poder para tanto, porque não era o método de Deus e não era sua hora. Lucas 4.30 descreve um momento sobrenatural, calmo: “Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-se”. Não sabemos como aconteceu. Mas, de alguma maneira miraculosa, ele simplesmente desapareceu. Eis o milagre que eles exigiram, mas o milagre o retirou do meio deles, simbolizando o julgamento que trouxeram sobre si mesmos por sua incredulidade cheia de ódio. Que tristeza. O que poderia ter sido – perdão e plenitude de alegria para sempre – eles recusaram.

E você? Você quer saber se Jesus é realmente aquele que ele disse ser? Em primeiro lugar, é necessário confrontar-se com seu diagnóstico sobre *sua* condição espiritual. Confesse sua absoluta pecaminosidade. Negue-se a si mesmo, e entregue sua vida a ele. Esse é o único caminho mediante o qual você poderá saber. Você se considera um entre os pobres, prisioneiros, cegos e oprimidos? Se sua resposta é não, você pode testemunhar todos os milagres debaixo do sol, reais ou falsos, pode ver todo o desfile de testemunhos, e nada o convencerá. Há apenas um caminho para saber que Jesus pode salvar sua alma do inferno, mudar sua vida e levá-lo para o céu com todos os pecados perdoados. Esse único caminho é ser suficientemente honesto e estar deses-

perado para admitir o seu pecado. Esse é o único tipo de pessoa que Jesus pode salvar. Tome sua vida pobre e iníqua, entregue-a nas mãos dele e veja o que ele pode fazer com ela. Isso é o que você deve fazer, e esse é o convite que temos para proclamar.

VERDADEIRA LIBERDADE

Provavelmente nada é mais verdadeiro com respeito aos pecadores hoje em dia do que o fato de que eles pensam que são livres. Eles vêem o Cristianismo como certo tipo de servidão ou cativeiro. Tudo se refere a direitos: “Ninguém vai se infringir nos meus direitos. Posso ser o que desejo ser. Sou livre para ser eu mesmo”. Ouvimos essa afirmação vazia continuamente.

Essas pessoas não são livres. A Bíblia define-as como prisioneiras. O pecado as torna devedoras para com Deus, e essa é uma dívida que elas não podem pagar. Estão em servidão esperando a morte eterna. De acordo com Hebreus 2.15, Satanás exerce o poder da morte e mantém cativos “todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida”. São os filhos da ira; Efésios 2.2 os chama de “filhos da desobediência”, que estão sob o poder e escravizados pelos seus próprios pecados. A sentença divina sobre eles é prisão para toda a eternidade no inferno, onde nunca morrerão.

O soberano real sobre eles, o juiz real que os aprisionou, os proclamou culpados e os sentenciou à morte, é o próprio Deus. É Deus quem destrói tanto o corpo quanto a alma no inferno. O pecador é um prisioneiro de Satanás e do pecado; no entanto, mais do que isso, ele é um prisioneiro de Deus, o eterno Executor que os mantém responsáveis e à espera de uma morte horrível e eterna.

Esta é a escolha: morte eterna ou vida eterna. Para obter a vida eterna é necessário desfazer-se do seu orgulho espiritual e morrer para si mesmo. Para levar outros a Cristo e salvá-los desse julgamento eterno é necessário comunicar essa verdade em amor; é necessário dizer-lhes a verdade sendo muito incisivo. Isso parece impossível? Seus ouvintes o rejeitarão? Bem, como vimos, eles rejeitaram a Jesus. Na realidade, odiaram tanto sua mensagem que seus próprios vizinhos e parentes, num acesso de ira tentaram matá-lo por havê-la pregado.

Se você sofre pela verdade do evangelho, e isso acontecerá, lembre-se de que você está em boa companhia. Siga o melhor exemplo que jamais serviu a Deus; está do lado do Senhor, abandonando a autojustificação para atravessar o estreito portão do evangelho que leva à vida eterna e fielmente proclama o evangelho a outros.

UM VALOR IMENSURÁVEL

Alguns de nós somos bastante afortunados, pela graça de Deus, para experimentar alguns momentos nesta terra nos quais a preciosidade do evangelho se manifesta com uma clareza que transmuda a vida. Em tais momentos, descobrimos que preservar e compartilhar a mensagem da salvação vale todos os custos, pois seu valor é imensurável.

Quando eu estava na faculdade, falei num jantar durante o qual recebi um prêmio como jogador de futebol americano. Dei meu testemunho de meu amor por Cristo. Alguém me procurou depois e disse: “Conheço uma moça no hospital a quem você poderia ajudar. Ela precisa ouvir o que você disse”.

Eu não era pastor e não tinha nenhum tipo de treinamento como conselheiro. Eu tinha 21 anos e era um jogador de futebol na equipe da faculdade. Mas disse àquele homem que faria a visita. Assim, fui ao hospital e encontrei uma jovem atraente de 17 anos, chefe de torcida, chamada Polly. Seu namorado havia, acidentalmente, atirado em seu pescoço e seccionado sua medula. Ela estava parálitica para o resto da vida.

Ela estava deitada, coberta, sobre uma pele de carneiro para aliviar as escaras. Apresentei-me e expliquei que alguém me havia pedido para lhe fazer uma visita. Então lhe disse: “Não consigo nem imaginar o que você está passando”.

As primeiras palavras que saíram de sua boca foram: “Eu me mataria, se pudesse. Não tenho nenhuma razão para viver”.

Sem saber mais o que dizer, comecei a apresentar o evangelho. “O que acontece com seu corpo não é o mais importante, Polly, mas sim o que acontece com sua alma eterna. Você vai viver para sempre em algum lugar. Deus

pode trazer alegria ao seu coração agora mesmo se a questão de sua alma for resolvida. Você gostaria de ouvir como isso pode acontecer?”

Ela respondeu: “Sim, tudo bem. Estou desesperada”.

Então eu expus o evangelho para ela, o que Cristo havia feito na cruz e o que ele pedia da sua vida. Foi uma conversa séria. Quando terminei eu lhe disse: “Polly, você gostaria de confessar a Jesus Cristo como seu Senhor, segui-lo e receber seu perdão e a vida eterna?”.

“Sim”, respondeu ela. – “Não sei que outra direção tomar.”

Assim, oramos juntos e eu voltei várias vezes ao hospital para vê-la. Numa dessas visitas ela me disse: “Sabe, John, de certo modo eu estou contente porque esse acidente aconteceu. Se não fosse por isso, eu nunca me encontraria com Jesus”.

Embora seu sofrimento fosse terrível, Polly começava a descobrir que o que ela poderia ganhar em termos de vida eterna era mais do que compensador pelo preço do seu sofrimento físico nesta vida. E eu disse a mim mesmo: *“Isto é importante. Correr ao redor de um campo com uma bola de futebol debaixo do braço para ouvir os gritos de uma multidão não é importante. Isto é importante”*.

Em razão desse episódio e outro que contarei um pouco adiante, a vida adquiriu um tom completamente diferente para mim. O fato de que Deus havia permitido que Polly respondesse à apresentação do evangelho me deu a compreensão de que ele poderia me usar daquele modo. Ela se tornou uma seguidora de Jesus Cristo e, finalmente, casou-se com um excelente homem cristão. Olhando para trás, para a minha vida, minha experiência com Polly teve grande impacto em minha decisão de servir ao Senhor do evangelho. Após aquela exposição do poder do evangelho, pensei: *Isto é tudo o que desejo fazer durante a minha vida. Nada chega nem perto de sua importância.*

CAMINHO PARA O CÉU

Foi o famoso jogador de beisebol Yogi Berra quem, com toda seriedade, deu o seguinte conselho: “Se você chegar a uma encruzilhada no seu estrada, siga-a”. Isso não ajuda muito porque a escolha de direção tem conseqüências. Na humanidade, toda a vida se define diante de encruzilhadas. E como estamos sempre diante de uma decisão a ser tomada com respeito a alguma coisa, é justo dizer que estamos sempre numa encruzilhada. Muitas decisões não têm conseqüências: camisa vermelha ou azul? Respondo primeiro este telefonema ou aquele? Tamanho normal ou extra? Natural ou mais gelado? Outras são muito mais importantes: Que escola devo frequentar? Com quem casar? Onde morar? Que carreira seguir?

Inevitavelmente, encaramos uma escolha final que determina as conseqüências mais importantes – como passaremos a eternidade: seguiremos o mundo atravessando o portão largo e convidativo que leva à destruição e ao castigo eterno ou seguiremos Jesus, atravessando o estreito portão que conduz à alegria eterna no céu.

Deus confronta os pecadores com essa escolha decisiva. Eles são *responsáveis* pela escolha; entretanto, acham-se tão desesperadamente atolados em pecado que ninguém jamais escolhe o certo sem capacitação divina. Mesmo assim, Deus pleiteia com os pecadores para que escolham a Cristo e não a incredulidade; a reconciliação com Deus e não a inimizade com ele; o arrependimento e não o pecado; e a vida em vez da morte. Por intermédio de Moisés, Deus confrontou os filhos de Israel em Deuteronômio 30.15,16: “Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal; se guardares o mandamento que hoje te ordeno, que ames o SENHOR, teu Deus, andes nos seus caminhos, e guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, então, viverás e te multiplicarás, e o SENHOR, teu Deus, te abençoará na terra à qual passas para possuí-la”. Deus deu a Israel uma escolha final – vida ou morte, bem ou mal – e exigiu uma decisão.

Josué, que sucedeu Moisés na liderança dos israelitas na entrada da terra prometida, disse em Josué 24.15: “Porém, se vos parece mal servir ao SENHOR, escolhei, hoje, a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais que estavam dalém do Eufrates ou aos deuses dos amorreus em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR”. Deus perguntou: “Serão os deuses falsos, ou serei eu?”.

Em Jeremias 21.8, o profeta ouve a voz de Deus dizendo: “... Eis que ponho diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte”. Elias, no Monte Carmelo, exigiu uma decisão em 1Reis 18.21: “...Elias se chegou a todo o povo e disse: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o”.

Fazemos essa escolha na encruzilhada de Cristo: escolher a vida ou escolher a morte. Foi isso o que Jesus disse em Mateus 7.13,14, em seu famoso e muitas vezes mal – entendido Sermão do Monte: “Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela”.

Num capítulo anterior examinamos rapidamente esse provocante e enérgico convite, mas é uma verdade essencial digna de ser estudada com mais profundidade. Essa encruzilhada que define a eternidade, essa escolha de um caminho ou outro, é o clímax para o qual Jesus se dirigia ao longo de todo esse grande sermão de acusação contra o legalismo hipócrita e o sistema de salvação pelas obras dos fariseus; um apelo ao seu povo para que escolhesse a verdadeira fé e salvação. A imagem mental na analogia do Senhor é simples. Há dois portões, que levam a dois caminhos, e terminam em dois destinos, habitados por dois tipos diferentes de pessoas. Aqui o Senhor focalizou a inevitável decisão que você, eu e o resto de mundo temos de fazer.

A ESCOLHA SEM ESCOLHA

Um número muito grande de igrejas cristãs contemporâneas abandonou totalmente a idéia da necessidade de uma escolha, insistindo que há lugar para uma diversidade de opiniões sobre a fé. Quando a guerra no Iraque teve início

em 2003, uma igreja protestante tradicional em Nova York, demonstrando sua feliz ambivalência, apoiou alguns membros que se dispuseram a fazer uma campanha pró-militar de “Adote um soldado”, e, ao mesmo tempo, encorajou outros membros que participaram de movimentos de protesto antimilitares. O pároco explicou: “Estamos tentando cobrir todas as bases. Não quero que a guerra no Iraque cause uma guerra na minha congregação”.

Grande número de igrejas segue a mesma abordagem em relação ao evangelho, recusando-se a dizer qualquer coisa definitiva a respeito do caminho da salvação, jamais confrontando aqueles que seguem pela estrada larga. Como observou Randall Balmer, professor de História Religiosa da América no Barnard College em Nova York: “Trata-se de uma economia de mercado”. Para evitar que os membros e o público fujam, os líderes das igrejas estão tentando aliciar os “fregueses” umas das outras do mesmo modo que os bancos e supermercados locais fariam, mediante o atendimento de suas preferências, “cobrindo todas as bases”. Como as pessoas poderão encontrar o portão estreito para o céu quando suas próprias igrejas escolhem não tornar clara a alternativa entre o caminho de Cristo e o caminho do mundo?

A igreja não pode aceitar múltiplos pontos de vista e permanecer legítima. Se o evangelho cristão é verdadeiro, então tudo o mais é uma mentira. Se apenas Cristo salva, aqueles que não crêem em Cristo estão condenados. A igreja não pode conduzir pecadores à salvação se apresentar cada caminho como sendo tão bom quanto o outro. Entretanto, com frequência ouço esse inclusivismo dos pretensos cristãos. Se temos medo de causar discórdia por apresentar a estreita exclusividade da mensagem de Jesus, essa atitude redundante no mesmo que escolher o caminho largo. O evangelho é exclusivo. Jesus é o único caminho. A porta é estreita.

APENAS DUAS RELIGIÕES

Há duas coisas que não podemos fazer com esse sermão pregado por Jesus no monte. Primeiro, não se pode ficar de longe e admirá-lo, embora muitos façam isso. Jesus não está interessado em que as pessoas admirem sua ética.

Ele quer que o sigamos pelo caminho estreito. A segunda coisa é que não podemos empurrar essa decisão para um futuro nebuloso. Jesus nos chama ao arrependimento agora.

Como Rei dos reis, Cristo veio para trazer ao mundo um reino único e especial separado de todos os outros. Ele sabia que não poderíamos compreender esse reino a não ser que ele explicasse seus princípios e essa foi a razão de ser desse magnífico sermão. Nesse momento de clímax, ele afirmava: “Aqui está a essência do meu reino. Esse é o perfil de uma fé autêntica. Vocês estão dentro ou fora?”. Ele exige uma resposta. E a escolha é absolutamente bem definida: o portão estreito ou o portão largo. Não existe qualquer alternativa.

Em seu livro *Basic Christianity*, John Stott escreveu: “Quaisquer que sejam seus progenitores e a instrução recebida, todo adulto responsável é obrigado a decidir a favor ou contra Cristo. Não podemos permanecer neutros. Nem tampouco podemos simplesmente nos deixar arrastar pela correnteza do Cristianismo. Também ninguém pode decidir essa questão por nós. Precisamos e devemos decidir por nós mesmos”.¹ Naturalmente procuramos uma fórmula de acomodação ou acordo. Porque desejamos que todos concordem. Amamos o meio-termo. Ele parece mais agradável. Mas Jesus diz que não há meio-termo; é um ou outro.

Quando sou entrevistado por uma rede de TV, ou quando a situação exige um ritmo apressado na qual devo apresentar minha mensagem em 15 segundos, quero dizer apenas duas coisas, preto no branco: quero proclamar a absoluta e única autoridade das Escrituras e a absoluta exclusividade de Cristo. É um tipo de resposta à versão eletrônica do desafio do produtor da Broadway, David Belasco: “Se você não consegue escrever a sua idéia nas costas do meu cartão pessoal, você não possui uma idéia”. Gostando ou não, tenho apenas alguns segundos para dar o meu recado e isso me força a pensar sobre quais são as mais importantes, as doutrinas fundamentais da fé.

Lá estou eu, com os monitores piscando e os técnicos movimentando-se atrás das câmeras; o apresentador me ouvindo com um ouvido, enquanto, com o outro, ouve o produtor através de um aparelho colocado em seu ouvido; estamos todos juntos num estúdio apertado com os joelhos batendo uns contra os outros; quando o apresentador dirige seu feixe de *laser* para mim e diz: “Antes de passarmos para o comercial, o que você pensa a respeito de

tudo isso, John?”, é melhor que eu saiba exatamente o que penso. Penso que a humanidade precisa saber que a Bíblia é a única verdade de Deus, e Jesus Cristo o único Salvador.

Sem dúvida, normalmente outros convidados têm prioridades diferentes. Quando participei de uma entrevista semelhante com Deepak Chopra, ele quis me envolver numa batalha sobre os manuscritos do Novo Testamento. Noutra ocasião, um padre tentou debater o significado de uma parábola. Deixei-os falar durante o tempo que lhes cabia – polidamente, espero – e então fiz o assunto voltar para o que deveria ser: a autoridade das Escrituras e a exclusividade de Cristo.

No final das contas, todas as discussões voltam para essas duas verdades inflexíveis e inquebráveis do genuíno evangelho. Elas revelam que há uma única verdadeira religião, e as outras são falsas, e que existe o certo, e todo o resto é errado. Ao longo de todo o Sermão do Monte, Jesus contrastou a religião verdadeira de Cristo com o falso Judaísmo dos escribas, fariseus e seus seguidores. Ele ofereceu, não uma variedade de escolhas, mas apenas duas. O evangelho salva; qualquer outra e todas as outras coisas condenam.

RETIDÃO DIVINA *VERSUS* HUMANA

Existe uma compreensão equivocada de que a escolha entre Cristo e os falsos deuses é a escolha entre o desejo de ir para o inferno ou o desejo de ir para o céu. Tenho ouvido pregadores dizerem que o caminho estreito é o caminho do Cristianismo, escolhido por aqueles que desejam ir para o céu e o caminho largo é aquele que as pessoas escolhem quando se contentam em ir para o inferno. Porém, esses pregadores estão mal-informados ou confusos. Não se trata de um contraste entre piedade e Cristianismo de um lado, e a população descrente, luxuriosa, indecente e pagã alegremente a caminho do inferno do outro lado. É um contraste entre dois tipos de religião, ambos os caminhos com o aviso: “Este é o caminho para o céu”. Satanás não coloca um sinal indicando: “Inferno – Próxima entrada”. Esse não é seu estilo. As pessoas que entram pelo caminho largo pensam que ele as levará para o céu.

É, também, um contraste entre retidão divina e retidão humana, entre religião divina e religião humana; portanto, entre religião verdadeira e religião falsa. A Palavra de Deus descreve o problema dos fariseus em Lucas 18.9, onde lemos que eles: "...confiavam em si mesmos, por se considerarem justos". Era uma religião de retidão humana. Eles adoravam a si mesmos. E essa atitude é inadequada, pois não eram suficientemente retos e justos para atender aos altos padrões do reino de Deus. Só Jesus pode atendê-los.

A escolha que todos fazemos é a seguinte: ou somos suficientemente bons por nosso próprio esforço, mediante nossos sistemas de crença e moralidade para conquistarmos o céu: ou não o somos, e temos de abandonar-nos à misericórdia de Deus em Cristo para chegarmos lá. Estes são os únicos dois sistemas de religião no mundo. Um é a religião do mérito humano; o outro reconhece que apenas em Cristo encontramos verdadeiro mérito, o qual é outorgado ao pecador apenas pela graça. Pode haver milhares de nomes e termos religiosos, mas apenas duas religiões realmente existem. Existe a verdade da ação divina, a qual afirma que Deus realizou tudo em Cristo, e há a mentira do desempenho humano, a qual diz que temos certa participação em nossa salvação. Uma é a religião da graça, a outra é a religião das obras. Uma oferece salvação unicamente pela fé; a outra oferece salvação pela carne.

Sistemas religiosos elaborados pelo homem ou projetados pelo demônio são baseados na pressuposição de que não necessitamos de um Salvador, ou não somos totalmente dependentes dele, porque temos a capacidade de desenvolver a nossa própria retidão. Se Deus apenas nos proporcionar certo tanto de ambiente religioso para auxiliar nossa bondade natural, se nos dispensar um pouco de poder, ou infundir em nós certa força. Se ele nos der algumas regras e umas poucas rotinas e rituais religiosos, seremos capazes de operacionalizar a salvação por nós mesmos. A mentira do desempenho humano aparece sob uma miríade de títulos, mas é sempre o mesmo sistema, porque são produzidos pela mesma fonte: o próprio Satanás. Ele o condiciona em caixas diferentes, mas todas têm o mesmo produto. Por outro lado, a verdade da ação divina é o Cristianismo. E ela permanece sozinha.

Tragicamente, a maioria da humanidade está religiosamente apressando-se pela larga estrada do desempenho humano, convencida de que se encaminha para algum destino celestial fabuloso em razão de sua própria bondade básica,

obras cheias de nobreza e feitos religiosos. Em contraste, Jesus afirmou que o único caminho verdadeiro para o céu é o caminho estreito de confiar somente nele como Senhor e Salvador.

Os judeus ensinavam que eles poderiam conseguir isso sozinhos. Essa é a razão por que as palavras de Paulo foram tão chocantes quando ele disse: "...visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei" (Rm 3.20). Ele também disse que a lei veio para fazer calar nossa boca quanto a qualquer reivindicação de retidão e justiça e para manter o mundo todo culpado diante de Deus. A Lei foi dada para deixar evidente a nossa própria pecaminosidade, mas quando o homem egoísta e virtuoso aos seus próprios olhos percebeu que era pecador diante da Lei, ele não quis enfrentar sua pecaminosidade. As pessoas decaídas colocam de lado a Lei de Deus, inventando constantemente novos sistemas que acomodam suas falhas e depois afirmam que estão bem com seus deuses baseados em seu próprio critério pessoal ou nas crenças e nos comportamentos religiosos.

Toda força impulsionadora do Senhor no Sermão do Monte, particularmente nesse ponto-chave das portas larga e estreita, visa quebrar a espinha dessas espécies mortíferas de sistemas religiosos e mostrar que todos aqueles que crêem nessas mentiras estão errados. O propósito de Jesus era levar seus ouvintes e leitores para o início do seu sermão: os verdadeiramente abençoados são os pobres de espírito; abençoados são os humildes; abençoados são os que têm fome e sede de justiça. Ele começou onde queria terminar, com pessoas que estão quebrantadas, lamentando sua total pecaminosidade, humildes diante da face de Deus e da Lei, famintas e sedentas por aquilo que sabem que não possuem, mas necessitam desesperadamente: a retidão de Deus.

Mas os fariseus nunca aceitaram essa mensagem. Em Lucas 18.11, um deles orou: "...Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens", e se gabava do quanto jejuava e do dízimo que entregava. Porém, ele nunca confessava qualquer pecado ou expressava remorso diante de Deus, pois estava certo de que era tão bom que não tinha nada por que se sentir culpado e nenhuma condenação da qual precisasse ser salvo. No canto, ao contrário, estava o homem que mencionamos anteriormente; batendo no peito, ele dizia: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" E Jesus observou: "...este desceu justificado para sua casa, e não aquele" (Lc 18.14). Jesus deseja levar-nos ao

ponto onde poderemos compreender nossa absoluta incapacidade de agradar a Deus em nossa própria carne e então clamar em desespero, com o espírito quebrantado humilde e pesaroso, pela retidão de Deus. Os fariseus pensavam que eram justos, e estavam a caminho do céu e do reino. O oposto era verdadeiro. Que desilusão! Jesus os forçou a reavaliar a própria escolha.

ATTITUDE DE MENTES ESTREITAS

Em Mateus 7.13,14, Jesus mencionou o portão estreito duas vezes e o portão largo apenas uma vez. Da encruzilhada, ambos os caminhos parecem levar à salvação. Ambos prometem a estrada para Deus, para o reino, a glória, as bênçãos, o céu. Porém, só um dos caminhos realmente chega lá. O outro está pavimentado com retidão própria como um substitutivo para a perfeita retidão exigida por Deus em Mateus 5.48: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”. Ou aceitamos a verdade de que a salvação vem do que Deus fez por nós em Cristo ou seremos deixados com nada mais do que nossa pecaminosa justiça própria.

A principal característica do caminho da vida apontado por Jesus foi sua estreiteza. O caminho largo tinha todos os tipos de tolerância pelo pecado, por leis além da lei de Deus, e por padrões abaixo e além dos padrões de Deus. Todo sistema religioso construído pelo homem faz parte do cenário do caminho largo. Porém, Jesus não procurou maneiras de conciliação ou de acomodação. Ele disse simplesmente: “É necessário deixar o caminho largo. Você precisa entrar pelo caminho estreito. Se você quiser entrar no reino, você tem de ir nesses termos”.

Não é suficiente ouvir sermões sobre o portão; não é suficiente respeitar a ética; precisamos atravessar o portão. E não podemos ir a não ser que abandonemos nossa justiça própria, que nos vejamos como mendigos em espírito, lamentando os pecados, humildes diante de um Deus santo, não orgulhosos e cheios de si, famintos e sedentos por retidão, e não crendo que já a possuímos. O inferno estará cheio de pessoas que admiravam profundamente o Sermão do Monte. É necessário fazer mais do que isso. É necessário obedecer e agir.

Não podemos ficar do lado de fora e admirar o portão estreito, é necessário deixar tudo para trás e atravessá-lo. Aí está a auto-renúncia novamente. Atravessamos despojados de tudo. Mas isso não seria uma atitude motivada por uma mentalidade limitada? Isso quer dizer que o Cristianismo não abre espaço para pontos de vista opostos? Nenhuma tolerância compassiva? Nenhuma diversidade?

Exatamente isso. Não agimos dessa maneira por sermos egoístas ou orgulhosos; agimos assim porque foi isso o que Deus nos mandou fazer. Se Deus tivesse dito que há 48 caminhos para a salvação eu pregaria e escreveria sobre todos eles. Mas não há: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”, lembra-nos Atos 4.12, nenhum outro nome senão Jesus.

No Evangelho de João, Jesus disse: “...Eu sou o pão da vida” (6.35); “...Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (14.6); “...o que não entra pela porta no aprisco... é ladrão e salteador... eu sou a porta” (10.1,7). Paulo confirmou essas palavras em 1Timóteo 2.5: “Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”. Há apenas um: Cristo e somente Cristo. Esse é um ponto de vista limitado. Mas o Cristianismo é assim. E é a verdade. Temos de entrar nos termos de Deus e pelo portão prescrito por Deus. Cristo é o portão. O Deus Santo tem o direito de determinar as bases da salvação, e ele determinou que seja Jesus Cristo, e apenas ele. Podemos entrar somente por meio dele, pela fé.

UM DE CADA VEZ

Ele decidiu também que seu povo deve atravessar o portão estreito sozinho. Isso está implícito na passagem, o qual alguns comentadores dizem que é mais bem expressa pela idéia de catraca ou borboleta. Se você já foi a um zoológico ou a um jogo com um grupo de pessoas, todos provavelmente tiveram de passar por uma catraca. Quando todos se aglomeram no portão e estão com muita pressa tentando entrar ao mesmo tempo, é necessário com-

preender que passar por uma catraca não é algo que se possa fazer em grupo. É preciso passar um de cada vez. Assim é com o portão estreito. Atravessar o portão em direção ao reino de Cristo é uma jornada solitária.

Os judeus criam de maneira diferente. Eles pensavam: “Estamos no reino! Nós conseguimos isso, não como dignos seguidores individuais do Messias, mas como membros de um grupo especial baseado na herança abraâmica, na linhagem judaica e na circuncisão”. Como os judeus para quem Jesus pregava, muitas pessoas hoje crêem que quando vão à igreja estão automaticamente embarcando numa viagem para o céu; elas simplesmente entrarão com o grupo. Mas não há grupos numa catraca. Cada um passa sozinho. A salvação é individual.

Essa idéia é difícil de aceitar porque passamos a vida correndo com a multidão, fazendo parte do grupo, parte do sistema, obtendo a aceitação. Então, de repente, Cristo diz que teremos de passar por essa catraca sozinhos. Para um fariseu, isso significava precisar dizer adeus àquele precioso sistema e andar sozinho. Subitamente ele descobre que não é suficiente alegar sua linhagem abraâmica, não basta reportar-se à sua circuncisão. E não é suficiente dizer: “Nasci numa família cristã, freqüentei a igreja durante toda a minha vida”. Como Laurence J. Peter costuma brincar: estar na igreja não faz de você um cristão, assim como estar numa garagem não o transforma num carro. Cada um deve ir a Cristo sozinho, num compromisso individual de fé penitente e de auto-renúncia. Isso é difícil.

UM CONVITE FALSIFICADO

Sei que isso choca algumas pessoas, porque ouvimos o tempo todo que é fácil obter a salvação. “Apenas assine este folheto.” “É só levantar sua mão!” “Venha à frente enquanto o coro canta mais uma estrofe!” “Apenas repita esta oração.” “Convide Jesus a entrar em seu coração.” Tudo soa muito simples. O único problema é que nenhuma dessas atitudes tem qualquer relação com a verdadeira salvação ou com atravessar o portão estreito. Esses tipos de convites sugere que Jesus é um tipo de Salvador pobre e lamentável, esperando que

tomemos a iniciativa de permitir que ele aja em nós. Isso subentende que a salvação depende da decisão humana, como se o poder que nos salva fosse o poder do “livre-arbítrio” humano.

Essa ênfase é um fenômeno caracteristicamente americano que teve início no século 19 com um advogado de Nova York transformado em evangelista, chamado Charles Finney. Ele foi o principal anticalvinista americano, insistindo em que as pessoas são salvas por um ato de pura força de vontade. Portanto, qualquer estratégia necessário para manipular essa vontade constitui num método essencial, porque qualquer coisa capaz de convencê-los a se decidirem ser salvos é legítima. Os fins justificam os meios. E, nesse caso, o manipulador “convite do altar” transformou-se no foco principal do seu evangelismo.

Até então, os evangelistas americanos eram, em sua maioria, calvinistas, isto é, criam que os pecadores são salvos por ouvir a mensagem do evangelho enquanto Deus o Espírito Santo os desperta de sua morte espiritual. Mas Finney escolheu um caminho diferente. Ele recorreu a apelos emocionais e ensinou que a salvação não exigia uma regeneração soberana por parte de Deus, mas apenas um ato de vontade humana. As pessoas iam à frente numa torrente sob a força de sua habilidade. Na grande maioria dos casos não havia uma conversão real; de fato, Finney mais tarde admitiu que seu ministério havia produzido em sua maior parte semiconvertidos ou “convertidos” temporários. Mas o espetáculo das multidões avolumando-se em direção ao púlpito era muito convincente.

Dwight Moody adotou a técnica de Finney e passou-a adiante para uma geração de evangelistas de estádio e líderes de ministério que ainda algumas vezes promovem fantásticos eventos públicos e manipulam as pessoas para que vão à frente. A maior parte dessa atividade é infrutífera. Sem dúvida, creio que apesar da manipulação, e não por causa dela, algumas pessoas que fazem um voto, assinam um folheto ou vão à frente nesses trabalhos evangélicos estão com o coração abatido, conscientes de sua pecaminosidade, e prontas para seguir a Jesus como Senhor e tomar a própria cruz em total auto-renúncia. Essas são as pessoas que serão recebidas no portão estreito pelo poder de Deus por meio da verdade, que se descobrirão a caminho do céu. O resto não irá, mas pode ser enganado.

De acordo com Jesus, é muito, muito difícil ser salvo. No final de Mateus 7.14, ele diz o seguinte sobre a porta estreita: "...são poucos os que acertam com ela". Não creio que ninguém jamais tenha escorregado e caído no reino de Deus. Isso é graça barata, crença fácil, Cristianismo dietético, uma abordagem superficial, emocional, avivalista: "Eu creio em Jesus!" "Ótimo, você é da família, entre!" Não. Os poucos que acham a porta estreita precisam procurar muito por ela e, então, atravessá-la sozinhos. É difícil encontrar uma igreja ou um pastor ou mesmo um cristão que possa nos orientar até ela. O reino é para aqueles que agonizam para entrar, cujos corações estão despedaçados pelo pecado, que lamentam humildemente, que estão com fome e com sede e esperam ansiosamente que Deus mude sua vida. É difícil porque você tem o inferno todo contra você. Uma das mentiras mais perversas de Satanás no mundo de hoje é a noção de que é fácil se tornar cristão. Não é fácil de modo algum. A porta que você precisa encontrar é muito estreita e você passa por ela sozinho, angustiado pelos seus pecados e ansiando ardentemente pelo perdão.

Alguém pode dizer que isso se parece com a religião do desempenho humano. Não é. Quando você chega a se sentir quebrado, ao reconhecimento de que, por você mesmo não conseguirá passar pela porta estreita, então Cristo derrama em você graça sobre graça para o fortalecer nessa entrada. Ao ser quebrado, seu poder torna-se o seu recurso. Nossa parte é admitir nosso pecado e incapacidade e rogar por misericórdia e poder do alto.

NENHUMA BAGAGEM

Não é possível passar por uma catraca com bagagem. Para atravessar a porta estreita que leva ao céu, você deixa para trás todas as posses e passa com as mãos vazias. Não é a porta dos auto-satisfeitos, que desejam carregar todas as suas posses consigo, é a porta dos que renunciam a si mesmos, que abandonam toda justiça própria e autoconfiança. Rejeitando tudo o que já foram, deixam para trás o passado. De outra maneira, não poderiam atravessar a porta. Nem ninguém mais poderia.

O jovem líder rico chegou até a porta e perguntou a Jesus o que deveria fazer para entrar no reino. O Senhor disse-lhe para abandonar seu conjunto de malas Gucci e passar. Ele havia encontrado a porta que poucos jamais encontram, mas recusou-se a entrar porque era muito egoísta e egocêntrico para fazer o sacrifício que Jesus lhe pediu.

O ponto importante aqui é maravilhosamente expresso em Mateus 18.3, em que Jesus diz: "...se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus". A marca distintiva das crianças é fato de que são absolutamente dependentes dos outros e não alcançaram nenhum mérito próprio. Como afirma o escritor do hino: "Nada trago em minhas mãos, apenas à tua cruz me apego". Fé salvadora é mais do que um ato mental; é um desdém pelo próprio ser pecador, uma admissão de desmerecimento, um apelo desarmado: "Senhor, sê misericordioso para comigo, um pecador!" Não há nada de errado em levantar as mãos ou recitar uma pequena oração, mas à parte de uma verdadeira fé em Cristo isso não traz real salvação. Jesus exigiu uma estrita, difícil, radical, dramática admissão de pecaminosidade; um reconhecimento de que não somos nada e não temos nada que nos recomende diante de Deus. A fé começa quando nos lançamos à sua misericórdia para receber o perdão.

ARREPENDIMENTO E SUBMISSÃO

Para atravessar a porta estreita, devemos entrar com o coração arrependido pelo pecado, prontos a deixar o amor pelo pecado em favor pelo amor do Senhor. Quando João Batista preparava um povo para receber o Messias, eles iam para ser batizados porque queriam ter seus pecados perdoados. Para qualquer judeu, a preparação para a vinda do Messias e a prontidão para seu reino significavam purificar o coração de todo pecado.

Nós também devemos entrar pela porta estreita em absoluta submissão a Cristo. Ninguém pode ser regenerado, como Cristo indicou em Mateus 7, simplesmente acrescentando Jesus Cristo às suas atividades mundanas. A salvação não é um acréscimo, é uma transformação que leva a uma voluntária

submissão à sua Palavra. Toda a mensagem de 1 João resume-se em que, se somos verdadeiramente redimidos, isso se manifestará numa vida transformada na qual confessamos os pecados, obedecemos ao Senhor e manifestamos amor por ele e pelos outros. O milagre divino de uma vida transformada revela verdadeira salvação, resultando num coração que deseja obedecer ao Senhor. Como afirmou Jesus: “...Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos” (Jo 8.31).

Se alguém que se denomina cristão não pensa nem age como cristão, este não está no caminho que pensa estar. Provavelmente juntou-se ao bando que atravessa rapidamente a porta larga da falsa religião. Não demonstra nenhuma auto-renúncia: “Ei, traga toda a sua bagagem, toda a sua ambição pessoal, sua vontade, todos os seus desejos egoístas, sua imoralidade, sua falta de arrependimento e até sua relutância em submeter-se inteiramente à liderança de Cristo. Podem passar sem problema pela porta do amor à própria vida!” Muitos alegam ser cristãos, mas ainda são absolutamente indulgentes consigo mesmos. Estes nunca passarão pela porta estreita com toda essa bagagem. Embora talvez não saibam, estão na estrada larga da destruição.

DIANTE DA ENCRUZILHADA

Uma vez atravessada a porta larga, o grupo está todo lá e a vida é fácil: nenhuma regra, nenhuma moralidade rígida e muita tolerância e diversidade enquanto afirmamos que amamos a Jesus. Nesse caminho, todos os desejos do coração decaído são atendidos. Não há necessidade de humildade, nem de se estudar a Palavra de Deus. Nenhum esforço é absolutamente exigido, como um peixe morto flutuando rio abaixo, a corrente faz tudo. É o que Efésios 2.2 descreve como “o curso deste mundo”. É a estrada larga onde “o caminho dos ímpios perecerá” (Sl 1.6).

Contraste isso com o caminho estreito. A melhor tradução para a passagem de Mateus 7.13,14 seria um caminho “constrito”. A palavra literalmente significa pressionar, ou estar confinado, como um lugar estreito sobre um precipício. Essa é a razão pela qual em Efésios Paulo nos diz que devemos

andar de maneira circumspecta, com os olhos abertos sem nos desviarmos. É um caminho muito apertado, cercado de ambos os lados pela mão disciplinadora de Deus. A pessoa escorrega desse lado e logo – *plaft!* – tem suas juntas espirituais deslocadas. O mesmo acontece do outro lado. As exigências são firmes, estritas, refinadas e claras, não há lugar para qualquer desvio ou abandono. O desejo do nosso coração deve ser cumpri-las, sabendo muito bem que, quando falharmos, Deus nos disciplinará e, então, ele mesmo maravilhosa e amorosamente nos perdoará e nos colocará de novo de pé para cumprir sua vontade.

A escolha, então, é entre estes dois destinos: o caminho largo que leva à destruição e o caminho estreito que é o único caminho para o céu. Todas as formas de religião do desempenho humano – desde o humanismo e o ateísmo (a religião máxima do desempenho humano na qual o próprio homem é Deus) ao pseudocristianismo – terminarão no mesmo inferno. Como disse John Bunyan: “Para alguns, a entrada do inferno são os portais do céu”. Que tremendo choque será para algumas pessoas. Do outro lado, o caminho estreito se abrirá numa bem-aventurança eterna. O caminho largo estreita-se num terrível fosso (abismo). O caminho estreito alarga-se nas eternas glórias do céu, a plenitude de uma indizível, eterna, brilhante comunhão de alegria com Deus que não podemos sequer imaginar.

Em Mateus 10.32,33 Jesus diz: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus”. Você está desejoso de confessar o Cristo do Novo Testamento, que é o verdadeiro Cristo, e o evangelho proclamado por ele, que é o verdadeiro evangelho? Você está livre da vergonha para confessá-los aberta e publicamente? Ou você se envergonha dele e de suas palavras e conseqüentemente nega que ele seja aquele quem afirma ser ou que seu evangelho seja a mensagem verdadeira? Se o negar e se envergonhar dele; se a pregação da cruz é tolice para você, então está entre os que perecem.

Admiração não é suficiente. Dizer que aprecia a Cristo e o serve não é suficiente. Muitos no caminho largo admiram Jesus, mas não atravessaram a porta estreita. Não foram com o coração partido e contrito. Não chegaram

esmagados pelo peso da lei de Deus com uma atitude penitente, admitindo sua verdadeira condição desesperada e condenada, clamando por salvação da única fonte: o Senhor Jesus Cristo.

O Senhor diz: “Se você não me conhece nos meus termos, eu não o conheço de maneira nenhuma. Se não veio com arrependimento e convicção de seu próprio pecado, em abandono de si mesmo com tal desespero que você grita por salvação e retidão do céu, qualquer que seja o custo, então você não passou pela porta estreita. Não veio humildemente buscando perdão, sabendo que não o merece”. Você praticamente se envergonhou de Jesus e das palavras dele, e o encontrará envergonhado de você.

A ESCOLHA ETERNA

Jesus nos diz especificamente que essa vergonha será manifestada “quando [ele] vier” (Lc 9.26). Quando um pecador morre, ele acaba imediatamente no inferno. Não precisa esperar pela volta de Jesus Cristo para isso. É quase como estar preso antes da sentença final. Quando alguém comete um crime, é preso e espera na prisão pelo julgamento e sentença finais.

Essa sentença final virá quando Cristo retornar em glória. Ele virá para sua igreja, mas sua glória não será manifestada na terra. A igreja desaparecerá no arrebatamento, o que será seguido do terrível período da grande tribulação, e então Jesus virá em toda a glória. Na segunda vinda, ele retornará à terra para estabelecer sua lei em completa demonstração da glória do Pai, “quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo” (2Ts 1.7,8).

Jesus vem em sua glória, os anjos vêm em sua glória, e talvez a chama de fogo também fale do Pai, que se manifestou muitas vezes no Antigo Testamento em chama de fogo que orientou Israel durante a noite. O fogo que Moisés e o povo de Israel viram no Sinai também representava Deus: a brilhante, magnífica, resplandecente chama da sua presença.

Mateus também descreve esse quadro referindo-se muitas vezes à “vinda em glória” de Jesus. Na sua vinda, ele dispensará retribuição àqueles que não

conhecem a Deus. Se não obedecemos ao evangelho, não podemos conhecer a Deus. Não há outra maneira de sermos salvos.

Ele dispensará punição a todos os não-crentes, como descrito em 2Tesalonicenses 1.9: “Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder”. Isso significa que eles sofrerão uma destruição eterna e interminável longe da presença de Deus e experimentarão choro eterno, lamento e ranger de dentes. Quando Jesus voltar à terra em glória, na segunda vinda, o fim da história humana como a conhecemos, ocorrerá a destruição dos ímpios.

Então, o Senhor estabelecerá seu reino milenar e no fim desses mil anos do reino, o último tribunal terá lugar. Apocalipse 20 conta-nos a história. João, olhando para o futuro, para o fim do reino, prefigurou o acontecimento final do universo como o conhecemos. Ele viu “um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu” (v. 11). Pedro escreveu a esse respeito como os elementos do universo se desfazendo abrasados (2Pe 3.10). Essa é a destruição do universo. Ele simplesmente desaparece. Deus destruirá o universo inteiro de modo mais rápido do que ele o criou.

João viu os mortos, grandes e pequenos, importantes e insignificantes, levados para diante do trono. Os livros foram abertos, o que exemplifica o fato de que Deus tem uma perfeita avaliação de tudo na nossa vida. E outro livro foi aberto, o Livro da Vida, no qual aqueles que estão salvos têm seus nomes escritos. Deus julgará os mortos pelas coisas escritas nos livros, de acordo com seus atos. Isso é trágico porque seus atos são maus.

João registrou que o mar entregou seus mortos, a morte e o além entregaram seus mortos. Os mortos virão literalmente, com corpos ressuscitados preparados para a dor eterna, diante desse grande trono, e Deus julgará cada um pelos seus atos, pois isso é tudo que ele pode utilizar para julgá-los. A julgar pelos nossos atos, estamos todos condenados. Apocalipse 20.14: “Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo”. Esse lago de fogo é a segunda morte, qualquer pessoa cujo nome não estiver escrito no Livro da Vida será lançada no lago de fogo para uma eternidade de agonia.

O único modo de escapar do lago de fogo é ter seu nome escrito no Livro da Vida. Ter o nome nesse livro não significa que não tenhamos cometido atos pecaminosos; significa que o sacrifício de Jesus cobriu esses atos e pagou por eles.

Quando Cristo vier em sua glória, quando ele vier na glória do Pai e dos santos anjos, quando ele vier para tratar com os ímpios, para destruí-los, para puni-los com punição eterna, para levá-los diante do tribunal para receber sua sentença final, é nessa ocasião que o Senhor manifestará que ele está para sempre e definitivamente envergonhado daqueles que se envergonharam dele e do seu evangelho.

Trata-se de uma realidade assustadoramente séria. E, compreendendo o que está em jogo, por que haveria alguém de arriscar a eternidade por um Cristianismo pop que não o levará até a porta estreita e através dela? Que benefício, que vantagem existe em ganhar o mundo inteiro, satisfazer todos os desejos da carne e os desejos dos olhos, e o orgulho da vida – se fosse possível tê-los todos – se isso significa perder sua alma eterna e queimar para toda a eternidade num lago de fogo? Será muito melhor entrar pela porta estreita.

Ajuda-nos, Senhor, a sermos despertados pelo teu Santo Espírito, de modo que vejamos a nós mesmos como nada senão o pior dos pecadores, pedintes carentes, dispostos até mesmo a morrer, sabendo que se nos virmos assim e aceitarmos a Cristo seremos príncipes com Deus para sempre.

PALAVRAS VAZIAS

Não creia em ninguém que diga que é fácil se tornar cristão. A salvação para os pecadores custou a Deus seu próprio Filho; custou ao Filho de Deus sua vida e ela lhe custará o mesmo tanto. Não se obtém a salvação recitando meras palavras. A fé salvadora transforma o coração e isso, por sua vez, transforma o comportamento. Os frutos da fé são vistos nas ações e não nas intenções. Não há lugar para espectadores passivos. Palavras sem ações são vazias e fúteis. Lembre-se de que na visão que teve do julgamento, João viu o Livro da Vida, não um livro de palavras ou um livro de meditação intelectual. A vida que vivemos, e não as palavras que pronunciamos, revelam se nossa fé é autêntica ou não.

Entregar-se a Deus nos termos de Deus exige que reconheçamos nosso total desmerecimento e incapacidade, e isso significa a morte do orgulho e do eu. Essa é a dificuldade, porque este mundo decaído, com sua tendência egoísta, constantemente nos diz que devemos amar a nós mesmos. Sempre afirmamos: “Não! Amamos mais a Deus!” Porém as nossas atitudes provam o contrário.

C. S. Lewis, que considerava o orgulho “o grande pecado” e “o câncer espiritual”, escreveu:

É o orgulho que tem sido a causa principal de miséria em toda nação e toda família desde que o mundo é mundo... Orgulho sempre significa inimizade – é inimizade. E não somente inimizade entre homem e homem, mas inimizade para com Deus.

Em Deus você tem de encarar algo que é, em todos os aspectos, imensuravelmente superior a você mesmo. A não ser que conheça a Deus desse modo – e, portanto, conheça a você mesmo como nada em comparação

– você realmente não conhece Deus. Enquanto você for orgulhoso não pode conhecer a Deus. Um homem orgulhoso está sempre olhando de cima as coisas e as pessoas e, certamente, enquanto estamos olhando de cima, não podemos ver nada que esteja acima de nós.

Isso levanta uma pergunta terrível: Como pode uma pessoa que esteja tomada pelo orgulho dizer que crê em Deus e até parecer muito religiosa? Temo que isso signifique que essa pessoa esteja cultuando um Deus imaginário.¹

No final do Sermão do Monte, depois de declarar todos os princípios e advertir sobre os falsos profetas, o Senhor disse de modo enfático: “Preciso avisá-los sobre uma coisa: cuidado para não se enganarem a si mesmos. Vocês são realmente verdadeiros membros do reino de Deus?” Em Mateus 7.21-23, o Senhor descreve a auto-ilusão ou o engano decorrente de uma profissão de fé meramente verbal: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”.

Jesus fez duras exigências àqueles que querem entrar no reino, princípios que podemos reduzir a uma única palavra: *retidão*.

Mateus 5.20 deixa isso claro: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus”.

A passagem de Mateus 7.21,22 indica uma manifestação verbal: “Nem todo o que me diz... Muitos ... hão de dizer-me...” Estas são as pessoas que afirmam ser cristãs, mas não são: elas *dizem*, mas não *fazem*. Os versículos que se seguem, que estudaremos no próximo capítulo, ressaltam aqueles que têm apenas um conhecimento intelectual: “Quem quer que ouça estas minhas palavras... todo aquele que ouve as minhas palavras...” Eles *ouvem*, mas não praticam. Num certo sentido trata-se de uma manifestação verbal, e noutro é um conhecimento intelectual, mas nenhum dos dois produz

bons frutos de uma vida de retidão. Não são mais do que palavras vazias de um coração vazio.

O GRANDE ENGANO

Mateus 7.21 diz que só “aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”, entrará no reino. Se você não vive uma vida de retidão genuína, não importa o que diga. Você está enganado. Os dois parágrafos finais desse grande sermão, versículos 21-23 e 24-27 apresentam um contraste entre a resposta errada e a resposta certa ao convite de Jesus, e mostram que a escolha que fazemos determina nosso destino eterno.

Lembre-se de que aqui Jesus não falava a pessoas descrentes, mas a pessoas que eram obcecadas pela atividade religiosa. Não eram apóstatas, hereges, ateístas ou agnósticas. Porém, estavam condenadas porque estavam se iludindo a si mesmas e no caminho errado. Seu engano poderia ser resultado de terem estudado sob a orientação de um falso profeta, ou poderiam ter aprendido a verdade, mas continuavam iludindo-se.

Essa é uma questão importante, pois estou convencido de que a igreja visível de nossos dias está literalmente superlotada de pessoas que não são cristãs, mas não sabem disso. Quando ouço estatísticas tais como 2 bilhões de pessoas no mundo são cristãs, e 2 bilhões não o são, imagino quem estabeleceu o critério para ser cristão. A Bíblia diz que muitos entram pelo caminho largo, mas poucos acertam o caminho estreito para Cristo. Muitas pesquisas de opinião noticiam que quase a metade da população americana alega ser cristã convertida, mas isso não concorda com as Escrituras.

Isso é mais uma indicação do grande número de pessoas que vive sob a ilusão de que, em razão do fato de terem bons sentimentos a respeito de Deus e de Jesus, e de terem assinalado uma linha num recenseamento ou num levantamento de opinião, são realmente cristãs convertidas. Esse é o engano principal. Você pode ser enganado sobre muitas coisas, mas ser enganado sobre se é ou não cristão afeta o seu destino eterno. Temos multidões iludidas

que seguem alegres no cortejo de Jesus e pensam que está tudo maravilhoso. Para estas, o julgamento será uma grande surpresa.

FALSA SEGURANÇA

Muitas pessoas que não estão salvas realmente pensam que estão, e ficarão chocadas quando perceberem isso tarde demais. Muitas vezes, são levadas a terem essa certeza porque têm uma falsa doutrina de segurança. Alguém lhes afirmou que, desde que tenham convidado Jesus para entrar no seu coração e recitado uma oração ou realizado uma pequena cerimônia, elas seguramente fazem parte do reino.

Não podemos assumir uma resposta inicial positiva ao evangelho como uma absoluta garantia de que essa pessoa está salva, nem deveríamos ser tão rápidos em descartar as incertezas pessoais ou desencorajar o exame individual. Apenas o Espírito Santo confere certeza genuína: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8.16). Não usurpe o papel dele na vida de qualquer pessoa. Não permita que uma falsa segurança invalide a obra de convencimento que ele faz.

As pessoas podem ser enganadas a respeito de sua salvação se falharem em seu exame pessoal. Elas entram em certo tipo de disposição de espírito que lhes confirma que tudo é graça e perdão, de modo que, na realidade, nunca se preocupam com seu pecado. Elas ouvem dizer: “Não é necessário confessar os seus pecados, eles já estão perdoados! Não se impressione com isso. Viva a sua vida!”. É um tipo de antinomianismo, uma atitude daquele que é contra ou indiferente à lei de Deus.

O Senhor coloca-nos repetidas vezes diante de sua mesa de comunhão para que cada cristão professo examine-se a si mesmo. Em 2 Coríntios 13.5 diz: “Examinai-vos vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados”. Você precisa olhar para o seu pecado e para suas motivações para fazer o que faz. Creia-me, se está genuinamente salvo, Deus o confirmará pelo seu Espírito testemunhando com o seu espírito. Levantar a mão ou ir à frente não tem nada a ver com isso.

FIXAÇÃO E TROCA RAZOÁVEL

Outra coisa que leva as pessoas a uma ilusão de que estão salvas quando não estão, é a fixação em atividades religiosas. Elas vão à igreja, ouvem sermões, cantam hinos, lêem a Bíblia, freqüentam um estudo bíblico, fazem um curso, e, porque estão completamente envolvidas com as atividades religiosas, a ilusão as convence de que estão salvas. Muitos dentro da igreja não estão: são joio no meio do trigo.

Há ainda outra idéia que acalenta as pessoas no engano de que estão salvas é o que chamo de troca razoável. Sempre que essa pessoa enganada percebe algo errado em sua vida, em vez de lidar diretamente com o erro e verificar se é verdadeira cristã, ela descobre algo certo em sua vida e faz uma troca razoável. Como as barganhas que fazemos com os Vigilantes do Peso: “Ah! Não posso estar tão mal assim. Veja o que eu consegui aqui!” E sempre negocia os aspectos negativos e positivos em vez de avaliar honestamente e com integridade a sua vida e dizer: “Se sou realmente crente, deveria fazer isto?” Ao contrário, ela diz: “Bem, eu faço isso, mas veja como faço aquilo também!” Ela faz uma troca razoável e encobre os defeitos.

O essencial é o seguinte: Olhando além de todas as falsas seguranças, atividades religiosas ou trocas razoáveis, vivemos com um desejo de obedecer à Palavra de Deus? Será esse o objetivo pelo qual você luta – não a perfeição da sua própria vida (o que só é alcançado no céu)? E quando desobedece, como acontece com todos nós diariamente, sente o remorso e o sente de culpa que o leva à confissão diante de Deus? Se isso não acontece, a pergunta: “Será que sou cristão?” é realmente uma boa pergunta.

Por exemplo, é incrível o número de vezes que conversei com pessoas envolvidas com o movimento homossexual que insistem em afirmar que são cristãs renascidas porque crêem em Jesus, podem recitar o credo, dizer o dia em que foram salvas, etc. Minha resposta para elas é: “Se vocês fossem cristãs, não pecariam continuamente como fazem e defendem. Vocês estariam com o coração partido e arrependidos e orariam para que sua vida fosse modificada”.

O mundo está cheio de pessoas que vivem como se não acreditassem na Bíblia, mas, mesmo assim, continuam insistindo em que são cristãs. O fato é que estão relutantes em se submeter ao senhorio de Cristo como revelado em sua Palavra, e essa falta revela que sua alegação de Cristianismo é uma trágica ilusão.

OS ENGANADOS

Há muitas pessoas enganadas sobre quem realmente é cristão. Sem contar os hipócritas, há duas categorias de enganados na igreja: os superficiais e os envolvidos.

Os superficiais são aqueles que se chamam cristãos porque, quando eram pequenos, iam à igreja ou à Escola Dominical, fizeram sua profissão de fé ou tomaram uma “decisão” por Cristo. Você já ouviu pessoas que, quando estão para serem batizadas, dizem: “Eu recebi a Cristo quando tinha 12 anos, mas depois disso minha vida se tornou uma confusão e agora quero voltar para a fé”. A verdade é que, provavelmente, essa pessoa não recebeu a Cristo aos 12 anos. Ela passou por uma experiência religiosa superficial e foi levada a pensar que estava salva.

Os envolvidos fazem parte de um grupo muito mais sutil e sério. Eles estão imersos até o pescoço nas atividades da igreja. Conhecem o evangelho e a teologia bíblica, mas não obedecem à Palavra de Deus. Vivem num constante estado de pecado.

Como uma pessoa enganada consegue saber que está enganada? E como podemos localizar tais pessoas? Aqui estão alguns indícios, embora nem todos os que praticam essas coisas estejam enganados.

Primeiro, procure pessoas que estão sempre em busca de sentimentos, bênçãos, experiências, curas, anjos e milagres. Estão mais interessadas nos produtos derivados da fé do que na fé em si mesma. Estão mais interessadas no que podem usufruir, do que na glória de Deus; mais interessadas em si mesmas do que na exaltação de Cristo.

Segundo, procure pessoas que são mais comprometidas com sua denominação, igreja ou tradição do que com a Palavra de Deus. O tipo de Cristianismo que professam pode ser puramente social. Estão mais comprometidas com a organização do que com o Senhor e sua Palavra.

Terceiro, procure pessoas envolvidas com a teologia como um interesse acadêmico. Você as encontrará nas faculdades e nos seminários: pessoas que estudam teologia, escrevem livros sobre teologia, mas são absolutamente vazias de qualquer retidão verdadeira. Para elas, a teologia é uma atividade intelectual.

Quarto, são aquelas que parecem estar presas a um superenfaticado ponto da teologia, como aqueles que nunca ensinam outra coisa senão, a segunda vinda de Cristo e sua relação com os acontecimentos atuais. Essas são as pessoas que sempre batem na mesma tecla de seus próprios pequenos temas, questões ou cacoetes. Elas gostariam de ser consideradas como pessoas muito próximas de Deus, que têm grande percepção divina além de qualquer outra pessoa; mas, na realidade, procuram uma plataforma para alimentar o próprio ego. Preste atenção em pessoas com falta de equilíbrio, ou aquelas superindulgentes em nome da graça, apresentando falta de penitência e um coração realmente contrito.

UMA LIÇÃO PESSOAL

Alguns dos exemplos mais dramáticos que já vi de enganados, disfarçados de cristãos, foram pessoas que haviam sido grandes amigos meus. O primeiro foi um colega do ginásio e companheiro de equipe chamado Ralph. Nós dois trabalhávamos durante o verão na concessionária do pai dele tomando de volta carros de pessoas que não haviam pago suas prestações: um trabalho de sonho para dois adolescentes. Além da escola e do trabalho, passávamos muito tempo juntos, distribuindo folhetos e testemunhando na Pershing Square, no centro de Los Angeles. Ele era o líder do grupo de jovens da sua igreja e eu era o líder na minha. Tinha sempre as palavras certas e parecia, para todo o mundo, estar inflamado por Cristo. Porém, quando ele foi para a faculdade, abandonou completamente a fé. Eu fiquei chocado.

Na faculdade tive um grande amigo chamado Don que era, no meu entender, um verdadeiro amigo espiritual em todos os sentidos. Éramos co-capitães da equipe de futebol americano. Ele era o presidente da classe e eu o vice-presidente; ambos presidíamos estudos bíblicos. Tanto o pai dele quanto o meu eram pastores, e pensávamos em nos tornar pastores também. Conversávamos muito sobre servir ao Senhor. Mas então ele foi para a Europa, obteve um doutorado em Psicologia, tornou-se professor e promotor de concertos de rock e, posteriormente, foi indiciado, condenado e sentenciado por apresentar alunos nus diante de sua classe. Ele abandonou totalmente a fé.

Então fui para o seminário, onde um dos meus melhores amigos, cujo pai era o deão, colocou um altar budista em sua casa depois de sua formatura. Ali estava alguém que havia se preparado para uma vida de ensino e pregação da verdade das Escrituras, e cuja vida e ministério, entretanto, até então se revelou ser uma mentira enganosa.

Essas experiências foram devastadoras; entretanto, mostraram-me de modo inesquecível que alguém muito envolvido com a igreja, que fala todas as coisas certas, nem sempre é cristão. Nada poderia ter marcado essa lição em meu coração com mais clareza. Ela me fazia voltar constantemente a 1 João 2.19, buscando conforto e encorajamento: “Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos”.

FÉ EXIGE AÇÃO

Nosso principal campo missionário nos Estados Unidos hoje está dentro da igreja. Precisamos conseguir que os membros de nossas igrejas sejam coerentes. As igrejas estão lotadas de pessoas como meus três amigos da mocidade, cheias de palavras vazias. Dizem as coisas certas no início, mas em última análise não fazem a vontade de Deus. Devemos falar porque a Bíblia nos ensina a confessar, mas confissão sem obediência é uma vergonha. Esse é o caso das virgens sábias e tolas em Mateus 25.1-3: “Então, o reino do céu será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo”. As virgens aqui são um símbolo do povo que está ligado ao Cristianismo, e o noivo representa Cristo. “Cinco dentre elas eram néscias, e cinco, prudentes”, como aqueles que construíram sobre a rocha ou sobre a areia. “As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.” Em outras palavras, tinham a aparência de piedade, mas não tinham o poder; não tinham a salvação em seus corações mas só os seus ornamentos, o “igregismo”.

...no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas. E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram. Mas, à

meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Sai ao seu encontro! Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão-se apagando. Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos que o vendem e comprei-o. E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta.

Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, Senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço. Vigiais, pois, porque não sabeis o dia nem a hora (Mt 25.4-13).

No versículo 11, as virgens néscias estavam ansiosas por confessar: “Senhor, Senhor!” Essa é uma expressão interessante. Quando pela primeira vez elas disseram: “Senhor”, poderia ter sido por respeito, já que a palavra significa “mestre”, “professor”, “meu senhor”. A segunda vez: “Senhor, Senhor” pode ter enfatizado a ortodoxia do seu apelo à palavra “Senhor”. *Kurios* é a palavra usada na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, para o nome de Javé. Elas afirmavam: “Sabemos que tu és Deus, sabemos que és Javé, aceitamos tudo o que a sua divindade envolve”. Elas eram respeitosas e ortodoxas, usavam os termos certos, tinham as atitudes certas, e o fato de terem usado a palavra duas vezes indicava o zelo e a paixão, o fervor, o compromisso e a força da sua devoção. Se as palavras da sua profissão significavam alguma coisa, elas teriam cumprido as condições básicas de prover para suas lâmpadas.

VIVENDO RETAMENTE

Em Mateus 7.22, como já vimos anteriormente, Jesus cita aqueles que apelarão para entrar no reino repetindo três vezes: “em teu nome”. Em outras palavras: “Não somos egocêntricos. Expulsamos demônios para ti, fizemos milagres por ti!” E nós dizemos: “Estes devem ser cristãos!” Para algumas pessoas, esse apelo será legítimo e o Senhor os convidará a entrar no reino.

Mas nem todos que apelam assim entrarão, porque nem todos os que confessam na realidade fizeram a vontade do Pai. Em Mateus 7.23 o Senhor

faz sua própria confissão: “Nunca vos conheci!” Que choque! Jesus citou uma confissão do Salmo 6.8. Elas estavam batendo na porta e repetindo: “Senhor, Senhor”, e ele lhes respondeu: “Vão embora, não as conheço”.

É claro que ele as *conhece*; ele conhece tudo. Essa não é uma questão de estar informado ou de reconhecimento. A palavra “conhecer” na Bíblia é usada para caracterizar um relacionamento pessoal íntimo. Por exemplo, em Amós 3.2, Deus diz, com respeito a Israel: “De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi”. Isso não quer dizer que os judeus eram as únicas pessoas que Deus conhecia, mas que só com eles ele tinha um relacionamento íntimo.

O Antigo Testamento diz: “E coabitou Caim com sua mulher; ela concebeu e deu à luz a Enoque” (Gn 4.17). Isso não quer dizer apenas que ele sabia quem ela era ou sabia seu nome, mas que ele a conhecia na intimidade do ato conjugal. Quando Maria se achou grávida do nosso Senhor pelo Espírito de Deus, a Bíblia nos diz que José ficou chocado porque ele nunca a conhecera (Mt 1.25).

Jesus despede aqueles que falsamente alegam conhecê-lo porque “praticam iniquidade” (Mt 7.23). Em vez de fazer a vontade de Deus e viver segundo esses retos princípios, explicou Jesus no Sermão do Monte, eles viviam pecaminosamente. Não é o que você *diz* que prova a realidade da sua fé, mas sim o que você *faz*.

Não significa absolutamente nada confessar a Cristo se sua vida não confirma isso. Essa é a razão pela qual Pedro diz que se você não puder acrescentar virtude à sua fé, não saberá se está realmente redimido (veja 2Pe 1.5-11). É também o que Tiago quis dizer quando falou que a fé sem as obras é morta (veja Tg 2.17). O tipo de “fé” que faz uma profissão verbal enquanto o coração continua seguindo o pecado não é uma fé verdadeira. Creio que a epítome de usar o nome do Senhor em vão não é usar seu nome como uma imprecação nas ruas, mas reivindicar Cristo quando ele não é seu.

G. Campbell Morgan escreveu: “A blasfêmia do santuário é muito mais terrível do que a blasfêmia da favela”. Dizer: “Senhor, Senhor”, e depois desobedecer é um beijo de Judas. Devemos estar com nosso coração motivado e fazendo a vontade de Deus. Essa é a razão pela qual a oração do Senhor diz: “Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu”, o que significa que devemos fazer a vontade celestial de Deus.

Mas o que acontece quando falhamos? Em oração, pedimos perdão por nossas dívidas e nossos pecados, “assim como temos perdoado aos nossos devedores”. Jesus não estava afirmando: “Este é o padrão de Deus, e, se você falhar, você está fora!” Ele afirmava: “Esse é o padrão perfeito, e parte desse padrão perfeito é que, quando você erra, você trata desse erro”. Esse é o padrão de Deus. E se essas realidades não ilustram a direção da sua vida, não importa a confissão que fizer, você não é cristão.

MUITAS PALAVRAS, POUCA AÇÃO

Fé verdadeira é uma fé *penitente* em Jesus Cristo, e isso produz boas obras. Se estas não estão presentes, não importa o que você diz. Em minha paráfrase de Mateus 7.23, o Senhor diz: “Nem por um momento eu os reconheci como meus ou os conheci intimamente. Vocês foram expulsos da minha presença porque continuam agindo com iniquidade”.

Isso é ainda mais espantoso porque as alegações no versículo 22 são muito impressionantes. Essas pessoas profetizaram, expulsaram demônios, realizaram feitos maravilhosos – parece muito com as alegações feitas pelos membros dos movimentos carismáticos de nossos dias. Com frequência essas alegações não são sequer verdadeiras, muito menos motivos válidos para a esperança do céu.

O fato é que não importa a alegação e não importa que milagres e maravilhas elas afirmem ter feito, Jesus diz que elas não estão qualificadas para entrar no seu reino porque nunca passaram pela porta estreita. Não transformaram suas palavras em ações.

Não podemos culpar o Senhor por condenar aqueles que falam mas não fazem, uma vez que, por suas palavras vazias, demonstram que não têm lugar no seu reino.

A ROCHA DA VERDADEIRA FÉ

nde moro, no sul da Califórnia, somos constantemente lembrados da necessidade de bons alicerces para uma casa. Parece que todos os anos sofremos com a ocorrência ou de terremotos ou de enchentes. Em alguns anos somos atingidos por ambos. Eram 6 horas da manhã quando um terremoto de 6,8 graus nos atingiu – e foi um alvoroço. As portas começaram a bater, as crianças caíram da cama e o noticiário da rádio informava que uma barragem que ficava acima da nossa casa havia rompido e todos teriam de ser evacuados. Pela providência de Deus, a única coisa que perdemos foi uma prateleira cheia com meus troféus atléticos. Entramos no escritório e lá estavam eles formando uma pilha de cacos sobre o assoalho, o símbolo das minhas antigas glórias no campo de futebol. (Minha esposa aproveitou a oportunidade para me lembrar que Deus abençoa os humildes. Essa é sua história favorita sobre terremotos.)

O clima no sul da Califórnia é quase idêntico ao clima de Israel, e lá também o povo não desconhece as enchentes e a necessidade de fundações firmes. Na maior parte do tempo o clima é seco e árido, mas, quando chove, a terra consegue absorver apenas certa quantidade de água e o resto transforma-se numa enchente. O que, durante o verão, parece ser um lugar maravilhoso e sólido para se construir uma casa, transforma-se numa torrente furiosa no inverno que varre tudo o que foi construído ali.

Jesus tinha essa imagem em mente quando terminou o Sermão do Monte em Mateus 7.24-27:

Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto sobre

aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

Esses versículos formam a segunda afirmação de conclusão desse sermão, depois dos versículos 21-23, que contrastam as respostas certas e erradas ao convite de Cristo.

Aqui Jesus apresenta dois homens que constroem casas, provavelmente no mesmo leito seco de um riacho. Um homem trabalhou febrilmente em sua casa, mas sem nenhum cuidado quanto ao alicerce; Jesus o chamou de insensato. O outro homem certificou-se bem de que construía sobre rocha sólida; Jesus o chamou de prudente. É uma história bem conhecida.

Porém, o que parece uma parábola muito simples, é, na realidade, um comentário espantoso e poderoso sobre pessoas que têm o conhecimento intelectual, mas o coração vazio. Atendem para o que Jesus diz no versículo 24: “todo aquele que ouve”, e no versículo 26: “e todo aquele que ouve”. Ambos referem-se a pessoas que ouvem a mensagem, escutam e compreendem. Elas sabem o que devem fazer.

OS VALORES ESPIRITUAIS DO HOMEM

Lembre-se, este é o juiz do universo dizendo-nos como construir. A não ser que você construa a sua vida sobre o fundamento da retidão divina, ficará arruinado. Não importa qual seja a aparência exterior, não importa o que você sabe em sua mente, não importa quão ardentemente conduza sua atividade espiritual, se vocês têm apenas o conhecimento intelectual, serão varridos quando a enchente vier.

Os judeus tinham desenvolvido seu próprio sistema de obras, um esforço auto-satisfatório da carne que ficava muito aquém das necessidades, e Deus veio em Jesus, oferecendo-lhes verdadeira retidão. Mas antes de poderem recebê-la, teriam que admitir a bancarrota de seu próprio sistema. Jesus tinha esta-

do a destruir sistematicamente o castelo de papel deles ao longo do Sermão do Monte; quando chegou ao capítulo 7, Jesus já tinha destruído completamente toda a segurança religiosa arquitetada por eles. Primeiro, ele os tinha forçado a escolher entre a porta larga e a porta estreita, e depois os identificara com os dois construtores que ouvem: um obedece e o outro não.

Ambos os construtores representam as pessoas de hoje que provavelmente se consideram cristãs. Ambos lêem as Escrituras, comparecem às reuniões da igreja, e preocupam-se em estabelecer algum tipo de sistema de valores espirituais. A enorme diferença, entretanto, é que um é prudente e o outro é insensato, porque um constrói sobre a rocha e o outro sobre a areia.

O alicerce de uma casa é invisível. Uma vez terminada a construção não mais o podemos ver; portanto, é difícil dizer qual das duas casas é sólida e qual não é. Ambas as casas se parecem. Muitas pessoas ouvem, porém, se você examina a vida delas, só encontrará o ouvir e não o fazer, seria melhor que elas não se enganassem pensando que são cristãs.

LADO A LADO

Entre os dois construtores dessa parábola existem várias semelhanças interessantes. Em primeiro lugar, ambos construíram uma casa, que representa a estrutura espiritual; portanto, estavam ambos comprometidos em viver a vida com a prioridade de uma atividade espiritual que estivesse relacionada com o reino de Deus.

Segundo, provavelmente ambos construíram suas casas no mesmo lugar, porque a mesma tempestade atingiu a ambas. Crentes verdadeiros e falsos invariavelmente vivem lado a lado, moram no mesmo quarteirão, talvez frequentem a mesma igreja, ouvem o mesmo pregador, vão aos mesmos estudos bíblicos, e são tão semelhantes que se tornam indistinguíveis para a maioria das pessoas.

Terceiro, aparentemente construíram suas casas num estilo semelhante, pois a única diferença mencionada pelo Senhor foi o fundamento. Ambos carregam a Bíblia e um caderno de notas, oram e tomam parte nas atividades da

igreja. Suas ofertas podem ser semelhantes em valor. Ambos parecem cristãos até chegarmos ao ponto crucial, o qual diz respeito ao fundamento invisível na base de tudo. E só um auto-exame honesto, cuidadoso, uma busca individual de alma pode revelar a verdade dessa realidade escondida.

Jesus tentava fazer com que os fariseus saíssem de sua orgulhosa torre de marfim para encarar a bancarrota espiritual de sua própria vida. Os fariseus não se importavam com a espiritualidade da alma, a pureza de coração, a integridade de comportamento ou a obediência a Deus, e construíam sua enorme estrutura espiritual sobre a areia. Não há dúvida de que eles oravam, jejuavam e davam esmolas, mas agiam assim apenas para impressionar Deus, para ostentar uma suposta espiritualidade e elevar a própria reputação. Tinham uma religião de fachada; essa é a religião de areia.

Como diz Arthur Pink:

Levam o próprio corpo à casa de oração, mas não a sua alma; adoram com seus lábios, mas não “em espírito e em verdade”. São defensores obstinados da imersão ou da comunhão matutina, mas não se preocupam em guardar o próprio coração com toda diligência. Vangloriam-se de sua ortodoxia, mas menosprezam os preceitos de Cristo. Multidões de cristãos professos se abstêm de atos externos de violência, mas não hesitam em manchar o bom nome de seus vizinhos espalhando boatos danosos a seu respeito. Contribuem regularmente para o “sustento do pastor”, mas não relutam em declarar de modo fraudulento os seus bens e nem de enganar seus clientes dizendo a si mesmos que “negócio é negócio”. Têm mais respeito pelas leis do homem do que pelas leis de Deus, pois o *seu* temor não está diante de seus olhos.¹

A ROCHA DA VERDADEIRA FÉ

O caminho largo que leva à destruição é todo arenoso. Os que andam pelo caminho estreito constroem sobre a rocha. O que isso quer dizer? Poderíamos insistir em que a rocha é Deus, e que literalmente construímos a nossa vida sobre a rocha que é Deus, o que sem dúvida, é verdadeiro. Poderíamos dizer que a rocha é Deus, mas os fariseus também diriam o mesmo. Ou poderíamos

afirmar que a rocha é Cristo. Pedro o chamou de principal pedra angular (1Pe 2.6), Paulo disse que ele é a pedra espiritual (1Co 10.4).

Mas muitas pessoas afirmam que construíram sua vida em Cristo. A maioria dos comentaristas diz que, nessa passagem, o termo “rocha” significa Deus ou Cristo, mas desejo dar um passo à frente. Jesus está interessado em “todo aquele que ouve estas minhas palavras e as pratica”. A rocha é *a verdadeira fé na Palavra de Deus*, que resulta num coração obediente e no fim da justiça própria. Sim, Deus é a rocha, sim, Cristo é a principal pedra de esquina. Mas creio que o que nosso Senhor está dizendo é simplesmente o seguinte: “Estas minhas palavras tornam-se o leito de rocha firme, que é o alicerce da verdadeira igreja, da igreja redimida, do verdadeiro crente”.

Veja Mateus 16.13-16: “Indo Jesus para as bandas de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros Jeremias ou algum dos profetas”. Mas Simão respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.

Jesus reconheceu essa resposta como revelação, afirmando: “... não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus” (v. 17). Essa é uma revelação divina. “Também eu te digo que tu és Pedro” – *petros*, um penedo, uma rocha – “e sobre esta pedra” – *petra*, fundamento rochoso – edificarei a minha igreja” (v. 18). E qual foi a *petra*, o firme fundamento rochoso do Cristianismo? Foi a Palavra de Deus, o Cristo, o Filho do Deus vivo. A *petra* de Mateus 16 era a Palavra de Deus, e estou convencido de que a *petra* de Mateus 7 também é a Palavra de Deus.

Em Atos 20.32, Paulo diz: “Encomendo-vos... à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar”. Nosso fundamento é a Palavra de Deus e é esta mesma Palavra de Deus que também fornece o material para o edifício.

Assim, nosso Senhor está dizendo que as pessoas que vivem uma vida na qual apenas *ouvem* e nunca *fazem*, estão vivendo sobre a areia da vontade humana, da opinião humana, das atitudes humanas: as areias movediças da filosofia humana do proveito próprio. Embora você ouça, não está sobre a rocha. Por outro lado, o homem prudente que ouve a Palavra de Deus e constrói sua vida sobre a Palavra dele, tem um fundamento de rocha. Seu coração submeteu-se em verdadeira fé à Palavra de Deus. E isso produz o fruto da obediência.

Em João 8.30-32 lemos: “Ditas estas coisas, muitos creram nele. Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Eles ouviram, creram verdadeiramente, aceitaram e obedeceram. Isso é construir a vida sobre a rocha.

Em Tiago 1.22 lemos o seguinte: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos”. Se ouvirmos o Sermão do Monte pregado por Jesus, mas não o praticarmos, estaremos nos enganando a nós mesmos; não porque eu o esteja afirmando, mas porque o Senhor e seus discípulos o disseram. Em 1João 2.3 lemos: “Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos”.

Quando olhamos para nossa vida, realmente vemos um coração que almeja obedecer à Palavra de Deus além de qualquer outra coisa? Ou estamos desobedecendo e sempre tentando justificar essa desobediência? *Obediência* é a palavra-chave. A única evidência visível que temos da nossa salvação é uma vida vivida na direção da obediência, é a prova de que genuinamente nos curvamos ao senhorio de Jesus Cristo e fomos transformados, pela sua graça, em servos de sua justiça.

Às vezes, Deus precisa levar-nos à obediência abalando nossos alicerces. Provavelmente, a única vantagem dos terremotos no sul da Califórnia seja o fato de que eles levam pessoas a Cristo. Ricos ou pobres, famosos ou anônimos, todos ficam petrificados por sua incapacidade de controlar até mesmo o chão onde pisam. Todos se vêem face a face com sua impotência diante do Deus Criador. A frequência à igreja sempre aumenta após um terremoto e, em todas as vezes, observamos indivíduos, famílias e casais entregando-se a Cristo. Sem dúvida, alguns apenas simulando, mas, para outros, esse é o empurrão final de que precisavam para se arrepender diante do poder de Deus.

DEFININDO AS DIFERENÇAS

Recentemente li um artigo numa revista que perguntava: “Que atitude os pastores vão tomar a respeito da nova onda de cristãos que vivem juntos sem serem casados?”. Minha pergunta é: seriam eles verdadeiramente cristãos?

Antes de nos preocuparmos com quem está vivendo junto, seria melhor nos preocuparmos com quem é realmente cristão. Se essas verdades do Sermão do Monte não definem a orientação da sua vida pessoal, então as pessoas estão realmente enganando-se a si mesmas pensando que são cristãs.

Vimos as semelhanças entre o homem prudente e o insensato; agora, consideremos suas diferenças. Um constrói de modo fácil e negligente, o outro constrói da maneira difícil e trabalhosa. É fácil construir sobre a areia: é só dar uma alisadela no lugar e construir a casa. O insensato opta pelo modo fácil e descuidado por duas razões. Primeiro, os insensatos estão sempre com pressa. O livro de Provérbios nos diz que os tolos estão sempre apressados. Estão sempre em busca de resultados rápidos, até mesmo de evangelismo rápido: “Continuem correndo, minha gente; embarquem logo no trem das boas novas porque não vamos diminuir a velocidade!” Nenhum espaço de tempo para ensinar a doutrina do pecado. Nenhum tempo disponível para construir um sentido de convicção ou para enfrentar a realidade da condição de sua própria alma diante de Deus. Nenhum espaço de tempo para desenvolver um temor do julgamento divino e da punição eterna. É um evangelismo de atalho.

Segundo, o tolo é superficial. São aqueles que proclamam que crêem em Cristo, que afirmam ter ouvido e aceitado o evangelho e, no entanto, não demonstram nenhuma evidência desse fato pela maneira como vivem. Vivemos na era da superficialidade. Milhões declaram o nome de Jesus, mas seu compromisso é raso, instável como a areia. E quando Jesus não eleva mais o seu ego, quando não conseguem as alegrias que esperavam, sua casa começa a ruir.

Num insensato não existe nenhum esforço de aprofundamento, nenhum trabalho minucioso, nenhum fundamento, nenhum coração abatido e contrito. Creio que Spurgeon tinha uma mensagem importante para todos nós quando disse:

Carência de profundidade, carência de sinceridade, deficiência de realidade na religião – essa é a carência do nosso tempo. Carência de uma visão de Deus, falta de um exame sincero da própria alma, negligência em lancetar o próprio coração, negligência na procura da segurança que Deus nos propor-

ciona contra o pecado, descuido no que se refere a viver em Cristo; muita leitura a seu respeito, muito comentário e discussão a seu respeito, mas muito pouco interesse em nutrir-se de sua carne e beber de seu sangue – estas são as causas de profissões de fé vacilantes e esperanças infundadas.²

RESERVANDO TEMPO PARA APROFUNDAR

Enquanto o homem insensato está sempre apressado, o sábio reserva tempo para fazer bem sua tarefa. Na passagem paralela a Mateus 7, Lucas 6.47,48 acrescenta a informação de que o homem sábio cavou e abriu profunda vala. Ele buscou a rocha da Palavra de Deus. Soprou para longe a areia da opinião humana e da vontade própria e amarrou-se ao firme fundamento da obediência à Palavra de Deus.

Não se pode cavar fundo quando se está com pressa. Quase só temos tempo para uma conversão rápida ou uma confissão ligeira e irrefletida. Algumas pessoas afirmam que estão salvas antes mesmo de ter qualquer noção de que estão perdidas. Aqueles que legitimamente afirmam que pertencem a Cristo reservam tempo para cavar fundo. Eles meditaram a respeito, calcularam os custos. Sua profissão de fé não será rejeitada no julgamento final.

No capítulo 1 examinamos Lucas 9.58-60, que nos diz: “Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. A outro disse Jesus: Segue-me! Ele, porém, respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai”. O fato interessante é que o pai dele não estava morto. O que ele realmente estava dizendo era: “Permite-me ir para casa e esperar pela herança e, então, assim que tiver meu dinheiro, eu irei”. “Mas Jesus insistiu: Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus” (v. 60).

“Outro lhe disse: Seguir-te-ei, Senhor, mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa. Mas Jesus lhe replicou: Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus” (Lc 9.61,62). Aqueles que correm para dentro, mas desejam sair assim que começamos a estabelecer os padrões para se seguir a Cristo, não estão aptos para o reino.

ESFORÇO MÁXIMO

Aqueles que se aprofundam mostram um desejo de esforçar-se ao máximo. O caminho fácil sempre nos tenta. Algumas vezes tornamos o evangelho tão fácil que ele deixa de ser evangelho. Nós, cristãos, nos afligimos com o fato de que é muito difícil fazer o acompanhamento de novos convertidos. Uma grande igreja nos Estados Unidos declarou ter tido 28.000 conversões durante o ano, 9.600 pessoas batizadas, e 123 pessoas que se uniram à igreja. O fato é que 28.000 pessoas não estavam salvas se apenas 123 uniram-se à igreja. O problema não é a dificuldade de acompanhamento; mas a dificuldade da conversão. Tentamos estabelecer um acompanhamento para pessoas que nunca foram redimidas.

Lembro-me de um esforço de “evangelização em profundidade” no Equador há alguns anos. A notícia era de que milhares haviam sido salvos, mas apenas dois foram encontrados numa igreja. Na realidade, não haviam sido conversões. Os verdadeiros crentes anseiam, como bebês, pelo leite da Palavra, e pelo culto e comunhão cristãos. Eles amam o Senhor e seu povo.

Outra característica do homem que cava profundamente é que ele é suscetível ao ensino. Os fariseus não eram suscetíveis ao ensino; não se podia dizer nada a eles. Muitas pessoas são assim; professam a Cristo, mas não desejam ouvir tudo o que o verdadeiro Cristianismo exige. O chamado à renúncia própria, eles rejeitam. Eles se mantêm fiéis às suas próprias idéias, seus objetivos e projetos. Desejam seguir seu próprio caminho e, quando tentamos ensinar a eles o caminho certo, não querem ouvir. Não é porque sejam cristãos não susceptíveis ao ensino, mas porque são cristãos falsos.

Aqueles que se aprofundam se esvaziam de justiça própria e auto-suficiência, deixam de lado suas próprias visões e experiências e constroem sobre a Palavra de Deus e para a glória de Deus, e não de si mesmos.

A ÚLTIMA ARMA DE SATANÁS

Algum dia, a verdade de sua fé ou o pecado de sua impostura serão revelados. O Grande Joeirador virá para separar o trigo do joio. Ele soprará o vento

do julgamento, e aqueles que construíram a vida sobre a rocha se levantarão. Apocalipse 20.12-15 descreve especificamente como isso acontecerá:

Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo.

Esse é o julgamento do Grande Trono Branco, quando Deus finalmente, e para sempre, separará o verdadeiro do falso e creio que naquele dia ecoarão pelo salão do julgamento os apelos de “Senhor, Senhor”! E outro eco reverberará com sua resposta: “Apartai-vos de mim, nunca vos conheci!”.

Você pode respeitar a Cristo. Pode ser fervoroso e diligente em suas devoções particulares, pode se ocupar com proclamações públicas e atividade espiritual, pode construir uma vida espiritual na mesma comunidade onde estão os verdadeiros crentes; e sua pequena casa espiritual pode ser exatamente igual à deles. Mas quando o julgamento vier, sua casa será devastada se estiver construída sobre a areia dos seus próprios caminhos e decisões em vez de ter sido construída sobre a rocha da obediência à sua Palavra. Esteja seguro de haver construído sua fundação espiritual em Cristo e na rocha sólida da obediência à sua Palavra.

ADVERTÊNCIA FINAL

Toda a apresentação do evangelho deve terminar com uma advertência da condenação daqueles que o rejeitam. Apenas dizer e ouvir não provam que a fé pessoal de alguém é autêntica; a fé verdadeira é visível naquele que *pratica*.

Há ocasiões em que todos nós tropeçamos e pecamos, mas se o padrão da nossa vida é de pecado sem arrependimento, então não estamos no seu reino. Verifique se você está na lista apresentada em 1Coríntios 6.9,10: “Ou

não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem bêbados; nem maldizentes, nem roubadores herdarão o Reino de Deus”.

Se você não está nessa lista, veja a apresentada em Gálatas 5.19-21: “...prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas... não herdarão o Reino de Deus os que tais coisas praticam”.

E há muitas outras listas de pecados humanos que mantêm as pessoas fora do céu. Quem entra, então? Os poucos que verdadeiramente se arrependem de seu pecado; os poucos que encontram a porta estreita.

Quando você ansiosamente entrega sua vida em submissão ao Senhor, ele assume o controle e tudo começa a desabrochar, e daí em diante ele começa a fortalecer e mudá-lo. C. S. Lewis tem uma ilustração maravilhosa sobre isso:

Quando eu era criança, freqüentemente tinha dor de dente e sabia que, se procurasse minha mãe, ela me daria alguma coisa que atenuaria a dor durante aquela noite e me permitiria dormir. Mas eu não procurava minha mãe – pelo menos enquanto a dor não se tornasse muito forte. E o motivo por que eu não a procurava era o seguinte. Eu não tinha nenhuma dúvida de que ela me daria uma aspirina; mas sabia que ela faria algo mais. Sabia que minha mãe me levaria ao dentista na manhã seguinte. Não era possível conseguir o que desejava dela sem conseguir algo mais, que eu não desejava. Eu queria alívio imediato da dor, mas não conseguiria isso sem ter os meus dentes arrumados permanentemente. Eu conhecia aqueles dentistas; sabia que eles começariam a remexer em todos os outros dentes que ainda não estavam doendo. Eles não deixariam por menos.³

Nosso Senhor age como esse dentista. Se entregarmos a ele um problema que precisa ser arrumado, ele consertará todos. Essa é razão por que ele advertiu as pessoas para que calculassem o custo antes de se tornarem cristãs. Ele fará você perfeito – nada menos do que isso. Esse processo inicia-se no momento em que você confia nele e continua até o momento em que chega ao céu e é instantaneamente glorificado. Quando você se colocou em suas mãos, é para isso que o faz, sejam quais forem as providências necessárias.

MARCAS AUTÊNTICAS DO DISCIPULADO

 presidente Theodore Roosevelt disse certa vez: “Nunca houve um homem que viveu de maneira fácil e cujo nome seja digno de ser lembrado”. Verdadeiramente, quando Deus nos chama para sermos seus discípulos, ele não nos está chamando para uma vida fácil.

Um missionário, cuja história influenciou poderosamente minha vida, foi um homem, já mencionado anteriormente, chamado Henry Martyn. Depois de uma vida longa e difícil de serviço cristão na Índia, ele anunciou que estava se mudando para a Pérsia (atual Irã), porque Deus havia colocado no seu coração a necessidade de traduzir o Novo Testamento e o livro de Salmos para a língua persa.

A essa altura, ele era um homem idoso. Muitos lhe disseram que se permanecesse na Índia ele morreria em consequência do calor, e que a Pérsia era ainda mais quente do que a Índia. Porém, apesar de tudo, ele foi. Lá chegando, estudou a língua persa e traduziu todo o Novo Testamento e os Salmos num espaço de nove meses. Então, descobriu que não poderia imprimir nem fazer circular seu trabalho antes de receber a permissão do Xá. Assim sendo, ele viajou 965 quilômetros até Teerã; lá chegando, não recebeu permissão para ver o Xá. Henry Martyn voltou e percorreu 640 quilômetros para falar com o embaixador britânico, o qual lhe deu as cartas de apresentação necessárias e o enviou de volta outros 640 quilômetros até Teerã. Isso foi em 1812, e Martyn fez toda essa viagem montado numa mula, viajando à noite e descansando durante o dia, protegido do sol escaldante do deserto apenas por uma tira de lona.

Finalmente, chegou a Teerã e foi recebido pelo Xá que lhe deu a permissão para que as Escrituras fossem impressas e postas em circulação na Pérsia. Dez dias depois ele morreu. Pouco antes de sua morte ele tinha escrito esta frase

em seu diário: “Eu me sentei no jardim e pensei em meu Deus, com doce conforto e paz; na solidão, meu Companheiro, meu Amigo e Confortador”.

Ele certamente não viveu uma vida fácil, mas foi uma vida digna de ser lembrada. Ele é um dos muitos que Deus usou para fazer avançar a história da redenção.

Dedicar-se com afã no mesmo espírito de Henry Martyn é a chave para o discipulado genuíno, o que significa estar tão completamente consumido pela causa que não pensamos na nossa própria vida. Os versículos 38,39 de Mateus 10 enfatizam esse aspecto do serviço a Cristo: “e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa, achá-la-á”.

Muitas pessoas alegam seguir a Jesus. Muitos alegam ser seus discípulos, e muitos sempre o fizeram. Mas nesses versículos de Mateus o nosso Senhor indicou a prova da genuinidade. Essa é a marca do verdadeiro seguidor de Cristo.

A mensagem sobre a genuinidade é algo sobre o que nosso Senhor falou muitas e muitas vezes. Mas ela parece ser alguma coisa a respeito da qual as igrejas cristãs de hoje freqüentemente se descuidam. Repetidas vezes, o Senhor comparou os verdadeiros discípulos com os falsos, os reais com os falsificados. Para ele, essa era uma questão essencial. E, por isso, falou freqüentemente sobre salvação genuína como oposta a uma salvação de fachada.

Considerando apenas o Evangelho de Mateus, esse foi um tema constante. No capítulo 5, versículo 20, seu primeiro sermão registrado no Novo Testamento, nosso Senhor diz o seguinte: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus”. Há uma perfeita e genuína justiça de Cristo que é imputada a cada crente (Rm 4.5; Fp 3.9; 2Co 5.21), e há uma falsa justiça dos homens. E, a não ser que você tenha aquela que é verdadeira, não entrará no reino. Aqui Jesus focalizava a justiça falsificada dos fariseus.

Vimos a mesma advertência em Mateus 7, onde Jesus falou sobre a porta estreita que apenas alguns poucos conseguem encontrar. Há duas estradas que parecem levar a Deus, uma nos leva à vida, a outra à destruição. Mais adiante, nesse mesmo sermão, Jesus conclui com a parábola do homem que construiu sua casa na areia pantanosa, enquanto seu vizinho construiu sobre rocha sólida.

O Senhor começou o capítulo 13 de Mateus com uma discussão sobre o semeador e a semente. Nos versículos 4-8 o semeador lança suas sementes com o seguinte resultado:

E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um.

Essa história nos diz que, em resposta à pregação do evangelho, há pelo menos quatro possíveis resultados. E só um deles significa uma aceitação genuína que produz retidão.

A lição aparece mais uma vez começando em Mateus 13.47-50:

O reino do céu é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os peixes bons para os cestos e os ruins deitam fora. Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fôrnalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes.

A igreja é uma rede que puxa para dentro todo tipo de pessoa, boas e más. E um dia os anjos separarão os verdadeiros seguidores dos falsos. Com freqüência, no Novo Testamento, o Senhor apresentou a idéia de identificar os verdadeiros discípulos, assim como os falsos. Assim, Mateus 10.38,39 é consistente com a mensagem que encontramos ao longo das Escrituras.

Em alguns círculos, sou notoriamente conhecido por ser “muito inflexível” na definição do que caracteriza ou não o verdadeiro seguidor de Cristo. Eis a única verdade: a verdade suprema da revelação de Deus nas Escrituras. Nada mais é importante. Essa profunda lealdade à verdade eu absorvi, em grande parte, do doutor Charles Fineberg, um judeu convertido, homem com um imenso intelecto e deão do Talbot Seminary, onde me formei. Ele foi meu mentor, tinha alta concepção das Escrituras e ensinou-me a tê-la também.

Mais ainda, meu pai ensinou a verdade das Escrituras. Ele foi um grande professor e expositor da Bíblia, alguém que permitiu que a Palavra de Deus moldasse sua compreensão da salvação. Ele compreendeu perfeitamente a história e pregou-a com legitimidade. Meu pai está com 90 anos e ainda continua a fazer isso. Seu ministério no rádio está no ar há 63 anos; ele também escreve um boletim informativo mensal e ensina numa classe de escola dominical todas as semanas. Nunca houve nada superficial em seu ministério. Ele me ensinou que nunca houve qualquer dúvida sobre o que produz verdadeira salvação e verdadeiro discipulado.

ACÃO E REAÇÃO

O apóstolo Paulo fez uma afirmação paradoxal em Romanos 9.6, diz ele: “Nem todos os de Israel são, de fato, israelitas”. Em outras palavras, todos os que são judeus exteriormente não o são interiormente. Todos os que se identificam exteriormente com o povo de Deus não são povo de Deus interiormente. Poderíamos dizer, então, que todos os discípulos não são discípulos; todos os aparentes seguidores de Jesus não o são interiormente. Poderíamos até mesmo afirmar que toda a igreja como a percebemos, não é a igreja.

Mateus 10 descreve as marcas verdadeiras de um discípulo genuíno. Primeiro há uma mensagem sobre genuinidade, e em segundo lugar uma mensagem sobre impacto: Quem é o discípulo verdadeiro? Como ele influencia o mundo? Como o mundo o influencia?

A primeira característica de um discípulo genuíno é o fato de que ele se parece com seu Senhor. Ele traz consigo o caráter de Cristo. Essa é a razão por que, em Atos 11.26 o povo chamou os crentes de cristãos: *christiani* – “ani” significa “pertencente ao partido de”. Eles eram pequenos Cristos, manifestavam seu caráter e carregavam em si as marcas da vida do seu Senhor. Um verdadeiro cristão não apenas usa o nome de Cristo, mas demonstra a virtude de Cristo. Mateus 10.24,25 apresenta um axioma auto-evidente: “O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima de seu senhor. Basta ao discípulo ser como seu mestre, e ao servo, como o seu senhor”. As pessoas tornam-se semelhantes àquelas cuja influência as domina.

Jesus repetiu esse truísmo em Lucas 6.40 dizendo: “O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre”. Além da ação disciplinadora do Espírito de Cristo em nós, está a realidade de que ele mesmo vive em nós, de tal modo que podemos dizer como Paulo: “já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20). O verdadeiro discípulo age como Cristo. Sem dúvida haverá lapsos em razão da nossa humanidade, mas, contudo, haverá evidência da semelhança de Cristo na vida do verdadeiro crente.

Se somos verdadeiros discípulos, teremos as marcas genuínas de Jesus em nós; ele nos criou, ele é nossa vida. Paulo afirmou isso maravilhosamente em 2 Coríntios 5.17: “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”. Essa novidade de vida deve ser manifestada.

A segunda e resultante característica dos verdadeiros discípulos é que, se vivemos como Cristo, as outras pessoas responderão a nós como responderiam a Cristo. Mateus 10.25 continua: “Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?” Ser um cristão genuíno significa exibir o caráter de Cristo e, portanto, ser tratado como ele foi. Quando entramos no mundo com um caráter semelhante ao de Cristo, o mundo reagirá a nós da mesma maneira que reagiu a ele. Essa foi a mensagem de Jesus em João 15.20 quando ele disse: “... não é o servo (algumas traduções dizem ‘escravo’) maior do que o seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram (obedeceram) a minha palavra, também guardarão a vossa”.

Se nossa identificação com Cristo é genuína, podemos esperar que o mundo, que rejeitou a Cristo, nos rejeite também.

TEMOR E FAVOR

Ainda mais, também é característica de um verdadeiro discípulo o fato de que ele não teme o mundo. Em Mateus 10.28 lemos: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”. Não há razão para o medo,

porque, como seguidores de Jesus, sabemos que alegremente trocaremos qualquer perigo que sofrermos neste mundo pelas riquezas de sua recompensa no mundo eterno por vir. Os discípulos alegremente falam “a plena luz” e proclamam “dos eirados” (v. 27), sem se sentirem perturbados por qualquer censura ou ameaça. Aliás, não há nenhuma razão para temer o que acontece aqui, pois nenhum pardal cai (na realidade o termo significa “pula”) em terra sem o consentimento de Deus. “Quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais” (vs. 30,31).

Quando o mundo é hostil e perseguidor, quando o mundo persegue, desterra ou aliena, o verdadeiro discípulo não teme, porque ele se entregou total e inteiramente ao senhorio de Cristo, e segue confiante em seu cuidado quaisquer que sejam as condições, mesmo contra as hostilidades do mundo.

Outra característica do discipulado é que o discípulo é leal ao seu Senhor. No versículo 32 Jesus nos diz: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus”. Quando o fogo está aceso, quando as pressões e perseguições se abatem e o mundo ataca, o verdadeiro crente confessa abertamente a Cristo. Ele não abandona a luta. Não nega sua fé. Não renega. Mas se levantará e proclamará a Cristo, quaisquer que sejam as conseqüências. O verdadeiro discípulo irá para a prisão e até mesmo enfrentará a execução, mas não negará ao seu Senhor.

Alguém pode dizer: “E Pedro? Ele era um discípulo verdadeiro, mas negou o Senhor”. É verdade. Ele fez isso. Mas isso aconteceu antes que o Espírito Santo viesse fazer morada em seu coração. Depois disso, ele nunca mais foi desleal. Ele morreu por sua lealdade a Cristo: crucificado de cabeça para baixo, como ele mesmo pediu, porque, disse ele, não era digno de morrer como o seu Senhor. Essa lealdade marca aquele a quem Cristo confessará como pertencente a ele.

A ESPADA DE CRISTO

Uma característica central do verdadeiro discípulo – e de certo modo uma característica quase incrível, porque vai radicalmente contra nossa aspiração

natural – é a disposição de renunciar à família se for necessário. Em Mateus 10.34, passagem que já examinamos anteriormente, Jesus diz: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas a espada”. Essa é uma afirmação extremamente dramática. Em outras palavras ele dizia: “Alguns de vocês que são verdadeiros me confessarão quando forem levados à barra dos tribunais e cortes dos homens, e mesmo no curso da vida de todo dia. Outros me negarão, porque não é tão importante assim para eles, e preferirão salvar a própria pele e a reputação. Isso prova que vim trazer a espada. Eu causo divisões. Eu forço as pessoas a tomarem decisões que as separam umas das outras”. O próprio fato de que alguns confessam a Cristo e outros o negam indica que sua vinda causa divisões. Jesus não negou essa rude realidade; ele elaborou sobre ela.

Os judeus sabiam, do Antigo Testamento, que quando o Messias viesse, ele viria para trazer a paz. Isaías profetizou que ele seria o Príncipe da Paz (9.6). Sob seu reinado, facções guerreiras transformariam suas espadas em relhas de arado, e suas lanças em podadeiras (2.4). A guerra – até mesmo o conceito de guerra – desapareceria.

Eles conheciam as maravilhosas expressões de esperança contidas no Salmo 72.3,7 quando fala sobre o reino: “Os montes trarão paz ao povo... Floresça em seus dias o justo, e haja abundância de paz até que cesse de haver lua”. Não haveria guerra, apenas paz.

Enquanto o Mestre falava aos seus discípulos, eles já tinham começado a sentir a paz no coração que vinha apenas do fato de estar com Jesus. E talvez eles estivessem antecipando a esperança de que essa bem-aventurança seria estendida a todas as pessoas. Os discípulos talvez tenham imaginado que eles sairiam para pregar e todo mundo cairia aos seus pés, porque o Messias, o Príncipe da Paz, que todos esperavam há tanto tempo, finalmente havia chegado. Eles sentiam a euforia de estarem com Jesus, confiantes de que todas as pessoas responderiam da mesma maneira, e, assim, o maravilhoso e pacífico reino de Cristo estava muito próximo.

Porém, essa não era a realidade. Portanto, o Senhor lhes disse: “Não se iludam a respeito da minha vinda para trazer a paz. Eu não vim trazer paz, mas uma espada”. A idéia expressa aqui dá a impressão de que a intenção do Senhor, em sua vinda, era trazer conflito. As conseqüências são muitas vezes

expressas como se fossem intenções, pois na soberania final de Deus elas o são. Mas aqui Jesus descrevia o resultado direto de sua vinda como se fosse sua intenção deliberada. Em certo sentido isso é um paradoxo. O Senhor dizia: “De um lado eu sou o Príncipe da Paz, mas de outro lado, haverá guerra, representada por uma espada”.

O Antigo Testamento apresenta esses dois pontos de vista. Ele via a fratura, a divisão. Miquéias 7.6 descreve a vinda do Senhor com as seguintes palavras: “Porque o filho despreza o pai, a filha se levanta contra a mãe, a nora, contra a sogra; os inimigos do homem são os da sua própria casa”. Em Mateus 10, Jesus quase citou diretamente o profeta.

O Antigo Testamento via o Messias como o rei da paz, mas também percebia o potencial para divisão em sua vinda, pois alguns o aceitariam e outros, até dentro da mesma família, o rejeitariam. Os judeus também criam que essa divisão iria ocorrer. Em alguns dos escritos rabínicos, encontramos a seguinte afirmação: “Na ocasião quando o Filho de Davi vier, a filha se levantará contra sua mãe, a nora contra sua sogra. O filho desprezará o seu pai, a filha se rebelará contra a mãe, a nora, contra a sua sogra e os inimigos do homem são os da sua própria casa”.

É como se Jesus estivesse dizendo que haverá divisões *por enquanto*. A intervenção de Deus na História com a encarnação de Cristo irá dividir e fraturar o mundo em partes que se oporão e competirão umas contra as outras. Portanto, os discípulos não devem se iludir com a esperança de que o mundo inteiro cairá aos seus pés. Todos irão correr para casa e proclamar a todo mundo que se tornaram cristãos? Proclamarão essas novas na escola e todos se juntarão a eles? A realidade não será essa.

A MAIOR RUPTURA

Martinho Lutero disse: “Se o nosso evangelho tivesse sido recebido em paz, ele não seria o verdadeiro evangelho”. Se alguém já viu a verdade do Cristianismo causar divisões entre pessoas e instituições, essa pessoa foi Lutero. Ele pregou a verdade na Igreja Católica, mas essa verdade não trouxe paz; ao contrário, ela criou a maior ruptura na história da religião. Ela despedaçou o poder

monolítico da hierarquia católica e deu início à Reforma Protestante, a qual resgatou o verdadeiro evangelho do sacramentalismo que o mantinha prisioneiro.

Na realidade, Mateus 10.34 é paradoxal porque deveríamos esperar que o Senhor trouxesse a paz. Afinal, João Batista era seu predecessor e ele falou sobre paz. Quando os anjos proclamaram o nascimento do Messias eles cantaram “Paz na terra”. E, em João 14.27, Jesus afirma: “A minha paz vos dou”.

Em pelo menos três lugares na carta aos Romanos, Paulo falou sobre a paz que Deus nos dá (5.1; 8.6; 14.17). É verdade que existe paz no coração daqueles que crêem, mas no que concerne ao mundo, não existe outra coisa senão divisão. Sim, ele trouxe a paz de Deus ao coração do crente, e, algum dia, haverá um reino de paz. O Antigo Testamento nem sempre fez uma distinção clara entre a primeira e a segunda vindas. A primeira trouxe uma espada; a segunda trará a paz perfeita.

É verdade que a primeira vinda trouxe uma paz parcial, a paz que penetra o coração de todo que crê. Mas o Senhor advertiu os discípulos: “Lembrem-se disto quando saírem: Vocês causarão divisão. Causarão uma laceração e uma separação”.

O evangelho faz isso. É o fogo refinador que consome. Ele produz a separação entre ovelhas e cabritos feita pelo pastor. Ele traz a pá do agricultor que joga os grãos para o ar e o joio é separado. A entrada de Cristo quebra e separa. Se Cristo nunca tivesse vindo, a terra teria continuado unida, condenada ao inferno. Mas quando ele veio, uma guerra estourou.

Em Lucas 12, vemos algo disso. No versículo 49, Jesus diz: “Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder”. Versículo 51: “Supondes que vim para dar paz à terra? Não, eu vo-lo afirmo; antes, divisão”. Ele veio para trazer uma espada, não paz, no sentido de que ele veio para colocar os membros de uma família uns contra os outros. Ele afirmava que aqueles que fossem verdadeiros discípulos estariam dispostos a criar uma divisão em seu próprio lar.

Isso vai contra todos os nossos instintos, porque desejamos paz no nosso lar mais do que qualquer outra coisa. É o nosso refúgio, é o lugar onde vivem as pessoas que mais amamos e melhor conhecemos. Não queremos viver em desavença com eles. Mas quando nos comprometemos com Jesus Cristo, seremos leais a ele, mesmo que isso destrua nosso lar, a nossa vizinhança, nossa cidade, nossa nação. Se esse é o preço, pagaremos.

Jesus expressou a severidade dessa ruptura na frase de Mateus 10.35: “Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai”. Algumas traduções dizem: “Pois vim colocar o homem em divergência com seu pai”. A expressão grega “em divergência com”, ou “contrário a” é rara, e usada apenas nessa passagem do Novo Testamento. Ela significa romper as relações. Jesus dizia: “Eu separarei totalmente o homem de seu pai e todos os outros parentes entre si. Destruirei as famílias de todas as maneiras possíveis”.

Esse é o pior rompimento possível. Não é tão ruim quando estamos em desavença com vizinhos, com o patrão, com amigos ou com a sociedade, mas quando chega à família e o compromisso com Jesus Cristo significa uma ruptura com os parentes, é aí que as coisas realmente começam a se tornar difíceis. Seu compromisso com Cristo vai contra o amor por eles e a necessidade que sentimos da presença deles.

Seu compromisso vai contra o desejo de viver em harmonia. Ser cristão e seguir a Jesus Cristo pode significar uma divisão dentro do lar. Mas essa é a marca do verdadeiro discípulo. Muitas vezes, unir-se a Cristo significa o afastamento de membros da família que nos rejeitam porque não rejeitamos o evangelho. Isso é especialmente verdadeiro em famílias judias, assim como nas famílias que professam outras religiões falsas.

Esse é um padrão difícil, e muitas pessoas sentem que é sacrifício demais. Algumas esposas não irão a Cristo porque temerão se separar do marido. Alguns maridos não aceitarão a Cristo porque temerão se separar da esposa. Os filhos podem não ir a Cristo por temerem seus pais ou mães, e vice-versa. As pessoas não assumem sua posição ao lado de Cristo porque desejam manter a harmonia familiar. Mas Jesus disse que o verdadeiro discípulo deixará sua família, se for necessário fazer tal escolha. Isso faz parte da auto-renúncia, aceitar alegremente o alto custo de servir a Jesus para receber suas infinitas bênçãos para os tempos de hoje e para a eternidade.

UM AMOR MAIOR

O amor familiar é forte; sem dúvida é o laço humano mais profundo e íntimo. Porém, ele não tem o poder que o amor por Cristo tem. Este é tão

forte que algumas vezes rompe os laços familiares. Uma jovem senhora que conheço contou que se tornara cristã vindo de uma família totalmente pagã e, como resultado, seu pai, a quem ela amava muito, se recusava a falar com ela, quer pessoalmente quer por telefone; ele desligava o telefone quando ela ligava. Disse ela: “Sempre penso que ele deveria estar contente porque não sou uma alcoólatra, não sou viciada em drogas, não sou uma criminosa, não passei por nenhum acidente terrível que tivesse me deixado aleijada ou machucada. Nunca fui tão feliz em minha vida como sou agora que me tornei cristã e, por causa do meu amor por Cristo, ele não fala comigo”. A razão é a espada.

A mesma espada caiu entre Caim e Abel. Abel era um homem justo, Caim era injusto, e a ruptura foi tão grande que Caim não conseguiu suportá-la – por isso matou o seu irmão.

Primeira Coríntios 7 mostra-nos como a espada interfere num casamento cristão. Se você tem uma mulher não-crente e ela concorda em permanecer com você, não se divorcie dela. Se você tem um marido não-crente e ele deseja permanecer com você, deixe-o ficar porque certa santificação ocorre. Ou seja, as bênçãos de Deus que caem sobre o crente atingem de modo temporal o parceiro não-crente. “Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz” (v. 15). Esse é o outro lado da situação. Uma vez que a espada caiu, então Deus nos tem chamado à paz, e se o descrente deseja apartar-se, devemos deixá-lo ir.

Tornar-se cristão significa estar cansado do próprio pecado, ansiando por perdão e pelo resgate do pecado atual e do inferno futuro, e afirmar nosso compromisso com o senhorio de Cristo até o ponto em que estamos prontos a abandonar tudo. Eu já disse isso antes e tornarei a dizer novamente: não se trata apenas de uma questão de levantar a mão, caminhar até a frente e dizer “Eu amo a Jesus”. Isso não é fácil, não é algo que nos tornará mais popular nem é uma resposta às necessidades que o mundo diz que temos. Não é um mundo perfeito e cor-de-rosa no qual Jesus nos concede tudo o que desejamos. É difícil, exige sacrifício e põe tudo de lado.

A manifestação da verdadeira fé é um comprometimento que nenhuma influência consegue abalar. Sem dúvida você ama sua família, seus filhos, seus

pais, seu esposo ou sua esposa. Mas se você é discípulo verdadeiro, o compromisso com a salvação encontrada unicamente em Cristo é tão profundo, tão intenso e tem um alcance tal que, se for necessário, dirá não àqueles a quem ama por causa de Cristo.

John Bunyan conheceu esse sofrimento de maneira muito especial. As autoridades disseram-lhe que parasse de pregar, mas ele respondeu: “Não posso parar de pregar porque Deus me chamou para isso”. A resposta foi: “Se o senhor pregar, nós o colocaremos na prisão”.

Então ele pensou consigo mesmo: “Se eu for para a prisão, quem cuidará da minha família? Ao mesmo tempo, como posso fechar a minha boca quando Deus me chamou para pregar?”.

Bunyan foi suficientemente forte, corajoso e fiel para entregar sua família aos cuidados de Deus e permaneceu fiel e obediente ao chamado para pregar, e eles o colocaram na prisão. E foi na prisão que ele escreveu sua magnífica alegoria, *O Peregrino*, que tem abençoado tantos milhões de famílias ao longo dos séculos com seu ensino sobre o caminho da salvação. Sem ele, sua família sofreu, mas Deus cuidou dela. E mediante esse sofrimento, Deus realizou obras maravilhosas na vida de incontáveis pessoas.

Num apêndice à sua autobiografia *Grace Abounding to the Chief of Sinners*, Bunyan escreveu:

A separação de minha esposa e de meus pobres filhos tem sido frequentemente para mim neste lugar [a cadeia], como arrancar a carne de meus ossos; e isso não porque eu seja de certo modo muito ligado e aficionado a essas grandes Misericórdias, mas também porque eu sempre tinha de trazer à minha mente as muitas dificuldades, misérias e necessidades que minha pobre família teria de enfrentar se eu tivesse de ser apartado deles, especialmente meu pobre filho cego, que permanece mais próximo do meu coração do que qualquer um dos outros. Ó, o pensamento das dificuldades que eu penso que o meu filho poderá enfrentar, parte o meu coração em pedaços ... Mas, ainda assim, relembro o que se passou, eu pensei: preciso entregar todos a Deus, embora eu esteja para deixá-los em breve. Nessa condição eu me percebi como um homem que estava destruindo sua casa sobre a cabeça de sua esposa e filhos; ainda assim, pensei, eu tenho de fazer isso, eu tenho de fazer isso.¹

Peço a Deus que nunca tenha de tomar esse tipo de decisão, mas é uma possibilidade. Você pode ter tido a necessidade de fazer essa escolha porque confessou a Jesus Cristo, e certamente isso foi um fardo para sua família. Mas essa é a maneira pela qual provamos a realidade da nossa conversão. Aquele que diz: “Não estou disposto a fazer esse sacrifício”, não é genuíno. Em Mateus 10.37 Jesus diz: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim”. Não podemos ser seus discípulos e receber sua salvação se nossa família significa mais para nós do que Cristo.

DISPOSTOS A MORRER

Além da família, apenas uma coisa é ainda mais capaz de roubar de Cristo seu lugar de direito no coração de uma pessoa: o amor pela própria vida. Talvez você esteja disposto a aceitar a Cristo e perder a família, mas estaria disposto a aceitar a Cristo e perder sua vida?

Agora falamos seriamente sobre o que significa ser cristão.

Em Mateus 10.38 lemos: “E quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim”. E cá estamos nós de volta àquela cruz. O ponto que toda essa passagem do texto bíblico quer sublinhar é a incrível noção da total auto-renúncia até a morte.

O Senhor estava realmente concentrando sua atenção no absoluto do que significa ser um verdadeiro crente. A não ser que se esteja disposto a tomar a cruz e segui-lo, não seremos verdadeiros seguidores. Sem dúvida você já ouviu milhões de devocionais sobre “tomar a cruz”. Mas como já vimos antes em nosso estudo sobre Lucas 9, sua cruz não é seu carro quebrado ou seu cônjuge pouco delicado. Quando Jesus disse a seus ouvintes que cada um devia tomar sua cruz, ele queria dizer apenas uma coisa. A frase significava a disposição de enfrentar a possibilidade de morrer por sua causa.

Onze dos doze apóstolos (a única exceção era Judas) eram da Galiléia, onde outro Judas, o Judas da Galiléia, pouco tempo antes havia liderado uma insurreição. Ele formou um grupo para expulsar os romanos; porém,

os romanos venceram. Eles esmagaram Judas e sua insurreição. Varo, o general romano, querendo dar uma lição aos judeus, crucificou mais de 2 mil deles, e colocou suas cruzes em todas as estradas da Galiléia para que fossem vistas pelas pessoas em todos os lugares para onde viajavam. Cada um dos judeus havia carregado sua própria cruz enquanto marchava para a morte.

Esses galileus tinham visto tudo isso, e Jesus lhes falava dentro de um contexto histórico quando lhes dizia que eles precisavam estar dispostos a enfrentar uma consequência semelhante em vez de negá-lo. Jesus afirmava que, para segui-lo, precisamos estar dispostos a passar pela mais terrível morte que possamos imaginar.

Comprometer sua vida para seguir a Cristo significa que precisas não apenas renunciar à sua família se necessário, mas também entregar sua vida. Nunca deveria sentir intimidado pelo mundo e deveria estar disposto a confessar a Cristo nos ambientes mais hostis.

Os discípulos compreenderam que “tomar a cruz” significava a disposição de morrer qualquer tipo de morte. Significa abandonar-se ao senhorio de Cristo. O amor a Cristo deve sobrepujar a ambos: o poderoso apelo do amor à família e o mais poderoso instinto de preservação da própria vida.

Como já vimos em outras passagens, novamente Jesus inclui esse rico pensamento em Mateus 10.39: “Quem acha a sua vida, perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á”. Qualquer pessoa que tente proteger sua segurança física negando a Cristo sob pressão, perderá sua alma eterna. Mas se estivermos dispostos a perder a vida por amor a Cristo encontraremos a vida eterna no fim. Ser um mártir não nos salva. Entretanto, se formos cristãos genuínos nada é tão valioso que nos leve a desprezar a Cristo, sabendo que aquele que confessa a Jesus Cristo e morre por ele está muito melhor que o apóstata que escapa da morte negando a Cristo e recebe castigo eterno.

Os oficiais levaram John Bunyan diante do magistrado quando o puseram na prisão e ele disse: “Senhor, a lei de Cristo propõe duas maneiras de obedecer: Uma fazendo aquilo que em minha consciência creio que estou obrigado a fazer ativamente, e, quando não posso obedecer de maneira ativa, então estou disposto a entregar-me e sofrer o que fizerem a mim”.

Ele estava certo. Se servirmos a Cristo de modo ativo, agressivamente, pagamos o preço. Mas é melhor perder tudo aqui – melhor perder o bem-estar e o conforto, ser intimidado e afligido pelo mundo; melhor até mesmo perder a família e a própria vida do que abandonar a Jesus Cristo. E graças a Deus não precisaremos necessariamente fazer todos esses sacrifícios, mas se somos realmente dele, e se chegarmos a tal necessidade, nós o faremos. A salvação em Cristo é preciosa a esse ponto.

A ALEGRIA DE CRER

Essas duas últimas seções sobre perseguições e sofrimentos são também características de um verdadeiro crente. Encarada sob essa luz, a verdade a respeito de ser um discípulo parece cheia de sacrifícios e presságios. Será que por sermos cristãos estamos destinados a enfrentar as hostilidades do mundo, tendo de confessar diante dos homens, abandonar a família e entregar a própria vida? Será que não fazemos nada mais do que criar problemas no mundo?

Claro que fazemos. Um verdadeiro discípulo recebe sua devida recompensa. Ao mesmo tempo que causamos guerra, contendas, divisões, separações e atritos, também produzimos um efeito positivo. Somos os que determinam o destino no mundo. Quando baixamos a espada que separa, de um lado estão os não-crentes, mas do outro lado estão os *crentes*. E quando pregamos, vivemos e damos nosso testemunho, com a graça de Deus alguns respondem em genuíno arrependimento e fé desinteressada.

Tudo se torna tão brilhante para estes quanto é escuro para os não-crentes. Nem todos recusarão a mensagem do discípulo. Alguns crerão e receberão o Senhor. E sendo que temos uma capacidade limitada de recompensar sua fé, o Senhor o fará por nós.

Em Mareus 10.40 lemos: “Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou”. Quero lhe dizer o que significa a palavra “receber” aqui. Quando você representa Jesus Cristo e proclama sua palavra, as pessoas que crêem são aquelas que recebem você. Trata-se de uma aceitação

total, no sentido de que recebem a você e a sua mensagem. E aqueles que recebem você estão também recebendo o Senhor. Por sua vez, aqueles que recebem o Senhor estão também recebendo aquele que o mandou. Isso significa que você se torna uma agência por intermédio da qual as pessoas recebem ao próprio Deus. Que privilégio maior poderíamos imaginar?

De um lado, você cria um antagonismo por se manter firme na fé, mas do outro lado cria essa maravilhosa realidade de pessoas que recebem a Deus por seu intermédio. Sempre que ouço alguém me dizer: “Eu fui salvo quando o senhor pregou”, ou “recebi a Cristo quando o senhor me explicou o evangelho”, isso me causa uma emoção maior do que posso expressar. Não salvei ninguém, mas Deus usou-me como seu instrumento para perdoar e reconciliar essas pessoas para ele mesmo para sempre.

É algo esmagador compreender que Deus possa usar um ser humano frágil, um pote de barro, como seu instrumento para salvar outros. Mas a recompensa vai além disso. Veja Mateus 10.41: “Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá galardão de justo”. Esse é um fantástico princípio divino. A propósito, profeta é o que ele *diz*, e justo é o que ele *é*, portanto os dois realmente falam da mesma pessoa. O verdadeiro discípulo vive aquilo que diz. Ele fala a verdade do evangelho e vive retamente.

Quando você sai representando a Deus com sua vida e com seus lábios, por meio daquilo que fala e da vida que vive, aqueles que o recebem receberão também a mesma recompensa que você receberá. Isso pode ser verdadeiro com respeito a um pastor, um professor, um missionário, um evangelista ou qualquer pessoa que represente a Cristo. Aquele que recebe partilhará da recompensa. Se o Senhor me dá uma recompensa por proclamar o evangelho a você, ele dará a você a mesma recompensa por receber a mensagem que eu proclamei. Todos participamos juntos.

Você deseja ser uma bênção no mundo? Então confesse a Cristo diante dos homens! Levante-se corajosamente sem suavizar seu testemunho; não se envergonhe de Cristo. Não dilua a verdade. E deixe que vida seja a fonte de sua recompensa. Portanto, o discípulo é a pessoa que determina o destino. Mesmo o menor dentre nós compartilha com o maior dentre nós naquilo que Deus faz para nos abençoar.

CONSTRUTORES DE PONTES

Havia um jovem numa vila do interior que, depois de muita luta, conseguiu terminar sua preparação para o ministério. Durante todo o período de estudo, um sapateiro da vila o ajudou. Era um homem simples, mas que lia muito e amava a Deus de todo o coração.

No tempo certo, o jovem que ele auxiliara recebeu sua autorização para pregar; no dia da sua ordenação, o sapateiro disse-lhe: “Meu jovem, sempre tive em meu coração o desejo de ser um ministro do evangelho, mas as circunstâncias da minha vida nunca o permitiram. Quero que você me prometa uma coisa. Quero que você permita que eu lhe faça um par de sapatos sem nenhum custo e que você os use no púlpito quando pregar. Então, sentirei que você está pregando o evangelho que sempre desejei pregar usando os meus sapatos”.

Por causa daquele a quem ele representa, receberemos o discípulo não importando o quanto ele seja humilde ou modesto. E nessa aceitação verdadeira e genuína, você receberá a mensagem trazida por ele a respeito do Salvador e o Pai e acolherá toda a bem-aventurança das dádivas eternas de Deus conferidas àqueles que são seus.

Ser um discípulo de Jesus Cristo é maravilhoso. Você se torna fonte de conflito para alguns no mundo, e fonte de bênçãos para outros. Mas você e eu, que somos discípulos de Cristo, delineamos o limite. Oro para que sempre estejamos dispostos a seguir o senhorio de Cristo qualquer que seja o custo, para que alguns sejam hostilizados e outros sejam abençoados.

No rigor do inverno, o exército de Napoleão estava se retirando de sua invasão à Rússia. Achavam-se pressionados de todos os lados e precisavam cruzar o rio Berezina para escapar. Os russos haviam destruído todas as pontes, e Napoleão ordenou que uma nova ponte fosse construída sobre o rio. Os homens mais próximos da água foram os primeiros a tentar executar a quase impossível tarefa. Vários foram carregados pela fúria da correnteza. Outros se afogaram em consequência do frio e da exaustão, mas outros chegaram e o trabalho prosseguiu tão rápido quanto possível. Finalmente os construtores completaram a ponte e emergiram quase mortos das águas geladas. Como resultado desse incrível esforço, o exército francês marchou em segurança sobre o rio Berezina.²

Esse foi um exemplo de heróico sacrifício pessoal. De modo semelhante Cristo chama seus discípulos para dar a própria vida construindo pontes, de sorte que outros possam cruzá-las e entrar na presença de Deus. Se você é um verdadeiro discípulo, desejará fazer exatamente isso.

NENHUMA SATISFAÇÃO

Neste mundo, algumas pessoas recusam-se a sentir satisfação. Sem dúvida você as encontra no trabalho, na sua vizinhança e até mesmo na igreja. Para elas, o ambiente está sempre muito quente, exceto quando há muita corrente de ar. Estão sempre muito ocupadas, exceto quando se sentem entediadas até a morte; têm sempre muita responsabilidade ou praticamente nenhuma, e, de acordo com sua visão das coisas, nada nunca está exatamente como deveria estar. Exatamente como diz a canção, essas pessoas “não conseguem encontrar nenhuma satisfação”.

Os críticos contumazes encontram um alvo fácil no Cristianismo. Ele é muito exclusivo, não faz concessões, há muitos hipócritas, é muito dependente da fé e não da experiência. Isso exige muitos sacrifícios. Isso é simplesmente muito difícil de crer. As Escrituras mostram-nos que as pessoas que estão determinadas a resistir à verdade do evangelho são impossíveis de agradar, não importa o que ouçam. Qualquer que seja o modo que alguém lhe conte a história da redenção em Cristo, elas a rejeitarão porque têm o coração fechado.

Já examinamos o perigo e a futilidade de mudar a mensagem do Cristianismo para torná-la mais popular e aceitável a essas pessoas teimosas. Alguns neste mundo rejeitarão a Cristo apesar de toda a verdade bíblica que ouvirem.

Um dos grandes exemplos da História começa com a rejeição de João Batista quando proclamou ao povo de Israel a chegada do Messias. Sua aparência, seu estilo de vida e seus métodos de ensino afastavam seus ouvintes. Então, o próprio Jesus começou seu ministério usando uma abordagem contrastante e totalmente diferente, e as mesmas pessoas o rejeitaram também. Eles se recusavam a ficar satisfeitos com a mensagem, qualquer que fosse o estilo do mensageiro.

GRANDEZA INTRANSIGENTE

João Batista veio de uma família comum e humilde, sem nenhuma formação educacional digna de nota, ou graças sociais, ou grandes realizações anteriores que lhe dessem algum crédito. E assim mesmo nosso Senhor afirmou que ele era o maior ser humano que já vivera até então. Em Mateus 11.11 lemos: “Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele”. Jesus enfatizou o fato iniciando sua palavra com a expressão “em verdade”, que significa “certamente”, ou “um fato acima de qualquer disputa”. Aqui Jesus não apresentou qualquer qualificação ou opinião, apenas declaração de fato: “João é o maior ser humano que já existiu”. João era maior que Adão ou Abraão. Maior do que Isaque, Jacó e José; maior que Moisés, Josué, Davi e Salomão.

O caráter pessoal de João marcava sua grandeza. Era um homem que conseguia reconhecer, compreender e superar suas limitações, o que é sempre marca indicadora de grandeza. Todas as pessoas são ou vítimas de sua situação ou vitoriosas sobre essa mesma situação. Todos têm desafios, fraquezas, fracassos, enfermidades e problemas. A questão é se você consegue ou não superá-los. Os grandes e vitoriosos lutam contra elas, e João fez exatamente isso.

Ele era um homem humilde que reconhecia suas dificuldades. O orgulho é uma ilusão que aniquila a grandeza. Os grandes são aqueles que reconhecem seus fracassos e lutam para superá-los, e não os que se iludem imaginando que não têm fraquezas. E, enquanto não admitirmos nossas fraquezas, não atingiremos nosso maior potencial. Essa era uma dádiva rara no mundo antigo; nem os romanos nem os gregos possuíam sequer uma palavra para humildade em seus vocabulários.

Quando alguns começaram a duvidar da grandeza de João, Jesus lhes mostrou que eles já haviam respondido à firmeza de sua convicção. Mateus 11.7 diz-nos: “em partindo eles, passou Jesus a dizer [sarcasticamente] ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento?”

Era uma pergunta ilusoriamente simples. João havia anunciado a chegada do Messias, e as pessoas duvidaram que ele fosse alguém confiável. Jesus colocou diante dos ouvintes de João a atitude deles próprios e a experiência que haviam tido com ele. Sua pergunta era: “Por que todos vocês deixaram a

Galiléia e fizeram essa viagem tão longa e difícil até o deserto junto do Mar Morto? O que foi que os atraiu a esse homem? Vocês empreenderam essa viagem apenas para ver um caniço agitado pelo vento?”

Sem dúvida não havia sido essa a razão. Se eles quisessem ver e ouvir pessoas fracas e vacilantes, eles poderiam encontrá-las no templo. Tais pessoas poderiam ser encontradas em todos os lugares, como os caniços aos quais Jesus se referiu.

João não era comum, tampouco transigia e não hesitava em dizer a verdade de sua mensagem diante de ninguém. Em Mateus 3, quando todos os líderes religiosos o visitaram, ele teve a grande oportunidade de exhibir-se diante da multidão. Porém, nos versículos 7-10, em vez de afagá-los, ele desferiu o choque rápido e cortante da verdade bíblica: “Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. Já está posto o machado à raiz das árvores”.

Ele então prosseguiu, para falar sobre um julgamento de depuração e queima e de fogo inextinguível – um devastador discurso contra aqueles líderes religiosos. Toda a liderança de Israel havia permitido que o pecado do adultério de Herodes e seu casamento ilícito passassem sem qualquer objeção ou contestação. Mas João o enfrentou cara a cara e disse-lhe que aquilo era pecado. Por isso Herodes colocou João na prisão, para um pouco depois mandar decapitá-lo e apresentar sua cabeça numa bandeja no meio de uma festa. João era um homem que compreendia bem a idéia que William Penn, o grande defensor colonial da liberdade religiosa, expressou muitos séculos depois: “O certo é certo, mesmo que todos estejam contra ele, e o errado é errado mesmo que todos estejam a seu favor”.

FORÇA NA RENÚNCIA

Outro elemento de grandeza que se pode ver em João era sua auto-renúncia. As pessoas verdadeiramente grandes são aquelas que podem renunciar a si próprias. Quando faço um retrospecto da História e vejo grandes generais

que arriscaram suas tropas e a própria vida pela vitória, ou cientistas que se trancaram em seus laboratórios durante meses e até anos tentando descobrir algo que hoje tomamos por concedido, ou num missionário de apenas 30 anos que consumiu a própria vida tentando pregar o evangelho numa terra distante, relembro a mim mesmo que esse é o sinal da grandeza. Se o desejo de conforto está sempre nos desviando do propósito, se não podemos suportar a dor e sempre tentamos encontrar o caminho mais fácil, então nunca sabemos o que é grandeza de caráter.

João Batista vivia no deserto. A causa que o movia não era o conforto, embora eu tenha a certeza de que houve muitos momentos em que ele desejou ter algum conforto. Ele não estava apenas tentando permanecer por ali o tempo suficiente para se adaptar, como muitas pessoas que esperam passivamente, desejando que sua vida se transforme em algo fácil de viver. Ele não estava interessado em obter o favor dos líderes, religiosos ou não. Ele permanecia à parte, não maculado pelo sistema.

O compromisso de João o consumia por inteiro. De acordo com Lucas 1.15, um anjo predisse que ele não beberia nenhum vinho nem bebida forte. João fez o voto do nazireu, o que o tirou de todas as listas de convidados para todos os banquetes elegantes e eventos sociais em que se servia bebida. Não cortar o cabelo também fazia parte do voto do nazireu, o que sem dúvida não contribuía para mantê-lo em dia com a moda do seu tempo.

Por meio do seu estilo de vida, João dizia: “Não me incomodo com a minha aparência. Não quero me deixar levar pelos refinamentos da vida. Eu me entreguei a uma causa”. Muitas pessoas fizeram o voto do nazireu por algumas semanas ou meses, mas apenas umas poucas o fizeram para toda a vida: Sansão, Samuel e João Batista.

PENITÊNCIA SEM SENTIDO

É necessário fazer uma distinção importante entre auto-renúncia e penitência. Auto-renúncia significa abandonar confortos humanos para trabalhar por um objetivo digno. Penitência é autopunição com o objetivo de obter o favor de Deus, o que é absolutamente, 100% impossível – e 100% desneces-

sário. Ninguém pode ser suficientemente bom ou sentir-se suficientemente mal para conquistar a sua entrada no céu. Mas ninguém precisa fazer isso, pois Jesus pagou o preço total da entrada em favor de todos os verdadeiros cristãos.

Mesmo assim, a História nos dá muitos e muitos exemplos estranhos de penitentes tragicamente mal orientados. Santo Assepsumas pensou que poderia livrar-se do pecado por meio do sofrimento e da dor auto-infligidos e pendurou tantas correntes em seu corpo que precisava rastejar-se usando as mãos e os joelhos. Macário, o Jovem, ficou sentado nu durante seis meses num pântano até que as picadas de mosquito fizeram com que seu aspecto fosse como o de um leproso. São Marino passou 11 anos dentro de uma árvore oca. Grandes contribuições para a sociedade.

Agnes de Roucher era filha única de um dos mais ricos comerciantes de Paris e todos admiravam sua beleza e virtude. Seu pai morreu deixando-lhe todos os bens. Ela decidiu retirar-se para a clausura e passou o resto de seus dias numa cela estreita construída dentro da parede de uma igreja. O bispo de Paris, auxiliado por seus capelães e cônegos da Basílica de Notre Dame, entrou na cela e celebrou uma missa pontifícia. Então, depois de se despedir de seus amigos e parentes, Agnes ordenou que os pedreiros fechassem o espaço deixando apenas uma pequena abertura para que ela pudesse ver e ouvir as missas da igreja. Ela tinha 18 anos quando entrou ali e morreu com 80, sem nunca haver saído de lá. Durante todo esse tempo, ninguém lhe disse que Jesus era a chave para a redenção. Que Deus tenha misericórdia desse tipo de devoção tão equivocada.

O HOMEM CERTO PARA A MISSÃO

Outra indicação da grandeza de João foi seu chamado privilegiado: anunciar a chegada de Deus em carne humana. A única pessoa da raça humana que chega perto de João nesse sentido é Maria, a quem Deus escolheu para dar à luz o Messias. Mas, em muitos sentidos, João foi maior que Maria. Maria deu à luz um bebê; João anunciou um rei. Maria acompanhou Jesus durante

trinta anos de obscuridade; João o introduziu a três anos de um ministério monumental.

Na realidade, esse homem era tão extraordinário que Lucas 3.15 nos diz que as pessoas pensavam que ele era o Messias: “Estando o povo na expectativa, e discorrendo todos no seu íntimo a respeito de João, se não seria ele, porventura, o próprio Cristo”. Posso apenas imaginar o que teria sido ouvir João falar, mas ele era dinâmico, bem articulado, confrontador, poderoso – o maior profeta jamais chamado por Deus.

A verdadeira grandeza sempre combina o homem certo com a posição certa. Uma pessoa poderia ter grandeza em potencial, mas se nunca descobrisse seu campo certo de atuação, ela nunca tomaria conhecimento desse potencial. De certo modo, muitas pessoas neste mundo apenas arranjam um trabalho, e, se tiverem “sorte” o suficiente, seu talento poderá coincidir com seu chamado. Mas, como cristãos, contamos com Deus para nos dar essa orientação.

Assim, homem e missão encontram-se. Em Amós 3.7 lemos: “Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas”. João era um homem que tinha uma mensagem de Deus. Já havia quatrocentos anos desde que o último profeta aparecera, e quando João nasceu Deus quebrou o seu silêncio. João falou com poder e convicção e influenciou as pessoas com suas palavras inspiradas. Muitos creram em sua mensagem e todos sabiam que ele era um profeta.

Ele não apenas renunciou o Messias, ele batizou o Messias. Portanto, ele não é apenas aquele que fala, mas também, aquele que faz. Ele tocou o Cristo vivo e foi o precursor de Cristo, aquele que batizou o Cristo, o profeta que era, também, o cumprimento de uma profecia.

MARCANDO PRESENÇA

Um grande homem precisa estar no lugar certo na hora certa. Após quatro séculos sem uma voz profética, os judeus sentiram uma vibração diferente no ar quando João entrou em cena. Outro elemento da grandeza de João, portanto, é que ele se tornou o ponto focal; ele se tornou o fator central naquela

conjuntura da história da redenção; tudo aconteceu ao redor dele. Ele foi a culminância de toda a história do Antigo Testamento.

Ele marcou presença. Perturbou o *status quo*. Produziu grande impacto. Criou conflito. Ele mexeu numa casa de marimbondos. Quando confrontou os judeus, a situação tornou-se explosiva. Ele causou uma crise. Aonde quer que fosse, ele causava uma reação violenta. Era um homem de destino, o olho do furacão. Há algo de cativante a respeito desse tipo de pessoa. Grandes figuras nos acontecimentos do mundo têm um jeito próprio de provocar tumulto. Agitadas atividades sempre os cerca, pois eles se movem através da História produzindo muita paixão e mudança.

Em Mateus 11.12, Jesus observou que a pregação de João levava à violência: “Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele”. Em outras palavras: “Desde que João apareceu, temos tido problemas”. A vida de João tinha tornado-se um tema em debate, e seu ministério tinha tornado-se o foco central.

Há duas maneiras possíveis de traduzir esse versículo com base em como lemos o verbo *biazo*. Ele pode ser traduzido de modo passivo, significando uma ação que vem de fora, ou de modo reflexivo, significando que ele está agindo sobre si mesmo. Traduzido passivamente, o versículo 12 diria o seguinte: “O reino do céu está sofrendo violência e homens violentos se apoderam dele”. Esse é o modo que encontramos em algumas traduções. Na versão inglesa KJV, a tradução é: “O reino do céu está sofrendo violência e o violento o toma pela força”.

Em outras palavras: “Aqui está Deus, o mensageiro de Deus e o Messias de Deus representando a lei de Deus e seu reino, o qual está sofrendo violência. Está sendo perseguido”. De fato, a perseguição já se havia abatido contra João Batista; ele já estava na prisão. Os fariseus e os escribas tinham atacado vigorosamente o reino. Haviam rejeitado violentamente a Jesus Cristo.

Os judeus rejeitavam o reino inflexivelmente. Eles não aceitavam o reino em sua dimensão espiritual, pois não recebiam o Messias; portanto, não poderiam aceitar o reino em sua dimensão terrena e nem tampouco receber o reino do milênio. Dentro de pouco tempo, eles não apenas matariam o pregador, mas também o próprio Rei. Em meio a tudo isso, a mensagem de João era de uma firmeza tão decisiva que criava uma reação violenta. Homens violentos

tentavam sustar o avanço do reino.

Mas vamos supor que traduzimos o versículo no modo reflexivo, o que está igualmente correto. Então teríamos o seguinte: “O reino do céu está se impondo vigorosamente e pessoas que se esforçam se apoderam dele”. Isso significa exatamente o oposto da tradução anterior: o reino está avançando, e pessoas esforçadas estão entrando. Isso nos diz que João Batista foi eficiente: ele avançava e o reino se impunha vigorosamente, ou ia violentamente em frente enquanto abria caminho, sem apologia, através do pecado do mundo.

A História nos diz que foi exatamente isso o que aconteceu. João Batista exerceu um impacto dramático, impressionante. As pessoas estavam voltando-se para Deus, arrependendo-se de seus pecados e ele levava muitos a Cristo, como o anjo Gabriel predisse em Lucas 1.16: “E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus”.

Se adotarmos a interpretação reflexiva, então o reino avançava vigorosamente. Nosso Senhor continuava a salientar a grandeza de João. Por intermédio dele o reino caminhava. Ele era o instrumento de Deus para purificar o povo e prepará-lo. Esse é o sentido da afirmação paralela em Lucas 16.16 que diz: “A Lei e os profetas vigoraram até João; desde esse tempo, vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele”. Essa mensagem torna mais seguro dizer que ela representa um uso reflexivo do verbo *biazo*, que o reino avançava sob o poder desse homem maravilhoso, João, e que pessoas esforçadas, vigorosas e agressivas se apropriavam desse reino.

Será que isso expressa a perspectiva certa com respeito à salvação? *Sim!* A entrada no reino exige esforço diligente, energia incansável e máximo empenho, pois Satanás é poderoso, seus demônios são fortes, e o pecado impede. Deus pode quebrar esse empecilho e libertar o nosso coração para responder. O Reino não é para fracos ou os que fazem concessões, não é para os que se comprometem apenas em parte, os amantes do mundo ou os discípulos fúteis e superficiais que desejam agarrar-se àquilo que perece. O Reino é para aqueles que estão dispostos a afirmar sua desesperada necessidade de salvação do pecado e de apossar-se da oferta da graça.

VERDADEIRA GRANDEZA

João foi o ponto culminante final da mensagem que começou em Gênesis com a promessa da “semente da mulher” que esmagaria a cabeça de Satanás. Essa promessa ocupou as páginas das Escrituras até o momento em que apontou para o Cristo vivente: “O Messias está chegando! O Messias está chegando!” O reino avançava com persistência através do sistema humano perverso. E pessoas vigorosas e determinadas entravam pressurosamente. Esse foi o clímax; tudo culminava em João.

Em Mateus 11.14, Jesus afirma: “E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir”. No Antigo Testamento, em Malaquias 4.5 lemos que antes que o Messias viesse para estabelecer seu reino da terra, Elias viria como um precursor. Em Mateus, Jesus não afirmava o que João é, na realidade, Elias, mas alguém semelhante a Elias. No capítulo 1 do Evangelho de João, vemos que quando os sacerdotes e levitas perguntaram a João Batista se ele era o Cristo, ele respondeu que não era. Então, em João 1.21, eles perguntaram: “Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou”. Sabemos que o sentido das palavras de Jesus em Mateus era que alguém com a personalidade e o caráter de Elias tinha vindo: um homem poderoso e rude semelhante a Elias que anunciava a chegada do reino.

Assim, de acordo com Jesus, João Batista foi o maior mortal que já existiu; entretanto, curiosamente Mateus 11.11 diz: “O menor no reino dos céus é maior do que ele”. Essa é uma grande verdade. Grandeza não é ser como João Batista, pois ele teve uma grandeza funcional como anunciador de Cristo. A verdadeira grandeza não está na nossa função, mas no nosso relacionamento com Deus que nos coloca em seu reino.

Mas os intelectuais religiosos não creram e não entraram no reino. Mesmo sendo João a poderosa culminância da história do Antigo Testamento, mesmo com seu chamado privilegiado e seu caráter, nem todos creram nem todos compreenderam o significado desse homem. Eles foram atraídos por ele, mas não para o Salvador e sua mensagem de salvação. Portanto, o Senhor acrescenta uma advertência em Mateus 11.15: “Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça!”

Essa era uma maneira de dizer: “Se João é o precursor, então eu sou o Rei. E se eu sou o Rei, estou oferecendo o reino. Essa afirmação os coloca a todos

na posição de fazerem uma escolha. Não a recusem. Se me receberem como Messias, eu trarei o reino milenar à terra”. Alguns poucos receberam o Rei, e seu reino penetrou em seus corações. Um reino terreno ainda espera, quando ele retornar e todos o receberem.

UM TIPO DIFERENTE DE MENSAGEIRO

Muitas pessoas rejeitaram João Batista porque desejavam um tipo diferente de mensageiro. Entretanto, quando ouviram o Mensageiro final, Jesus Cristo, essas mesmas pessoas reclamaram dele de maneira ainda mais ríspida. Nada do que ele disse os convenceu a confessar o pecado e arrepender-se. Quando mais ele pregava, mais furiosos eles se tornavam. Não havia nenhuma validade na crítica que faziam, eles apenas odiavam a acusação que ele fazia.

E o mesmo acontece hoje. As pessoas não querem ouvir a verdade, qualquer que seja ela, pois não estão procurando a verdade. Não estão abertas para ela. Não reconhecem seu pecado e não estão interessadas num Salvador, portanto, elas apenas se afastam ou ficam enraivecidas.

Há alguns anos, no auge do movimento feminista de libertação das mulheres, fiz uma série de sermões sobre o papel designado por Deus às mulheres, e o que Deus deseja para elas. Apenas preguei sobre o fato de que as mulheres devem amar o marido, amar seus filhos e ser as guardadoras do lar. Essa verdade bíblica deixou as dirigentes do movimento de libertação feminino furiosas. Elas marcharam contra a nossa igreja; todas as cadeias de comunicação cobriram o acontecimento e uma foto do protesto foi estampada na primeira página do *Los Angeles Times*. (Eu espero que o fato de que, como resultado desses esforços, a frequência em nossa igreja tenha chegado a mais de mil pessoas em uma semana, tenha aumentado a ira dos que protestaram)!

Algumas pessoas recusam-se a aceitar o evangelho antes mesmo de ouvi-lo. Quando Phil Donahue estava no auge de sua popularidade, seus produtores convidaram-me insistentemente para comparecer ao seu programa. Chamava-se um programa de “entrevista”, mas em vez de conversar e dialo-

gar, os convidados passavam grande parte do tempo discutindo, rechaçando ataques verbais e sendo acoçados por Phil ou outros convidados. Esse foi o primeiro de muitos outros programas semelhantes que surgiram desde então. Eu não faria isso. A pessoa que telefonou disse: “Não creio que você saiba de quem estou falando. Trata-se de *Phil Donahue*”. Não aceitei o convite por causa da atmosfera de agressão e ataque do programa. A abordagem normal parecia ser de desprezo para com as pessoas cujas opiniões eles rejeitavam, interrompendo-as antes que pudessem completar um pensamento. Senti que eles não estariam interessados naquilo que eu teria para dizer sobre o evangelho, que apenas desejavam usar-me para desacreditar a verdade bíblica. Essa não é a maneira de encontrar a verdade. O evangelho deve ser proclamado, não debatido.

Em Mateus 11.16, Jesus começou a usar uma resposta contundente para com os intoleráveis rabugentos diante dele usando uma frase padrão que era muito familiar: “Mas a quem hei de comparar esta geração?”. No Midrash, uma compilação do ensino tradicional judaico, essa é a fórmula mais comum para se introduzir uma parábola. Todos os bons professores sabem que devem ensinar usando figuras de linguagem ou analogias, símiles ou metáforas que tornem seu ensino mais claro e inteligível. O mesmo ocorria com os rabinos que tradicionalmente começavam suas parábolas com essa pergunta, querendo dizer: “Como posso ilustrar com que esta geração se parece?”

Jesus continuou: “É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros: Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes” (vs.16,17).

No centro de cada cidade antiga havia uma praça ou um modesto parque público chamado *agora* em grego, que significa mercado ou feira. Nos dias de feira, as pessoas enchiam aquele espaço com suas carroças, bancas e mercadorias. Naturalmente era um lugar favorito para as crianças brincarem, e eles logo encontravam os amigos e começavam a divertir-se juntos.

Como ocorre ainda hoje, as crianças com frequência brincam imitando a vida de suas famílias. Uma brincadeira popular era “casamento” e a outra favorita – embora seja mais difícil para entendermos – era “funeral”. Estes eram os maiores acontecimentos sociais e públicos e as crianças os observavam o tempo todo. Sempre que havia um casamento, uma grande procissão cortava

as ruas da cidade, incluindo a noiva, o noivo, os amigos do noivo, todas as damas de honra da noiva e todos os que tinham alguma relação com o casamento. Atrás deles vinham os vizinhos, e as pessoas da cidade tocando flautas e pífaros, pulando e dançando de alegria.

Muito provavelmente, enquanto seus pais estavam ocupados comprando, vendendo e conversando no mercado, as crianças juntavam-se para brincar de casamento. Uma menina afortunada era a noiva, um menino era o noivo e as outras crianças faziam os outros papéis. Elas encenavam toda a procissão ao redor da praça e alguém que soubesse soprar um apito ou tocar uma pequena flauta produzia a música. Ao passarem por outros amigos eles convidavam: “Vamos, venham brincar conosco!”

Depois de algum tempo elas brincavam de “funeral”. O cortejo fúnebre era tão inevitável e tão público quanto o casamento. Os pranteadores levantavam o corpo e o carregavam pela cidade, seguidos por toda a família. Os membros da família empregavam mulheres que eram carpideiras profissionais para acompanhar o cortejo chorando e lamentando. Era muito comum, também, que as pessoas num cortejo fúnebre batessem no peito, na cabeça ou no corpo todo. As crianças brincavam assim, andando numa procissão, gritando e fingindo bater em si mesmas. E novamente chamavam seus amigos para brincar com elas.

Porém, algumas crianças não queriam brincar. As crianças na parábola eram desmancha-prazeres e quase podemos ouvi-las dizer: “Não quero brincar desta brincadeira boba!”

Então o grupo diria: “Tudo bem, nós trocamos o jogo. Se vocês não querem casamento, então vamos brincar de funeral – o extremo oposto. Mas a resposta seria: “Não queremos nem um nem outro. Não desejamos nos envolver. Deixem-nos em paz”. Essa é a idéia em Mateus 11.17: “Oi, nós tocamos flauta e vocês não reagiram, então nos lamentamos e vocês não responderam a isso também”.

Crianças rabugentas! A brincadeira triste é exatamente o contrário da alegre, mas não importa o quanto os amigos tentam acomodar as coisas, eles não querem brincar. Preferem continuar teimosamente sentados nos cantos e criticar – um exemplo primoroso da obstinação e perversidade da natureza humana.

NENHUMA SATISFAÇÃO

O princípio da parábola é perfeitamente claro. Algumas pessoas simplesmente não querem participar não importa qual seja o jogo ou a maneira como os convidamos. Criticarão o casamento e criticarão o funeral. Nada as satisfaz. Sempre encontrarão erro, porque, de coração, não desejam participar, não querem sentir-se satisfeitas.

Jesus disse que aquela geração se comportava como as crianças. “Vocês são como as crianças que, quando convidadas por seus amigos, não têm nenhuma abertura, nenhum interesse, mas apenas um espírito crítico, amargo e do contra.”

A aplicação aparece em Mateus 11.18,19: “Pois veio João que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio! Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! Mas a sabedoria é justificada por suas obras”.

Poderíamos dizer que João veio no estilo do funeral. Era austero, vestia-se com uma capa de pêlo de camelo (que era preta), comia gafanhotos e mel silvestre, vivia no deserto como um eremita e não tinha nenhum relacionamento social normal. Ele veio martelando duramente a mensagem de julgamento e condenação violenta. Falava sobre o machado posto à raiz da árvore. Exigia arrependimento e a demonstração do fruto do arrependimento. Ele era a voz que clamava no deserto.

Esse comportamento esquisito convenceu as pessoas de que João tinha demônio. Qualquer pessoa que agisse daquela maneira deveria estar fora dos eixos, com um parafuso solto. Entretanto, as Escrituras dizem-nos que estas mesmas pessoas se alegraram com ele durante algum tempo. João era inigualável. Tinha o poder de personalidade para atraí-las. E, por um pouco de tempo elas se aqueceram com sua luz. Mas os críticos no meio do povo finalmente concluíram: “Ele é maluco”. Eles equiparavam a loucura com a possessão demoníaca.

Eu penso que eles faziam essa relação porque ela era comumente verdadeira. Havia o maníaco de Gadara que era possuído por uma legião de demônios. Este também estava enlouquecido, ferindo-se, correndo nu, vivendo em cavernas e nas sepulturas (Lc 8.26-36). Portanto, as pessoas simplesmente

chegavam à conclusão de que qualquer pessoa que agisse de maneira estranha como João e vivesse como ele vivia, devia estar possuído por demônio. Em vez de considerar o estilo de vida dele como uma censura à indulgência delas, elas simplesmente o ridicularizavam.

Por outro lado, depois de João veio o Filho do homem. E Jesus usou seu título humano em Mateus 11.19 para enfatizar sua vinda em toda a sua humanidade, comendo e bebendo. Jesus era o oposto do estilo funeral de João. Ele se apresentava no estilo do casamento. Envolvia-se com a vida social, ia a jantares, hospedava-se na casa de amigos e comparecia a atividades locais. Jesus podia ser encontrado em eventos sociais, inclusive casamentos. Ele fez vinho. Foi à sinagoga. Esteve no Templo. Andou de vila em vila. Esteve à beira-mar com os pescadores e navegou pelo mar da Galiléia com eles. Ele estava onde os outros estavam, fazendo parte da vida deles, compartilhando com eles o alimento e a bebida.

Na realidade, em Mateus 9.14,15, os discípulos de João, que estavam acostumados ao estilo funeral, foram aos discípulos de Jesus e perguntaram: “Por que vocês não jejuam como nós jejuamos?” E, com efeito, a resposta foi: “Bem, ninguém jejuava num casamento!” Em outras palavras: “O Messias está aqui, e isso é razão para se celebrar”.

A ESCOLHA DOS CRÍTICOS

O Senhor apresentou-se de um modo muito diferente do de João, e eles se sentiram melindrados com ele e o chamaram de glutão e bebedor, que se socializava com coletores de impostos e pecadores. Porque ele se misturava, as pessoas o criticavam. Mas porque João não se misturava, as mesmas pessoas o criticavam. A expressão usada aqui para descrever homem glutão, *anthromophagos*, é muito pouco digna. É um termo indefinido indicando alguém que come em excesso, alguém que se senta e enche a boca de comida. Além disso, afirmavam também que Jesus era um bebedor de vinho, alguém que bebia demais e com muita frequência. O que o Senhor bebia era vinho concentrado misturado com água, o que significaria um estimulante igual a uma xícara de chá ou café.

Jesus permitia-se fazer parte da trama da vida diária. Ele se envolvia, ao contrário de João Batista, que vivia no deserto e não cultivava maneiras finas nem o hábito da hospitalidade. E, por seus esforços, Jesus foi rotulado como gentilha. Porque Jesus veio identificando-se com pessoas necessitadas e sofredas, compartilhando de suas tristezas e alegrias, seus críticos disseram que ele era um desordeiro. Do outro lado, porque João veio vivendo no deserto, jejuando, desprezando a comida e isolando-se das pessoas, os mesmos críticos disseram que ele era louco e tinha demônio. O fato é que eles eram apenas críticos, ponto final. Nada que se fizesse poderia agradá-los.

William Barclay disse sabiamente:

O fato real é que, quando as pessoas não desejam ouvir a verdade, elas facilmente encontram desculpas para não ouvi-la. Elas nem ao menos tentam ser consistentes em sua crítica. Criticarão a mesma pessoa e a mesma instituição a partir de posições e razões opostas. Se as pessoas estiverem decididas a não responder, elas continuarão obstinada e teimosamente não responsivas qualquer que seja o convite que lhes seja feito¹.

Nosso Senhor salientou que não importava o que ele fizesse, o sistema judaico não aceitaria. O coração impertinente e crítico dos judeus os mantinham cativos. Foi a resposta errada, como assinala Mateus 11.19: “Mas a sabedoria é justificada por suas obras”. Isso significa que o fruto da sabedoria é visível para todos e assim são as conseqüências da recusa à verdade de Deus. Jesus dizia, de fato: “Vocês se sentam e criticam, independentemente do que João ou eu façamos; qualquer que seja a nossa mensagem, vocês a atacam. Porém, no final a verdade se justificará pelo que ela produz. Vocês criticam Cristo, mas vão enfrentar dificuldades para justificar essa posição quando olharem para pessoas cujas vidas ele transformou. Vocês criticam a igreja, mas então terão de explicar por que ela tem tido tanto impacto no mundo”.

A verdade ou a sabedoria, em última análise, justificam-se pelos resultados. Esse é um argumento irrespondível. A sabedoria de João Batista insistindo no arrependimento e a sabedoria de Jesus que repete essa insistência provaram-se justificadas pelo que realizaram no coração e na vida das pessoas que creram.

Algumas pessoas são apenas críticos contumazes. Não se pode evitá-los nem convencê-los, quer torçamos o evangelho para se adaptar aos seus gostos, quer digamos a verdade esperando que Deus trabalhe no coração delas. Eles não estão nem procurando pela verdade. Apenas acham que tudo está errado com Cristo e o Cristianismo, o que é uma reação trágica, pois no fim a verdade se justificará pelo que produz. E eles não saberão a verdade até que seja tarde demais.

TRAIDORES DA FÉ

 evangelho é difícil de crer e exige que neguemos a nós mesmos. Ainda assim, as recompensas de crer e fazer tal sacrifício estão além do que se pode calcular. Sim, a porta é estreita, e a verdade é dura. Mas a recompensa é a vida eterna com Deus no céu. Por que deveríamos ter de amenizar uma mensagem que é tão incrivelmente maravilhosa? Por que deveríamos obstruir uma informação que, embora desagradável ou inconveniente à primeira vista, no entanto, nos mandarão para o céu *para sempre*? E por que, uma vez ouvida e aparentemente aceita a mensagem do evangelho, alguém haveria de rejeitá-la?

Não muito tempo atrás, um amigo compartilhou comigo a história dolorosa de um filho que cresceu na igreja ouvindo a Palavra de Deus, e que, entretanto, abandonou a Cristo e passou a fazer parte da comunidade homossexual de São Francisco. Sei de muitos casos trágicos em que homens abandonaram a esposa, a família e seu Senhor e se afastaram. Essas pessoas não começaram como céticos fora da igreja, mas como pessoas nutridas pela palavra de Cristo. Contudo, em última análise, rejeitaram a verdade do evangelho.

Você provavelmente já teve experiência semelhante com pessoas conhecidas. Já contei a história de três dos meus amigos mais íntimos – um no ginásio, um na faculdade e outro no seminário – que pareciam tão dedicados ao serviço do Senhor e, todavia, todos eles o rejeitaram. Um deles se tornou um viciado em drogas e promovia concertos de rock, o outro se tornou budista. Estes não foram relacionamentos casuais, mas amigos muito próximos. Eu estava certo de que eles compartilhavam a minha paixão pelo verdadeiro evangelho tanto quanto do meu amor pelos esportes.

Esses três jovens me provaram que é possível professar a Cristo e não conhecê-lo. Você pensa que é cristão e, mais tarde, percebe claramente que

não é; não há dúvida de poder enganar outras pessoas. Vendo esses cristãos aparentemente inteligentes, dedicados e vigorosos abandonar suas crenças forçou-me a pensar sobre quem seria realmente cristão e o que ser cristão realmente significa. Suas ações os apresentavam como companheiros na luta por Cristo, mas no fim o coração de cada um deles demonstrou que eram traidores.

Os desertores espirituais são parte integrante da história do Cristianismo tanto no presente quanto no passado. Estão presentes na sua vida e na minha, assim como estiveram durante a vida de Jesus. Isso não deveria surpreender você nem abater ou desapontar ou causar desespero. A percepção de Jesus a respeito de desertores espirituais em João 6 e a reação ao seu ensino sobre o assunto apresentam-nos uma das histórias mais esclarecedoras e irresistíveis de seu ministério. Vale a pena examiná-la com cuidado.

DESERTORES ESPIRITUAIS

O desertor é um traidor. Creio que você já passou pela angustiante experiência de ver alguém a quem você amava e com quem trabalhava na seara do Senhor desertar do evangelho. Para mim nada é mais doloroso do que isso. Mas podemos sentir algum conforto lembrando que Jesus suportou deserções muito mais dolorosas e pode nos oferecer sua solidariedade quando sofrerem tais desapontamentos.

É um padrão que aparece com frequência ao longo das Escrituras. Em Filipenses 2.20, Paulo escreveu: “Porque a ninguém tenho de igual sentimento que, sinceramente, cuide dos vossos interesses”. Em 2 Timóteo 1.15, ele disse: “Estás ciente de que todos os da Ásia me abandonaram; dentre eles cito Figelo e Hermógenes”.

Deserções não estão limitadas apenas a nós deste lado da cruz. Em Êxodo 32.7, lemos: “Então, disse o SENHOR a Moisés” – que estava no Monte Sinai – “Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste sair do Egito, se corrompeu”. Enquanto Moisés estava recebendo a Lei, o povo estava fundindo ouro para fazer um bezerro para adorar.

Isaías 22.12 apresenta Deus chamando seu povo para juntar-se a ele em sua tristeza pela deserção de Israel: “O Senhor, o SENHOR dos Exércitos, vos convida naquele dia para chorar, prantear...” Jesus chorou por eles também, como nos diz Lucas 19.41, “Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou”. Aqueles que alegam pertencer a Deus e desertam partem o coração de Deus.

Quando você cataloga sua influência sobre outras pessoas pode se sentir desencorajado com o número de pessoas que frequentaram a igreja ou estudos bíblicos e que se tornaram traidores da fé. Tive essa experiência repetidas vezes ao longo da minha vida e do meu ministério, às vezes com pessoas a quem ensinei e conheci pessoalmente durante décadas. Encontro algum conforto na experiência do apóstolo Paulo, pois não posso imaginar alguém que tenha caminhado com ele, visto sua vida, trabalhado ao seu lado no ministério, alguém que tenha sido tocado pelo profundo caráter desse homem e por sua mente extraordinária e, depois, afastar-se de Jesus Cristo, como fez seu amigo Demas (2Tm 4.10).

O que afasta os ouvintes do verdadeiro evangelho? Por que algumas pessoas que são atraídas por Jesus e pela Palavra de Deus se tornam apenas seguidores temporários? Quais são as características de um desertor espiritual? O que, afinal, *podemos* ou *deveríamos* fazer para testemunhar a eles? O que Jesus fez, e o que podemos aprender com o seu exemplo?

João 6, como veremos logo adiante, dá-nos uma lista extraordinariamente completa das características implícitas de desertores espirituais, razões pelas quais pessoas que parecem aceitar o evangelho, no fim se afastam dele. Compreendê-los nos ajudará a ver quão fútil é inventar um evangelho de fácil consumo que apele a um público alvo ou outro. Isto também o ajudará a se preparar para a rejeição à verdade que possivelmente ocorrerá. *Não importa quantos destaques e atrativos especiais sejam acrescentados, ou quantas dificuldades sejam eliminadas, todos, exceto os verdadeiros crentes, no fim o abandonarão.* Mas, como o exemplo de Jesus mostra de modo tão convincente, essa mesma rejeição é a prova do poder do evangelho. Na medida em que é diluído ou atenuado, o evangelho deixa de ser uma ameaça para o mundo pecador e focado em si mesmo; e na medida em que ele permanece poderoso, os orgulhosos e não-arrepentidos fugirão dele amedrontados. E com razão.

Esse é um dos mais sérios problemas a respeito das igrejas que procuram oferecer aquilo que o mundo diz que as pessoas necessitam. Há não muito tempo, eu conversava com um pastor de uma dessas igrejas sobre sua noção de que, antes de qualquer outra coisa, os cristãos em perspectiva precisam sentir-se “bem-vindos e aceitos”; nada de “ameaças” ou “atitudes julgadoras”.

Eu perguntei: “Se uma pessoa que vive em pecado viesse para a sua igreja, você a confrontaria?”

Ele franziu o cenho e meneou a cabeça em sinal de desaprovação: “Não! Nós desejaríamos que ela se sentisse amada e bem-vinda”.

Arregalei os olhos: “Quanto tempo se passaria antes que vocês tocassem no assunto com essa pessoa?”.

“Talvez um ano e meio ou dois”, disse ele sorrindo. “Porque a essa altura ela já estaria se sentindo parte da comunidade.”

Isso foi um choque para mim. Existe alguma virtude em deixar que alguém permaneça em pecado para que ela se sinta aceita? “Bem, esta é a diferença entre a nossa igreja e a sua”, eu disse finalmente. “As pessoas que praticam abertamente o pecado vão à nossa igreja, e elas ou são salvas ou não voltam nunca mais.”

O CLAMOR DAS MULTIDÕES

As pessoas deixam o evangelho porque, inicialmente, foram atraídas a ele pelas razões erradas. O entusiasmo das multidões, e não o sentido da mensagem, é o que as atrai no começo. Uma congregação entusiasmada, e o valor produzido por um culto que enfatiza o senso teatral e não as Escrituras conseguem cativar e persuadir o ser humano moderno à procura de algo que o ajude.

João 6 começa com o incrível milagre de Jesus alimentando 5 mil pessoas com alguns poucos pães e peixes. Esse é o único milagre de Jesus que aparece nos quatro evangelhos, uma demonstração absoluta da divindade de Cristo. Esse capítulo apresenta um contraste muito grande, iniciando com o mais bem documentado dos milagres de Jesus e terminando com talvez metade de seus seguidores o abandonando.

Em João 6.1,2 lemos: “Depois destas coisas, atravessou Jesus o mar da Galiléia, que é o de Tiberíades. Seguia-o numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que ele fazia na cura dos enfermos”. No início, os milagres atraíam tanto os falsos como os verdadeiros discípulos. Durante muitos meses Jesus havia prosseguido com seu ministério na Galiléia. A essa altura, suas curas, expulsões de demônios e até mesmo o livramento da morte tinham-lhe dado imensa popularidade. Jesus havia banido a doença da Galiléia. As multidões tornavam-se cada vez maiores e ele havia se tornado a pessoa mais popular da história da Galiléia até aquela data e daí em diante. Jesus era o acontecimento da vida daquelas pessoas e sua popularidade atraía imensas multidões. Seus índices de audiência na TV teriam explodido.

A popularidade não ajuda em nada. Enquanto Jesus era popular, ele atraiu os buscadores mais inconseqüentes de prazer e diversão. Discípulos genuínos foram atraídos não pelo espetáculo, mas pela verdade, pelo poder e pelo caráter de sua mensagem.

O Cristianismo precisa ser muito cauteloso quando se torna popular. A atitude e o entusiasmo de uma multidão cativam as pessoas. Elas se reúnem num estádio esportivo, num grande auditório ou numa igreja, para tomar parte num grande acontecimento. Existe uma energia especial, quase um sentimento estimulante de recuperação, mas muitos dos participantes estão lá por causa da multidão, não por causa da Coroa. Estão esperando algum tipo de intervenção miraculosa em seu benefício, ou a promessa de algo com o que possam lucrar. Ou apenas um bom espetáculo.

ATRAÇÃO SOBRENATURAL

Outra razão para a deserção do evangelho é o fato de que desertores são superempolgados com o sobrenatural. Milagres e mostras de poder são um campo fértil para discípulos superficiais. Uma grande multidão seguiu a Jesus e chegou a hora em que todos deveriam fazer uma refeição, mas o único alimento que puderam encontrar foi um lanche magro que um garoto no meio da multidão carregava. João 6.8,9 nos diz: “Um de seus discípulos, chamado

André, irmão de Simão Pedro, informou a Jesus: “Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada” – que seriam parecidos com pequenos biscoitos chatos “e dois peixinhos”; – provavelmente peixe em conserva. Eles costumavam espalhar o peixe em conserva sobre o biscoito ou simplesmente colocá-lo sobre ele – “mas isto o que é para tanta gente?”. André queria dizer: “A situação é desesperadora. Já inspecionamos a multidão e tudo o que encontramos foi um menino com alguns biscoitos e um pouco de peixe em conserva”.

O versículo 10 nos afirma: “Disse Jesus: Fazei o povo assentar-se”; – que é outra maneira de dizer: “Prepare-os para o jantar”, “pois havia naquele lugar muita relva. Assentaram-se, pois, os homens em número de quase cinco mil”. Esse número facilmente dobraria se as mulheres e as crianças fossem contadas, e poderia chegar a 20 mil ou mais.

O versículo 11 revela o que Jesus lhes serviu: “Então, Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles, e também igualmente os peixes, quanto queriam”. Onde estava o espetáculo grandioso? Jesus havia realizado um milagre espantoso da maneira mais despretensiosa possível. Não deveria o relato afirmar: “E os céus *trovejaram*, a terra *tremeu* e os peixes começaram a *pular* para fora do mar da Galiléia e cair em pequenas cestas e os pãezinhos começaram a *cair* do céu e os anjos *cantaram*?” Não há um único holofote.

Então aprendemos, no versículo 13, que sobraram 12 cestos de pães, provavelmente mais do que os discípulos poderiam consumir na refeição seguinte. A palavra grega para cesto, *kophinos*, é a raiz da palavra inglesa “coffin” (caixão de defunto) e descrevia uma cesta muito grande e pesada. Havia sobrado muito alimento.

Essa era uma atração formidável para as multidões: apareça, e Jesus lhes dará alimento para comer. Ótimo! De repente, em vez de passar a maior parte dos dias trabalhando e ganhando o suficiente para alimentar a si mesmos e preparando as refeições, eles contemplavam a possibilidade de uma vida de descanso. Uma situação na qual o bem-estar dos cidadãos é garantido pelo Estado. Seus milagres sempre fascinaram a multidão, mas esse estava acima de qualquer outro. É verdade que às vezes você precisa de cura, mas você precisa jantar todos os dias.

O Cristianismo sempre atraiu pessoas ávidas por emoções intensas, fascinadas pela pessoa de Jesus como um fazedor de milagres e transformador de

vidas que modifica as pessoas e abençoa os seus. A preocupação com milagres é um dos maiores perigos do movimento carismático de nossos dias, pois atrai as pessoas com base na premissa de que os milagres estão à espera para serem apossados por aqueles que chegarem. Há teleevangelistas prontos para distribuir milagres a qualquer um, desde que a pessoa disque imediatamente um número a cobrar e faça sua oferta. Eles desejam reivindicar o poder de operar milagres do mesmo modo que Simão o fez em Atos 8.9: “Havia certo homem, chamado Simão, que ali praticava a mágica, iludindo o povo de Samaria, insinuando ser ele grande vulto”.

Para alguns falsos seguidores de Cristo o apelo real é a multidão. Pode ser sua família, seus antepassados, seus amigos, o grupo ao qual pertencem, seus companheiros cristãos ou o grupo “da moda” ao qual aspiram pertencer. Porém, se a própria atração não é mais do que uma peça dramática sobrenatural e extravagante, essa atração será temporária e superficial. Assim que perceberem o que o evangelho realmente é e o sacrifício que requer, ele passa a fazer parte do passado.

AQUI E AGORA

Outra característica dos desertores é que eles pensam apenas no que é terreno. João 6.14 continua: “Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo”. Eles se referiam ao Messias profetizado e prometido em Deuteronômio 18.15. O Rei está aqui!

E no versículo seguinte eles sabiam exatamente o que fazer: “Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou-se novamente, sozinho, para o monte”. Eles tinham em mente um reino terreno. Se ele podia criar pães e peixes em quantidade suficiente para alimentar 20 mil pessoas, com certeza poderia castigar os romanos como eles mereciam, expulsá-los e libertar Israel.

Porém, se criam espiritualmente que ele era o grande Messias, onde estava a adoração? Onde estavam o culto e o respeito? Eles nunca conseguiram pensar

em Jesus, a não ser como um rei terreno que lhes daria a liberdade terrena e a vingança que desejavam. Não tinham nenhum interesse em “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade”. Ao contrário, o que lhes interessava era “Venha o *nosso* reino. Seja feita a *nostra* vontade”.

Tudo o que desejavam era transformá-lo em seu fazedor de milagres particular e usar seu poder política e militarmente contra os romanos. Em vez de prostrarem-se para adorar o Prometido como o Salvador de seus pecados e do julgamento, eles queriam obrigá-lo a agir de acordo com as pretensões terrenas que tinham. Esse é um comportamento típico dos desertores. Olhavam para Jesus como aquele que resolveria seus dilemas diários, colocaria sua vida em ordem, satisfaria suas necessidades e seus desejos e os tornaria ricos.

Se tentar vender o evangelho com base dessas pressuposições, as pessoas responderão afirmativamente pelas razões erradas. Você não pode chamar pessoas para ir a Cristo porque é a coisa certa a fazer e porque todo mundo está agindo assim. Você não pode chamar pessoas para Cristo para conseguir milagres espetaculares, ou ter suas vida colocada em ordem. Essa é a mentira do evangelho da prosperidade e do evangelho das necessidades atendidas, e tudo o que essas abordagens conseguem é atrair pessoas que logo se sentem desiludidas. Como Jesus disse em João 18.36: “O meu reino não é deste mundo”.

Uma pessoa, que certa vez professou a Cristo, escreveu-me uma carta dizendo: “O seu Jesus não funcionou. Meu marido me deixou, meu filho está no hospital e eu tenho uma doença terminal. Seu Jesus não funcionou!” O seguidor superficial não tem qualquer sentido do espiritual, do eterno e divino, nenhum amor especial por Deus ou vinculação de lealdade a Cristo. O cristão superficial vive para o aqui e agora; e, se Jesus não atender, está tudo terminado.

NENHUM ANSEIO DE PRESTAR CULTO

Cristãos falsos não anseiam por cultuar verdadeiramente. Em João 4.23, Jesus define salvação como culto quando diz: “são estes que o Pai procura para seus adoradores”. As pessoas perguntam-me como podemos determinar aqueles que são realmente cristãos ou não. Você não pode realmente diferenciá-los

apenas pela observação, pois alguns não-cristãos vivem, aparentemente, vidas moralmente corretas, ao passo que alguns cristãos pecam de modo visível e público. Você não pode distingui-los por aquilo que dizem; se você os ouvir durante bom tempo, a verdade provavelmente aparecerá, mas algumas pessoas vigiam muito bem a própria língua. O modo pelo qual você pode afirmar que uma pessoa é verdadeiramente cristã seria avaliando o que ela deseja. Se ela anseia por louvar e cultuar a Deus e Cristo, esta é uma evidência de um coração transformado.

Nos versículos seguintes de João 6, os discípulos navegaram pelo mar da Galiléia em direção a Cafarnaum, deixando Jesus para trás como ele os ordenara fazer. O verdadeiro teste do seu discipulado manifesta-se no versículo 18: “E o mar começava a empolar-se, agitado por vento rijo que soprava”. Qualquer pessoa que já tenha estado no mar da Galiléia com certeza pode compreender isso. O mar da Galiléia está abaixo do nível do mar e cercado por montanhas. O vento seco do deserto, chamado siroco, precipita-se pelo *Canyon* abaixo e rodopia pelo lago formando um turbilhão tão forte que pode provocar ondas realmente violentas.

O versículo seguinte continua a história: “Tendo navegado uns vinte e cinco a trinta estádios, eis que viram Jesus andando por sobre o mar, aproximando-se do barco; e ficaram possuídos de temor”. Novamente se Jesus pensava que um bom espetáculo poderia salvar as pessoas, ele deixou passar a oportunidade. Nenhum toque de trombeta celestial ou relâmpagos do céu anunciaram sua presença. Sua chegada foi simples e discreta. Aqui o cenário foi uma tempestade no mar no meio da noite. Um barco cheio de homens exaustos depois de horas de luta nas águas turbulentas sem saber se iriam sobreviver ou não. Então, de repente, eles olharam e lá estava Jesus caminhando sobre o mar em direção ao barco.

João diz-nos que eles ficaram aterrorizados. Eu também entraria em pânico. Ninguém anda sobre a água. A passagem paralela em Mateus acrescenta o fato de que Pedro desceu do barco e começou a andar sobre a água em direção a Jesus, mas “Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor!” (14.30). Em sua excitação e impetuosidade, Pedro pulou do barco, mas então olhou ao redor e disse a si mesmo: “O que estou fazendo aqui?”

Sem dúvida os discípulos estavam com medo da tempestade, mas estavam com muito mais medo daquele Ser andando sobre as águas, o qual era ninguém mais do que o próprio Deus. A chave está no versículo seguinte: “Mas Jesus lhes disse: Sou eu. Não temais!” Ele acalmou a tempestade e imediatamente o barco seguiu de onde estava até a praia. A passagem soa quase como se tivessem viajado miraculosamente, sem cruzar o mar. E Mateus diz: “os que estavam no barco o adoraram” (veja 14.33).

Alguns crentes nunca se dobram em maravilhada adoração. Sua perspectiva é estritamente utilitária: “O que você fará por mim, Jesus? Desejo segui-lo porque é aqui que as coisas acontecem. E eu poderia fazer um bom uso de alguns milagres a mais”. Não há nenhum movimento de adoração profunda diante do Senhor.

Mas os verdadeiros discípulos estão presentes também e suas atitudes os separam do resto. Como Mateus descreve em 14.33: “E os que estavam no barco o adoraram”. Observe as pessoas que alegam ser cristãs e perceba quão profundamente elas adoram ao Senhor. Observe como cantam os hinos. Pergunte a elas como é sua vida de oração. Qual a importância de ir à igreja aos domingos? Será Jesus Cristo o amado de sua vida? Isso parece óbvio?

É possível distinguir, se você olhar bem de perto. Crentes verdadeiros demonstram profunda humildade, um senso de respeito genuíno e reverência por Jesus Cristo. São eles marcados por uma adoração maravilhada? Se não são, não permanecerão junto daqueles que apresentam essa atitude a despeito de tudo que se fizer para torná-la atraente. Quando apresentam essa disposição para a adoração, você não consegue mantê-los longe não importa o quanto a verdade possa ser nítida e desafiadora.

PROCURA POR UMA ESMOLA

Um desertor da fé procura ganho pessoal, não uma oportunidade de adorar. Vemos isso na atitude da multidão quando descobriu que Jesus tinha partido para Cafarnaum. Será que todas aquelas pessoas voltaram ao local onde Jesus os havia alimentado e pregado no dia anterior porque desejavam adorá-lo? Não, eles queriam um café da manhã gratuito.

Num tempo em que conseguir o suficiente para comer era uma tarefa difícil e infindável, alimento grátis era um bilhete instantâneo para o conforto e o alívio. A multidão foi a Cafarnaum pela razão errada; como vemos em João 6.25: “E, tendo-o encontrado no outro lado do mar, lhe perguntaram: Mestre, quando chegaste aqui?” Provavelmente foram até a outra margem do lago esperando receber o café da manhã gratuito. Eles só conseguiam pensar na sua própria satisfação obtida por meio dos seus milagres: atenda às *minhas* necessidades, supra o que *eu* desejo, alimente-me.

E no versículo seguinte: “Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes”. Trata-se de uma acusação: “Vocês estão aqui por uma coisa apenas, porque estão com fome”. A palavra grega para “fartar-se” é usada em relação aos animais e significa estar empanturrado. Essas pessoas seriam bons candidatos ao evangelho da prosperidade. “Faça-me rico, faça-me próspero, faça-me bem-sucedido, satisfaça todos os meus desejos, e faça já... eu o ordeno!”

Jesus continuou: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas para a que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo” (Jo 6.27). Ele queria dizer: “Vocês estão procurando a coisa errada! Vocês estão falando sobre café da manhã, eu estou falando sobre vida eterna”.

Quantas pessoas demonstram a mesma atitude todos os dias: entram na igreja e viram as costas para a vida eterna? Essa é a razão pela qual precisamos pregar sobre o inferno. Essa é a razão pela qual precisamos advertir as pessoas sobre o que acontecerá na vida vindoura. As pessoas precisam compreender o que estão fazendo. É bom ser arrebanhado com a multidão e ficar fascinado pelo poder sobrenatural de Jesus. Mas ao mesmo tempo, você precisa adorar e enfrentar questões eternas.

Isso me preocupa muito com respeito às novidades populares evangélicas de nossos dias. Que tipo de pessoa elas estão atraindo? Seduzidos pela multidão e pela promessa de algo sobrenatural, pensando unicamente em coisas terrenas, com pouco interesse num culto verdadeiro, mas cheias de anseios por prosperidade pessoal, elas não compreendem assuntos eternos. Enquanto não conseguirem compreender e não chegarem a confessar sua necessidade, *elas jamais serão salvas*.

A BUSCA PELO PODER

Desertores espirituais fazem exigências a Deus. Chegam apressados à igreja com a atitude (quer expressa ou não) de: “Muito bem, Deus, vou lhe dar seis meses para me atender, se o Senhor não cumprir o prazo, eu estou fora!”

Em João 6.28 lemos: “Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?” O que realmente queriam dizer era: “Muito bem, nossa primeira exigência é: Dê-nos o poder! Você está dizendo que não nos servirá o café da manhã? Então dê-nos o poder para fazê-lo por nós mesmos, de modo que possamos fazer as obras de Deus”.

Isso é idêntico ao incidente em Atos 8.18,19, no qual Simão viu o poder de Deus manifestado por meio de Pedro e de certo modo quis comprá-lo, dizendo: “Eu quero este poder. Quanto custa?” Muitas pessoas nas igrejas cristãs estão, de certa maneira, tentando conseguir o poder – e os pregadores as estão encorajando! Eles afirmam: “Nós queremos que *você* tenha o *poder*”. Então coisas loucas e absurdas acontecem por todos os lados com as pessoas pulando, gritando, berrando, dando piparotes e deixando-se cair ou agitar com um único propósito: tentam conseguir o poder.

Penso sobre isso quando observo aqueles superproduzidos e frenéticos evangelistas da televisão empolgando-se e prometendo o poder. Então as pessoas na multidão, num consentimento irracional a um estado alterado de consciência – desejando tão desesperadamente receber o poder que farão qualquer coisa que o orador sugerir – caem desmaiadas. É deplorável quando as pessoas desejam o poder mais do que desejam a Pessoa. Ninguém na terra pode ter o poder de Jesus Cristo para fazer o que ele fez, e qualquer pessoa que prometa o contrário está mentindo.

Deus concedeu o poder de Jesus Cristo apenas aos apóstolos e àqueles que se seguiram ao período apostólico para estabelecer a autoridade messiânica de Cristo. Nunca teremos o poder de curar doentes, ressuscitar mortos, andar sobre as águas ou expelir demônios. Mas todos aqueles que crêem nele podem ser salvos.

A resposta do Senhor à multidão veio em João 6.29: “Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado”. Mas eles não estavam interessados em crer, por isso no versículo 30 fizeram

outra exigência: “Então, lhe disseram eles: Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti? Quais são os teus feitos?”. Em outras palavras: “Faça alguns milagres e truques para provar que você é digno de nossa fé”.

O que eles realmente queriam fazer era colocá-lo num beco sem saída: “Nós creremos, se você produzir o nosso lanche”. Esse povo tinha acabado de ver um milagre monumental, e desejava mais. Os que buscam emoções fortes e sensacionalistas nunca estão satisfeitos. Essa é a situação lamentável de tentarmos atrair pessoas para o Cristianismo com a promessa de milagres. A promessa de milagres sustenta discípulos superficiais e fracos, mas nunca os satisfaz. Eles continuam dizendo a Jesus: “Vamos, faça um milagre realmente grandioso!”.

Quão grandioso? Versículo 31: “Nossos pais comeram o maná no deserto”. Agora chegamos ao real objetivo da multidão: “Como está escrito: Deu-lhes a comer pão do céu”. O povo começava a irritar-se, então lhe disseram: “Você pensa que é muito grande porque alimentou 20 mil pessoas uma vez. Nada mal. Mas Moisés deu o maná diariamente a milhões durante anos! Você pode superar isso? Como você pode ser maior que Moisés? Você nos alimentou uma vez, Moisés nos alimentou durante anos” (Quem quer que fosse que articulava isso para a multidão, era muito perspicaz).

A resposta de Jesus em João 6.32 foi muito superior à pergunta feita por eles: “Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá”. De fato ele dizia: “Para sua informação, Moisés não produziu aquele pão, ele apenas orientou a sua colheita, e era apenas maná”, que seria algum tipo de bolo simples e nutritivo. Jesus continuou: “Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (v. 33).

O pão de Moisés servia para a nutrição física, mas Jesus era o pão da nutrição espiritual. O maná não podia evitar a morte. Toda aquela geração, inclusive Moisés, morreu no deserto. O maná era para Israel; Jesus é para o mundo. “Sim, eu sou maior que Moisés, porque o pão que eu lhes der satisfará a sua alma.” Versículo 34: “Então, lhe disseram: Senhor, dá-nos sempre deste pão”. Em outras palavras: “Continue fornecendo este pão, se ele pode matar a nossa fome”. Eles nunca compreenderam. Tudo o que queriam era fazer exigências e ser atendidos por Jesus.

Agora chegamos ao centro da questão. A multidão corria atrás dele, seguindo-o, e ele começou a separá-los com a verdade. A verdade divide as pessoas. Quanto mais fundamental a verdade, mais profunda e ampla a divisão. O objetivo da pregação cristã – o objetivo da apresentação do evangelho, o objetivo da Igreja – não é apenas abrir a porta tão amplamente que possamos sugar todos para dentro e fazê-los sentir-se confortáveis. O objetivo é pregar a verdade a tantas pessoas quantas possíveis, de sorte que possamos separar o verdadeiro do falso.

NENHUM RELACIONAMENTO PESSOAL

Os desertores espirituais não procuram relacionamento pessoal. Em João 6.36 lemos: “Porém eu já vos disse que, embora me tenhais visto, não credes”. Esse é o início de uma passagem marcante que também se parece, de certo modo, com um solilóquio tristonho. No versículo 37 Jesus diz: “Todo aquele que meu Pai me dá, este virá a mim”. Por que, de repente, Jesus disse isso? Com quem ele falava? Ele tinha acabado de lhes dizer que ele era aquele por quem eles procuravam, isto é, o pão do céu que dá vida ao mundo: “Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (v. 35).

Qualquer de nós que saímos para pregar o evangelho e proclamar a verdade de Cristo, qualquer um que esteja com o coração partido e angustiado com a falta de fé, pode retomar a esperança baseado na sólida promessa de que todos aqueles a quem o Pai chama, irão. Essa promessa levou Jesus a fazer a afirmação em João 6.37,38: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora. Porque eu descí do céu, não para fazer a minha vontade, e sim a vontade daquele que me enviou”. Ele se confortava com a lembrança de que a salvação era, afinal de contas, um plano do Pai. E quando o Pai atraísse as pessoas a ele, elas iriam.

No versículo 39 Jesus reconheceu que aquelas pessoas não tinham absolutamente nenhum interesse num relacionamento pessoal com ele: “E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu;

pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia”. O versículo 40 apresenta um resumo completo: “De fato, a vontade de meu Pai é que todo o homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia”. Jesus encontrava sua confiança, seu equilíbrio em meio a essas tensões entre si mesmo e aqueles discípulos desertores, recordando os propósitos invioláveis de Deus que, em última análise, seriam realizados.

ZOMBADORES MURMURANTES

Outra coisa que você inevitavelmente descobrirá ser verdadeira é que cristãos falsos confidencialmente falam contra a verdade. Quando estão longe de discípulos verdadeiros, eles zombam da fé, seja pelo que dizem, seja pela maneira como vivem.

Em João 6, eles seguiram atrás de Jesus dizendo: “Queremos fazê-lo nosso rei. Mostre-nos como fazer as suas obras. Mostre-nos como podemos receber esse pão eterno”. Mas quando estavam longe, o que diziam era muito diferente. Versículo 41: “Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu”. Eles estavam – e aqui temos uma daquelas interessantes palavras gregas, *gonguzo* – reclamando, murmurando, falando em voz baixa, resmungando, falando clandestinamente contra Jesus.

Quando estavam com os crentes, não faziam isso. Quando estavam na companhia daqueles que não criam, zombavam. No versículo 42 lemos: “E diziam: Não é este Jesus, o filho de José? Acaso não lhe conhecemos o pai e a mãe? Como, pois, agora diz: Desci do céu?”. Faziam uma pilhéria de tudo aquilo. Seria muito interessante ouvir o que as pessoas que freqüentam fielmente a igreja todos os domingos falam sobre a religião em suas conversas durante a semana, quando estão entre não-crentes. Será que defendem o evangelho, ou o ridicularizam?

Jesus sabia exatamente que tipo de murmuração e resmungo estava acontecendo. As pessoas estavam furiosas porque ele havia estilhaçado suas esperanças de conseguir comida de graça. Elas não tinham nenhum interesse por arrependimento, obediência ou submissão (o que, a propósito, é a razão pela

qual devemos pregar sobre arrependimento, obediência e submissão). Quando estavam longe de Jesus e de seus companheiros mais próximos, ridicularizavam. Ninguém que realmente ame a Jesus Cristo faria tal coisa.

Daquele momento em diante algo notável aconteceu. Em vez de simplificar a verdade em resposta à zombaria do povo, Jesus começou a dificultar mais e mais sua mensagem e a escondê-la de seus ouvintes. Ele assumiu essa maneira de agir ao longo do seu ministério, muitas vezes falando por parábolas. Ele não entrou em argumentações nem tentou forçar seu argumento; Jesus simplesmente voltou à sua confiança na soberania de Deus, como em João 6.44: “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia”.

Árvores más não podem dar bom fruto, nem fontes amargas podem produzir água doce e ninguém se salva sem receber o chamado gracioso e soberano de Deus. Entre os verdadeiros crentes assim como entre os desertores que zombam, Deus cumprirá seu propósito salvador.

FOME DIVINA

Os que fogem não sentem nenhuma fome da realidade divina. João 6.45 diz: “Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim”. Jesus está citando Isaías 54.13, como um representante dos profetas, embora Jeremias, Joel, Miquéias, Sofonias e Malaquias tenham apresentado o mesmo conceito em seus escritos.

Jesus afirmava a grande verdade da doutrina da eleição: quando o Pai escolhe, o Pai ensina; quando o Pai ensina, eles aprendem; quando aprendem, eles são atraídos; quando são atraídos, eles vêm; quando vêm, Jesus os recebe; quando os recebe, ele os guarda; quando os guarda, ele os ressuscita para a vida eterna. E, então, o propósito do Pai é cumprido.

Em João 6.46-51 lemos:

Não que alguém tenha visto o Pai, salvo aquele que vem de Deus; este o tem visto. Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim tem a vida eterna.

Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que todo que dele comer não pereça. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.

Esse foi um formidável ensino de Jesus sobre a salvação. Ele afirmou: “o Pai a quem vocês não viram os atrairá. Se vocês crerem terão a vida eterna. Eu sou o pão da vida; é em mim que vocês devem crer. E, se crerem, vocês nunca morrerão, mas viverão para sempre”.

Deus prometeu salvação a todos os que crerem na pessoa e na obra de Jesus Cristo. Mas a multidão não demonstrava nenhum interesse por essa realidade divina. Eles se achegavam e farejavam um pouco, olhavam um pouco, admiravam um pouco, analisavam um pouco, filosofavam um pouco, elogiavam um pouco, e talvez também recomendassem – um pouco. Porém, isso era tudo.

A chave está no versículo 51: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente”. Porém, a multidão não tinha interesse em comer nada que fosse espiritual. O que as Escrituras querem dizer quando usam a expressão comer é a apropriação pessoal, pela fé, da obra e da pessoa de Cristo: para ter a vida eterna, devemos crer em Jesus Cristo, crer que ele morreu como sacrifício pelo pecado e ressurgiu dos mortos como testemunho do seu poder e da perfeição do seu sacrifício.

Os ouvintes de Jesus não responderam com fé, mas sim discutindo, como vemos no versículo 52: “Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a comer a sua própria carne?”. Na realidade, eles diziam: “Isso é ridículo. Do que ele está falando, canibalismo? Ele não é tão grande assim que seja suficiente para todos”. Eles sabiam que Jesus falava sobre realidades espirituais, mas zombavam dele novamente. Realmente não tinham nenhum interesse pelas coisas divinas. Os desertores espirituais nunca têm.

O GRANDE GRITO DE UMA ALMA SEDENTA

Uma última característica desses desertores cristãos é que eles realmente não sentem um desejo ardente por perdão e libertação do julgamento.

Pense por um momento sobre o jovem rico em Mateus 19.16 que perguntou a Jesus: “Que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?” Ele não demonstrou grande anseio pela salvação do pecado, apenas queria estar certo de que não perderia a vida eterna. Mas ele se retirou sem a salvação e a libertação do pecado, pois não era isso o que realmente almejava. Ele não sentia profunda dor em seu coração nem reconhecia sua fome e sede espirituais.

Foi nisso que Jesus insistiu, começando em João 6.53: “Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos”.

Estaria Jesus se referindo à missa católica na qual, de alguma maneira o pão e o vinho são transubstanciados no próprio corpo e sangue de Cristo? Ou sobre a celebração luterana da comunhão na qual os elementos são de alguma maneira consubstanciados, misturados com o corpo e o sangue de Jesus Cristo, e que a pessoa come da própria carne e bebe do próprio sangue de Cristo?

De modo algum! O que Jesus dizia era simplesmente que comer a carne do Filho do homem significava que seus ouvintes deveriam apropriar-se, na mente e no coração, da realidade de que Deus se encarnara em Cristo Jesus. Era necessário que eles aceitassem em toda a profundidade a realidade da encarnação, e acolhessem o fato de sua morte sacrificial pelo pecado. Esse era o significado de beber seu sangue. Eles precisavam reconhecer que Jesus Cristo era Deus em carne humana, e deveriam apropriar-se pessoalmente da realidade de sua vida de retidão e sua morte substitutiva, aceitando sua vida perfeita e sem pecado e o derramamento de seu sangue como sacrifício pelo pecado.

Então, João 6.54 diz-nos: “Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”.

Esse é o grande apelo por uma alma faminta e sedenta, pois sua carne é verdadeiramente alimento, e seu sangue é verdadeiramente bebida. Continuando com os versículos 55-58:

Pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim, e eu, nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e igualmente eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá. Este é o pão que desceu

do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente.

Salvação significa abdicar de sua vida e aceitar a vida de Jesus. É acolher a Cristo pela fé reconhecendo a realidade de quem ele é e do que ele realizou. Esse é um convite para receber a Cristo, e apenas os famintos comem e somente os sedentos bebem. O traidor espiritual não sente fome de real salvação. Não se sente faminto quando em pecado nem ávido por retidão. Ele está cheio do mundo, e mais do que isso, cheio de si mesmo, satisfeito, alimentado com a comida que perece e é predominante no mundo. Quando alguém vai a Cristo, vai impulsionado por uma fome espiritual. Como disse Jesus no Sermão do Monte: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5.6).

A imagem de comer ilustra com nitidez a apropriação pessoal dessas realidades. Podemos olhar para Cristo e apreciar o que vemos, mas isso não tem nenhuma validade a não ser que nos apropriemos dele. Quando um pecador ama seu pecado, está empanturrado do mundo e feliz com as cascas que compartilha com os porcos, ele não irá procurar verdadeira salvação. Para ele, a noção do pão de Cristo é ridícula, repulsiva e nauseante, e ele desdenha dela em sua empáfia auto-satisfatória. Ele afasta Cristo.

Porém, quando a pessoa se sente quebrada pelo pecado, despertada para sua condição de derrota e falta de propósito, quando ela sente o vazio e o suplício da fome de sua alma por Deus, ela gritará para ser alimentada, receberá a Cristo e o confessará como Senhor e Salvador. E dirá: “Ele é a minha vida, ele é o meu pão!”. Tem de ser pessoal; não existe procuração. Cada um necessita fazê-lo por si mesmo. Cristo deu sua vida pelo mundo, mas apenas aqueles que vêm e comem recebem essa vida.

A ÚNICA FONTE

Chegamos ao clímax da história, começando em João 6.60: “Muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?”. A palavra “discípulos”, *mathetes*, refere-se a alunos ou

seguidores, não necessariamente a crentes verdadeiros. O que queriam dizer por “discurso duro” é que as palavras eram ofensivas. Reclamavam e diziam: “Ele está afirmando que não temos vida espiritual e que ele é a única fonte. Se quisermos ter vida espiritual temos de recebê-lo. Mas ele nos repele porque não nos dá alimento nem o poder para nos alimentarmos a nós mesmos. Só o que ele faz é relembrar-nos do que não temos e dizer que ele é tudo. Ele não diz o que desejamos que o Messias diga, e se recusa a fazer o que desejamos que ele faça! Não vamos admitir isso!”.

Versículo 61: “Mas Jesus, sabendo por si mesmo que eles murmuravam a respeito de suas palavras, interpelou-os: Isto vos scandaliza?” Consciente de que seus discípulos continuavam a escarnecer, ele perguntou: “Isto os faz tropeçar? Não crêem mais em mim como o Filho do homem?”

Versículos 62-64: “Que será, pois, se virdes o Filho do homem subir para o lugar onde primeiro estava?”. A pergunta era: “Se eu desaparecer agora mesmo e voltar para o céu, vocês crerão em mim?”. Jesus continuou: “O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida. Contudo, há descrentes entre vós. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair”.

A última coisa que desejavam era que Jesus voltasse para o céu. Como iriam conseguir alimento gratuito se ele partisse? Eles não precisavam de provas sobrenaturais; estavam presos ao interesse por seus próprios desejos egoístas, terrenos e materiais, e por isso mesmo não ouviam as palavras de Jesus nem criam nele. Jesus era onisciente. Ele já sabia quem eram os desertores e quem seria o traidor (A propósito, Judas não se retirou com esse grupo. Ele permaneceu até o fim, esperando que eventualmente pudesse lucrar com o Cristo).

João 6.65: “E prosseguiu: Por causa disto, é que vos tenho dito: ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido”. Essa é uma afirmação notável. Novamente Jesus confiou no plano soberano de Deus para curar a dor da rejeição. Ele sentia a dor, mas descansou confiantemente na soberania de Deus, que concederia vida a quem ele quisesse.

Finalmente, depois de tudo isso, chegamos ao versículo 66: “À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele”. Ele descansou na soberania de Deus, mas isso não aliviou a dor do seu coração,

como demonstra o versículo 67: “Então, perguntou Jesus aos doze: Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?”. Jesus podia chorar sobre a cidade de Jerusalém e podia sentir profundamente angustiado com uma rejeição tão profunda que o levaria a sentir uma irresistível solidão. Penso que o versículo 67 revela um Jesus inconsolável. Ele sofreu a dor real da rejeição por parte desses discípulos passageiros.

Quando Jesus perguntou: “Quereis também vós outros retirar-vos?”, existe uma agonia real nessa pergunta. Pedro respondeu nos versículos 68,69: “Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus”.

Tivemos de percorrer todo esse capítulo até o versículo 68 para encontrar um verdadeiro discípulo, exceto pela menção dos apóstolos que ajudaram a servir os pães e os peixes. Finalmente encontramos alguns discípulos verdadeiros que afirmam: “Não temos para onde ir. Tu tens as palavras de vida eterna e nós cremos e chegamos a reconhecer que tu és o Santo de Deus” – um título messiânico. Estes eram os que pensavam nas coisas celestiais. Eram aqueles que genuinamente desejavam um relacionamento pessoal com Jesus, que compreendiam sua vida, e que, com o coração partido por causa de seus pecados desejavam arrepender-se e experimentar a salvação. Abençoados sejam, pois confortaram o Senhor com seu amor e lealdade naquela hora.

UM BEIJO DE TRAIÇÃO

Mas o capítulo não termina com essa nota encorajadora; termina com a realidade desconfortável da deserção espiritual. João 6.70,71: “Replicou-lhes Jesus: Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo. Referia-se ele a Judas, filho de Simão Iscariotes; porque era quem estava para traí-lo, sendo um dos doze”. Ele foi o protótipo do desertor, aquele que permaneceu por mais tempo, viu e ouviu muito, mas nunca chegou a ponto de se comprometer com Cristo. Judas é a perfeita ilustração final do desertor a respeito de quem Jesus afirmou: “Melhor lhe fora não haver nascido” (Mt 26.24). A não-existência é melhor do que o inferno eterno.

Judas foi atraído pela multidão. Estava fascinado pelo sobrenatural. Estava sempre pensando em coisas terrenas. Não tinha nenhum desejo real de adorar a Cristo; apenas buscava o ganho pessoal. Ele exigia o que desejava, de algum modo ele se fez tesoureiro e roubava dos fundos que pertenciam ao grupo. Nunca teve um verdadeiro relacionamento com Cristo, ou uma compreensão da verdade divina, nenhum anseio por salvação. E Judas não é uma figura solitária. Toda igreja tem seus Judas e milhões deles deram a Jesus o beijo da traição.

Essa é uma constatação dolorosa. Espero e oro de todo coração para que não haja nenhum Judas lendo esta página e que, tendo desertado de Jesus, entre na noite mais escura e desolada do mais severo julgamento eterno.

Oro por aqueles que são superficiais, que são desertores espirituais, que serão traidores porque foram atraídos a Cristo pelas razões erradas. Ó Deus, possam eles perceber a necessidade de adorar o Cristo vivo por aquilo que ele é, e a necessidade de buscar as coisas eternas e não as temporais.

Quão mais seriamente serão julgados aqueles que conheceram a verdade e afastaram-se dela! Oro para que em tua graça, tu possas salvar, antes que seja tarde demais, qualquer pessoa que tenha sido iludida pela impressão de ser um verdadeiro crente sem nenhuma paixão pelo culto ao verdadeiro Deus e Salvador em quem dizem acreditar. Revela a verdade a todo o coração e traz salvação genuína àqueles que ainda não são genuínos, a fim de que não venha o dia em que, como as pessoas em João 6.66, eles não andem mais com o Mestre, e como Judas, tenham de ir para o lugar de julgamento eterno reservado para tais traidores.

POR QUE AINDA ESTAMOS AQUI

Creio que todo cristão verdadeiro concordaria que o evangelho é o coração do Cristianismo, que nós só o encontramos na Bíblia e que ele deve ser pregado até aos confins da terra. Eu cresci entendendo isso. Minha instrução teológica confirmou isso e os anos que passei estudando a Bíblia selaram essa afirmação. O coração da fé cristã é o evangelho tal como é encontrado no Novo Testamento, cujos fundamentos estão no Antigo Testamento. E se é para ele salvar pessoas precisamos pregá-lo pelo mundo afora.

Essa é essencialmente a missão cristã, que a igreja tem tradicionalmente afirmado. Jesus disse: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.19,20). Ele também disse isso de outro modo: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15).

Cristãos verdadeiros sempre creram que se as pessoas não ouvem o evangelho elas não podem ser salvas e, por conseqüência, passarão a eternidade no inferno sob o julgamento de Deus. Então, é absolutamente decisivo que o mundo não só ouça o evangelho de Jesus Cristo, mas que o compreenda com cuidado e o aceite em absoluto.

Compelidos por esse claro mandato bíblico, os cristãos, pelos séculos afora, têm levado a mensagem salvadora do evangelho até os confins da terra. Essa é a única razão pela qual ainda estamos aqui. Verdadeiros cristãos já estão salvos e selados para a eternidade. Não há razão alguma para sermos deixados na terra, exceto por essa responsabilidade de evangelizar.

A Bíblia diz-nos claramente que a salvação vem por meio da fé em Cristo, o que, por sua vez, vem pelo ouvir e entender o evangelho. Isso só poderá ocorrer se a pessoa levar a mensagem ao mundo. E essa pessoa só pode levar

a mensagem se outro alguém a enviar. Romanos 10 ensina-nos que crer em Cristo é o que nos salva. Mas não podemos crer em Cristo a não ser que ouçamos a respeito dele (vs. 9,14). Portanto, dizer aos outros sobre Cristo é nosso mandato e nossa missão desde que a igreja nasceu no Pentecostes, quando Jesus disse: “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8).

Desde o tempo em que Jesus estabeleceu sua igreja até hoje, o trabalho de levar a mensagem única de salvação aos confins da terra exigiu o gasto de incontáveis milhões de dólares, milhões de horas em esforços e energias de milhões de cristãos. Parte disso tem consistido no trabalho rigoroso, difícil e desafiador de aprender uma língua ainda sem escrita, desenvolver um alfabeto e um sistema de escrita, e então ensinar o povo a ler na sua própria língua, dar-lhes a Bíblia e levá-los a Cristo. Isso pode levar décadas, mas é parte do esforço incansável de se usar todos os meios disponíveis para atingir pessoas com a única mensagem que pode salvá-las do julgamento eterno: o evangelho de Jesus Cristo.

Com minha família, obtive uma renovada apreciação e respeito pela obra missionária numa viagem a Hong Kong. A igreja subterrânea na China havia pedido exemplares de alguns livros cristãos e Bíblias que haviam sido traduzidos para o chinês e me perguntaram se eu e minha família poderíamos ajudar a contrabandear esse material para o país.

Nós, minha esposa e nossos quatro filhos, nos juntamos em nosso quarto de hotel, enquanto eu lhes explicava o plano. “Meninos, recebemos a incumbência de contrabandear livros para a China. Vamos pegar o material aqui em Hong Kong, escondê-lo na nossa bagagem e passá-lo pela fronteira. Ao chegarmos no outro lado, deixaremos tudo num lugar secreto previamente combinado e alguém da igreja o apanhará quando tivermos partido.”

Os meninos começaram a saltar, imaginando-se embarcando numa aventura do tipo Indiana Jones. Aí eu disse: “Vejam, nós talvez passemos a fronteira sem sermos vistoriados. Vocês têm de ficar frios. Se eles vistoriarem nossa bagagem e acharem os livros, irão confiscá-los – e vamos orar para que eles façam somente isso”. Ainda aí, todos ergueram o polegar entusiasticamente em sinal de aprovação.

Os meninos encheram suas mochilas com livros, enfiando alguns também na camisa. Partimos de Hong Kong atravessando o mar da China num barco a jato hidrofólio e depois de algumas horas estávamos em Macau. Parei ali o tempo suficiente para levá-los até a tumba de Robert Morrison, o grande missionário chinês. Ali choramos e oramos sobre sua tumba para homenagear o fato de ele ter dado sua vida para levar o evangelho àquele povo.

Passamos pela polícia aduaneira e, pela providência divina, eles não visoriam ninguém. Nem bem tínhamos passado o último guarda, os quatro meninos partiram feito coelhos assustados, correndo o mais que podiam! Tomamos um táxi até um cemitério. No meio dele havia um pequeno edifício com uma janela quebrada. Como tínhamos sido instruídos, revezamo-nos para subir numa pedra e despejar os livros através da janela quebrada.

Para meus filhos, o fato de terem sentido realmente o gosto da vida de crentes sofridos noutra parte do mundo e terem podido dar uma pequena contribuição daquele modo, foi uma lição maravilhosa. É importante para todo cristão ser lembrado dessas incontáveis e abnegadas pessoas, muitas delas perdidas na História, que fizeram o imenso sacrifício em todo o mundo pela causa de Cristo.

NOVOS MEIOS, MENSAGEM ETERNA

A tecnologia de comunicações do século 21 deu-nos um poder maior do que nunca para levar a mensagem eterna do evangelho aos confins da terra. O ritmo de mudança é cada vez maior. Levou uma geração para ir do telégrafo ao telefone e outra geração para ir do telefone ao rádio; agora, os avanços na internet e nas comunicações via satélite parecem surgir quase diariamente.

Tenho tido experiências em primeira mão de como os meios modernos podem multiplicar a audiência de um pregador. Anteriormente vimos como, nos anos 1800, Henry Martyn viajou mais de 1.500 quilômetros em lombo de burro para levar a mensagem do evangelho até a Pérsia. Eu provavelmente

já falei a tantas pessoas nos meus primeiros meses de ministério quantas ele atingiu após todos aqueles meses cavalgando um burro através do deserto, não porque eu tivesse feito nenhum grande sacrifício pessoal, mas porque tinha tecnologia eletrônica.

Quando eu era estudante no seminário, meu pai pregava num programa de televisão chamado *The Voice of Calvary* [A voz do calvário]. Todo domingo à noite, após o culto, ele e eu entrávamos no carro e corríamos até o estúdio para a transmissão ao vivo no que é hoje a rede UPN. Minha primeira pregação real ocorreu quando substituí o meu pai de vez em quando ao vivo na TV. Eu não estava certo de estar preparado, mas o meu pai achava que eram ocasiões que eu não devia desperdiçar. Ninguém me ouvia no estúdio; os técnicos e os músicos ficavam esperando a sua vez de dar a sua contribuição, e outras pessoas envolvidas e preocupadas ficavam cuidando de suas obrigações. Enquanto eu estava de pé diante da câmera, eu tinha a sensação de que, por meio da penetração sem precedentes da televisão, eu podia apresentar o evangelho a pessoas que eu nem mesmo podia ver.

O impacto da comunicação moderna na comunicação do evangelho de Cristo realmente me atingiu na primeira vez em que fui às Filipinas. Embora nunca tivesse estado lá antes, meus sermões haviam sido transmitidos lá pelo rádio durante anos como parte do meu ministério radiofônico *Grace to You* [Graça para você]. Desse modo, eles me conheciam, mas eu não os conhecia.

Fui convidado para pregar em Manila, no Centro Filipino Intercultural de Conferências, o maior auditório do país. Tinha cinco mil lugares e eu me perguntava por que razão, afinal, eu estaria pregando ali, uma vez que eu não esperava que tantas pessoas me conhecessem. Nunca esquecerei que, quando entrei ali, vi os cinco mil lugares tomados, além de mais pessoas em pé ao redor do perímetro do auditório. E pensei: “Uau, como isso pode ser possível?”.

Isso demonstrou para mim, de modo único, o poder de se ensinar a Palavra de Deus pelo rádio. Quando o culto terminou, a multidão de pessoas me espremia, querendo autógrafo em livros que eles tinham encomendado pelo ministério do rádio. Eu estava aturdido. Para mim foi uma descoberta fenomenal imaginar como o rádio é pessoal e como ele ajuda a levar o evangelho.

A FÉ NEBULOSA É FALHA

Não deveria ser surpresa para ninguém que, a essa altura, o inimigo das almas humanas – o arquiinimigo de Deus, o próprio Satanás – já engrenou seus esforços para evitar a divulgação do evangelho. Uma de suas táticas mais refinadas é tornar a igreja confusa quanto ao que é o evangelho. Não faz bem algum se ter esta fantástica tecnologia contemporânea, ou recursos, potencial humano, paixão para levar a mensagem do evangelho aos confins da terra, se você não sabe o que é a mensagem do evangelho. Assim, certamente é uma estratégia sábia da parte do inimigo das almas humanas confundir a igreja quanto à mensagem.

Com muitos outros, tenho pregado, ensinado e escrito para tentar esclarecer para os cristãos o que é o evangelho. Eles não apenas estão certos sobre se Jesus é ou não o Senhor, ou se ele *precisa* ser o Senhor, ou não. Nestes dias não parece ser importante que as pessoas entendam a verdadeira doutrina bíblica da justificação somente pela fé, por meio da graça somente e em Cristo somente. Para algumas pessoas, não parece importar que haja arrependimento de pecado e que puguemos o arrependimento. Na verdade, algumas pessoas pensam que a idéia de arrependimento é uma intrusão na graça. Elas não conseguem entender a doutrina da substituição e da imputação, que é o verdadeiro entendimento de que Deus imputou (significando atribuiu, aplicou) nossos pecados a um substituto que morreu em nosso lugar e que não contribuímos com nada para nossa salvação, mas que apenas nos apropriamos da vida eterna pela fé nesse substituto.

Apesar da absoluta clareza do evangelho, mesmo os chamados evangélicos podem ter uma opinião nebulosa de sua fé por causa de toda essa confusão no ar. Ouvi um pastor de uma enorme igreja evangélica afirmar: “A importância da Reforma tem sido exagerada”. Não. O que a Reforma fez foi definir o evangelho e resgatá-lo de seus corruptores. Nós não apenas parecemos incertos quanto ao que é o evangelho às vezes, mas não estamos convencidos de que é importante recebê-lo corretamente. Esse é um trágico engano. Aqui estamos, com todo esse espantoso potencial para divulgar o evangelho até aos confins da terra sem estarmos certos do que o evangelho realmente é.

No processo de debater o assunto, a igreja tornou-se progressivamente mais superficial. Uma razão é porque as igrejas têm proliferado por toda parte onde os pastores têm sido líderes personalistas, homens sem fundamentos teológicos para definir biblicamente os assuntos com qualquer profundidade. Outra razão é a preocupação trágica e desorientada em não ofender ninguém, em produzir diversão e entretenimento na igreja, resultando num tipo de evangelho sintético, que não tem verdade suficiente para salvar a quem quer que seja.

Tudo isso já é suficientemente ruim, mas há nova onda no mundo evangélico que é pelo menos aterradora, se não mais: é a teoria de que não é necessário levar o evangelho até os confins da terra, porque as pessoas estão sendo salvas sem ele.

Essa visão tem vários nomes que podemos examinar se fizermos uma pausa de um minuto para uma breve aula de teologia. Um nome para essa opinião é *teologia natural*, que é a noção de que alguém possa ir para o céu sem o evangelho. Ela sustenta que a humanidade pode chegar naturalmente a conhecer Deus e a ter um relacionamento com ele pelo uso da razão e pelo desejo inato de obedecer à vontade de Deus. Essa é uma abordagem natural, por oposição a uma abordagem sobrenatural.

A *teologia sobrenatural* diz que Deus tem de descer à terra para salvar o homem. A teologia natural diz que o homem pode subir até Deus graças a um processo racional, e que as Escrituras são desnecessárias. Os defensores dessa posição dizem que a humanidade pode descobrir a existência básica, os atributos e a natureza de Deus por meio da razão humana, fora da revelação bíblica e chegar a um conhecimento salvador de Deus.

Se alguém acredita nisso, obviamente não pode ter um conceito reformado da depravação. Basta acreditar que o homem não tem apenas um poder racional inato, mas também uma bondade inata para buscar a retidão. Portanto, as pessoas que advogam a teologia natural têm um conceito falho da depravação do ser humano. Seu ponto de vista é de que o ser humano pode chegar ao céu sem a Bíblia; então, sobre o que é toda essa discussão sobre missões? A pessoa não precisa se arrepender e voltar para Deus, nem ter fé em Jesus Cristo, como Paulo, em Atos 20.21, disse que tinha de pregar. Essa posição sustenta que os perdidos não precisam ouvir o evangelho. Eles não precisam ter a Bíblia. Aparentemente, não precisamos de toda essa gente como Robert Morrison e Hen-

ry Martyn sacrificando sua vida em áreas remotas com populações isoladas, tentando traduzir a Bíblia para eles, porque eles podem ser salvos sem ela.

Mesmo um grupo histórico e influente como a Igreja Católica crê que as pessoas podem ser salvas sem o evangelho, como uma reportagem do *Los Angeles Times* mostrou. O jornal citou o Papa João Paulo II dizendo: “Todos os que vivem uma vida justa serão salvos, mesmo que não creiam em Jesus Cristo e na Igreja Católica Romana”. O papa continuou: “O evangelho nos ensina que aqueles que vivem de acordo com as bem-aventuranças, que são pobres de espírito, os que aceitam com amor os sofrimentos da vida, entrarão no Reino de Deus”.¹

Nesse caso, o papa adota um conceito inclusivo de salvação. Muitas pessoas rejeitam o ensino bíblico de que a salvação vem apenas em resposta à fé em Jesus Cristo. Elas insistem que os pagãos são salvos se levarem uma vida de pessoas boas – se forem pobres de espírito, puros de coração e praticarem o que é certo. Desde que sejam sinceros, em que eles acreditam realmente não influi.

Essa tem sido a estrutura do catolicismo romano há séculos. É por isso que o apologista católico Peter Kreeft, que escreveu o livro *Ecumenical Jihad* [A Jihad ecumênica], diz que existem budistas, hinduístas, confucionistas, muçulmanos, ateus e judeus ortodoxos no céu: sinceridade e bondade são o bilhete de entrada para o reino de Deus, e não a crença no Cristo do evangelho. Por meio da bondade inata, eles naturalmente constroem com a razão seu conhecimento de Deus, agradam a ele, obtendo sua salvação, quer algum dia de sua vida ponham os olhos na Bíblia, ou não.² O papa, em seu comentário, simplesmente afirmou o que muitos teólogos católicos há muito tempo acreditavam.

REDEFININDO MISERICÓRDIA E MISSÕES

A contraparte evangélica da teologia natural é conhecida como o conceito da “misericórdia mais ampla”. A teologia natural defende que o homem, mesmo em sua condição depravada, pode encontrar Deus por si mesmo – um

conceito impossível de ser fundamentado nas Escrituras. Autoproclamados evangélicos, em vez de colocarem-se como adeptos da teologia natural, aparecem com outro título, este conceito da misericórdia mais ampla, que os ajuda a permanecer ligados à teologia sobrenatural ao insistir que existe uma amplitude maior, uma visão inclusiva, em que o Senhor incluirá a todos. Ela diz que qualquer religião pode salvar pessoas.

Uma idéia freqüentemente citada diz assim:

Quando abordamos alguém de outra crença que não a nossa, será num espírito de expectativa de encontrar como Deus tem falado a essa pessoa e que nova compreensão da graça e do amor de Deus podemos descobrir nesse encontro. Nossa tarefa ao abordar um outro povo, uma outra cultura, uma outra religião, é tirar os nossos sapatos, pois o lugar onde estamos é santo. Do contrário, seríamos encontrados pisando nos sonhos das pessoas. Mais sério ainda, podemos esquecer que Deus estava ali antes de chegarmos.³

A realidade assustadora é que os evangélicos começam a ecoar essa linguagem e a dizer coisas semelhantes. Isso redefine todo o conceito de missões. Em vez de irmos a uma tribo e dizer àquelas pessoas que elas estão perdidas, condenadas e mergulhadas na escuridão, deveríamos dizer que elas estão em solo sagrado, porque Deus já estava lá na forma do paganismo delas.

Não posso imaginar outra crença mais desastrosa do que esta. “Estaria Deus realizando uma redenção diferente da que aconteceu na Palestina do século 1º?” Isso é o mesmo que dizer que a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo formam apenas uma cadeia de acontecimentos entre muitos, em vez do maior evento em toda a história da redenção. Isso deprecia Cristo, seu nascimento virginal, sua encarnação, sua vida sem pecado, sua morte vicária, a sua ressurreição corpórea, sua ascensão, sua intercessão, Segunda Vinda... tudo!

Trata-se de uma regurgitação de uma velha heresia grega com a qual o apóstolo João lidou, chamada “o logos universal”, segundo a qual o Espírito de Cristo flutua por aí, introjetando-se em todas as religiões. Essas doutrinas também atacam a Trindade, porque somente o Cristianismo bíblico afirma que Deus é uma Trindade. Os mórmons também negam isso.

Como podem as pessoas crer numa misericórdia ampla, quando a Bíblia diz que a salvação está em Cristo somente? Em João 14.6 Jesus diz: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”. Muito claro. Atos 4.12: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”. Jesus diz em João 8: Porque não credes em mim morrereis nos vossos pecados e para onde eu vou vós nunca podereis ir.

Quem quer que leia o Novo Testamento deve saber que crer em Jesus é o único modo de ser salvo. Existe somente “um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Tm 2.5). Como é que os proponentes dessas outras teologias lidam com isso? Alguns deles falam sobre Jesus sempre que estão na televisão. Mas dizer, primeiro, que Jesus é o único Salvador, e daí dizer que muçulmanos, budistas, animistas e sabe-se lá quem mais também estarão no corpo de Cristo e no reino dos céus – como é que isso funciona?

Alguns que sustentam essa crença concordam que a obra de Cristo é a única base de salvação, mas insistem que não é necessário saber disso para ser salvo. Em outras palavras, se você crê em Deus – como quer que seja que ela imagine ser Deus – e se você se esforça por fazer o que é certo, bom e “religioso”, Cristo irá salvar você, mesmo que você não saiba quem foi ele ou o que ele fez. Mesmo que você não saiba que Deus é uma Trindade ou que ele se revelou em Cristo, que viveu, morreu e ressuscitou, Cristo ainda vai ser seu Salvador e expiar seus pecados.

UMA VISITA À MADRE TERESA

Alguns anos atrás, eu e minha família tivemos a oportunidade de visitar Madre Teresa em Calcutá, eu lhe dei um exemplar de meu livro *The Gospel According to Jesus*. Essa mulher muito forte, muito graciosa, baixinha e muito altruísta disse que iria lê-lo, mas Madre Teresa era fiel à sua fé católica. Na folha de rosto de uma Bíblia que ela autografou para um jovem que também havia ido visitá-la, Madre Teresa escreveu: “Que você possa entrar no coração de Jesus por intermédio da Virgem Maria”. Assim, ela cria que a salvação vinha em virtude de Maria.

Quando entramos no lar que ela dirigia para doentes e agonizantes em Calcutá, fiquei surpreso ao ver quadros que mostravam os bizarros deuses hindus com vários braços pendurados nas paredes daquela instituição católica. Perguntei-me como ela podia colocar gravuras de deuses hindus que estavam associados a um templo sacrificial hindu da vizinhança. Naquele lugar, sacrifícios de sangue vis e chocantemente heréticos eram feitos com bois e outros animais. Imaginei que isso fosse o politicamente correto e que, se ela desejava sobreviver numa cidade como Calcutá, teria de condescender com as autoridades políticas. Mais tarde compreendi que isso fazia parte da orientação que era adotada pela moderna teologia católico-romana, dada pelo papa.

Um autor alega que bons hindus são salvos por Cristo e não pelo Hinduísmo. Por meio dos sacramentos do Hinduísmo, por meio da mensagem de moralidade e da vida correta, por meio do misticismo que lhes é legado pelo Hinduísmo, Cristo salva-os, de acordo com essa visão.

Todos estão dentro. Bons hindus, bons budistas, pessoas boas que se vê nos canal Discovery da televisão a cabo, correndo com um osso atravessado nos lábios: todos estão no reino, desde que sejam bons. É incompreensível como essa crença se infiltrou no meio evangélico. Eu poderia compreender se ela tivesse vindo de algum seminário liberal ou de uma denominação apóstata que rejeita abertamente a Bíblia. Porém, por conhecer as pessoas que aprovam esse ponto de vista, pessoas de dentro de igrejas que afirmam crer na Bíblia, isso me deixa profundamente desapontado.

Como pudemos sucumbir a isso? Como podem alguns pastores afirmar que a Reforma decerto não é importante e que talvez devêssemos redefinir totalmente o que entendemos por missões?

ARGUMENTO A FAVOR DO EXCLUSIVISMO

Temos aqui um grande problema. E a única maneira de tratarmos dessa questão de capital importância é simplesmente irmos às Escrituras. Não vou lhes dar minha opinião, porque minha opinião não tem nenhum valor. A Palavra de Deus é a única coisa que importa e que deve ser levada em conta para tudo.

Existe um argumento bíblico a favor do exclusivismo, a idéia de que, se não conhecemos o evangelho e não cremos em Jesus Cristo, não iremos para o céu?

A resposta é sim. Existe um *esmagador* argumento em favor do exclusivismo. Nós o apresentamos ao longo de todo este livro. Também temos argumentos bíblicos para o fato de que a teologia natural não levará ninguém a lugar nenhum. Já vimos em Mateus 7 que a misericórdia de Deus é extremamente restrita, e que aqueles que serão salvos devem entrar pela porta estreita.

Tudo começa com a história da queda do homem em Gênesis 3. Até esse ponto da Bíblia, Adão e Eva viviam num estado de perfeição, num paraíso terrestre conhecido como Jardim do Éden. Embora tivessem mente perfeita, Adão e Eva não podiam compreender por si mesmos a razão pela qual tinham sido criados. Eles podiam compreender que haviam sido criados e que algo mais poderoso do que eles os criara – um Ser imenso que amava a beleza, a ordem e o planejamento e lhes dera a vida. Mas não podiam compreender por que haviam sido criados a não ser que alguém lhes contasse.

Deus lhes disse: “Vocês podem comer de tudo”. De outro modo, eles não poderiam saber disso. E ele lhes disse: “Não comam aquilo. Se o fizerem morrerão”. E então lhe disse: “Esta é a sua esposa, tenham filhos”. E lhe disse: “Dê nome àqueles animais”. Essa é a razão por que andavam e conversavam com Deus no jardim, porque Deus lhes dava uma revelação especial sobre como deveriam se relacionar com ele e com o mundo.

Os adeptos da teologia natural deveriam ficar chocados ao descobrir que Adão não podia adivinhar a verdade pela sua razão perfeita. Com sua própria razão, seu próprio intelecto perfeito, ele não poderia vir a saber que podia comer isto e não aquilo, que devia dar nomes aos animais, que devia cuidar do jardim, assim por diante. Deus precisa dar-lhes todas essas informações. Ele não sabia de tudo isso por si mesmo. *Deus* era a origem e a fonte da verdade, da justiça, da moralidade, do sentido e da beleza. O homem não era a origem da verdade, mas o destinatário da verdade.

Essa é a realidade. Adão e Eva poderiam saber algo sobre Deus, mas não poderiam saber o que Deus queria deles, a não ser que ele mesmo lhes dissesse. Você pode estudar todas as religiões, todos os filósofos e teólogos do mundo e nenhum deles jamais será capaz de apresentar uma compreensão da criação e da depravação do homem. Você não pode chegar até isso por meio do raciocínio natural deformado.

Quando Satanás se apresentou no jardim perfeito, com o homem e a mulher perfeitos, ele lhes disse para não confiar nas instruções de Deus, mas apenas em sua própria razão. É exatamente isso o que ele ainda quer fazer no mundo hoje. Depois de breve conversa com Eva, o tentador lhe disse: “Vocês não vão morrer. Não podem acreditar em Deus – Deus está mentindo. Ele disse que vocês morrerão? Não creiam. Vocês não morrerão, vocês serão como Deus. O que ele não quer é competição!” Satanás tentou o homem a confiar em sua própria razão natural e a rejeitar a revelação sobrenatural vinda da boca de Deus.

Deus deu a eles uma revelação especial: “Não comam”. Satanás contratacou: “Não creiam no que Deus diz. Confiem na sua razão!”. Isso, em essência, é o que a teologia natural alega. É sempre a mesma velha mentira satânica: “Todos podem compreender se usarem a sua própria razão. Não se preocupem com a Bíblia. Não se preocupem com o evangelho. Vocês não precisam dele”.

Portanto, como pode um homem decaído, num mundo amaldiçoado encontrar a verdade de Deus com sua razão pervertida, quando um homem perfeito num mundo perfeito não podia encontrar a Deus com sua razão perfeita? Nem mesmo Adão podia saber o que Deus desejava dele se Deus não lhe dissesse, e ninguém mais pode saber o que Deus deseja se ele próprio não disser.

Satanás sempre quer depreciar a revelação especial. Que fantástica estratégia seria dizer: “Vamos convencer a igreja de que ela nem precisa pregar o evangelho”. Digam-me, de onde vem essa heresia – do céu? Aqui está uma indicação: quem lucraria mais se parássemos de pregar o evangelho?

A CLARA VERDADE DO CRIACIONISMO

Romanos 1.18-23 dá-nos uma lição clara de antropologia bíblica:

A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua

própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.

A Bíblia diz aqui que existe prova de que Deus existe (v. 19). O que se sabe sobre Deus é evidente pela razão. A razão olha para a criação (v. 20) e diz: “Tem de haver um criador”. A razão olha para a diversidade e diz: “Ele deve ter uma mente enorme”. Ela olha para a estrutura e diz: “Ele é um Deus de ordem”. Ela olha para a beleza e diz: “Ele é um Deus de beleza e harmonia”. Olha para a enorme variedade e diz: “Ele é um Deus de incrível poder e complexidade”.

Sim, tudo isso é verdadeiro. Tão verdadeiro, de fato, que o eterno poder de Deus e a divina natureza são visíveis pela razão olhando para a criação. Não é possível olhar para o resultado da criação e duvidar que haja um Criador. Seria um suicídio intelectual negar que há uma causa para o efeito que é o universo, que haja um supremo Criador. O versículo 20: “Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis” – torna isso tão claro que as pessoas não têm absolutamente nenhuma desculpa para serem evolucionistas. Nenhuma. É uma estupidez absoluta. Paulo usou a palavra *moria*, o termo grego traduzido como “tolo”, “tolice”. Qualquer pessoa racional, que pensa, que enxerga o que existe, assume que alguém fez tudo o que há. Não há dúvida de que o universo exige um Criador.

Paulo diz que Deus deu a razão ao homem, e esta razão contempla a criação e tira algumas conclusões a respeito do poder e da natureza do Criador. E, assim, o homem é indesculpável. O problema é que isso não o leva a Deus, porque, como adverte o versículo 18, os homens “detêm a verdade pela injustiça”. O ser humano é tão iníquo, vil e ímpio que sua depravação lhe nega

a possibilidade de percorrer todo o caminho até Deus usando seus próprios poderes naturais. Ao contrário, ele suprime a verdade. Desonra o Criador, embora o conhecimento de Deus como Criador seja óbvio ao seu redor.

O versículo 21 afirma que as pessoas não glorificam nem honram a Deus. O homem afasta-se de Deus, sufocando a verdade e substituindo-a por especulações vazias. É assim que pessoas supostamente inteligentes se apresentam com mentiras estúpidas como a evolução. Inventam idéias que não correspondem à realidade e seu coração insensato se torna obscuro.

Terminam com nada mais do que um entendimento deturpado em seu egoísmo, como afirma Romanos 1.22, o que representa grande parte da depravação. Professam ser sábios, conferem a si mesmos títulos importantes, vestem-se com togas reais ou religiosas e desfilam como se fossem grandes homens sábios e religiosos. São tolos. São idiotas.

Versículo 23: Eles “mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem do homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis”. Eles transformam outras coisas em deuses. O homem natural cultua a criatura. Sua razão diz-lhe que deve haver um Deus, mas por causa do seu amor perverso pelo pecado, ele suprime a verdade. Ele não consegue fazer outra coisa, pois não possui nenhum caminho que o leve a Deus. Essas pessoas estão mortas em seus delitos e pecados. E, nessa morte, a verdade e a justiça são reprimidas e em seu lugar são fabricados sistemas religiosos falsos e tolas filosofias.

De acordo com o versículo 18, o fim de toda filosofia e religião humanas é a “ira de Deus”. Essa é a verdade. Esses versículos demonstram a verdade de que o homem natural, com sua teologia natural, sem o auxílio da revelação especial, termina inescusável sob o julgamento de Deus. Ele pode esperar a ira de Deus, não a graça de Deus. Não é possível visitarmos uma tribo que esteja adorando um jacaré e dizer: “Ah! Estou pisando em terra santa. Deus estava aqui antes que chegássemos!”. Deus não estava lá. Deus não está lá. Essa não é a verdade. É a recusa de honrar ao Deus vivo e verdadeiro, uma tentativa de colocar alguma outra coisa em seu lugar – alguma filosofia vazia, uma religião tola ou um ídolo inerte. E o resultado final é julgamento e inferno.

Um homem que atinge o mais alto nível de orgulho religioso, aquele que escolhe seu próprio deus é um nescio, um tolo. Primeira aos Coríntios 1.18

nos apresenta uma imagem que reforça este pensamento: “A palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus”. Os tolos pensam que a verdade bíblica é tolice, aqueles que são salvos reconhecem seu poder.

No versículo 19 Paulo cita outro julgamento de Isaías 29.14: “Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos”. Ambas as expressões “destruirei” e “aniquilarei” falam de um tipo de julgamento final, uma execução. Deus diz: “Vamos, apresentem os mais sábios dos sábios, os mais inteligentes dos inteligentes, e eu os eliminarei”.

É confortador saber que temos um protetor poderoso contra todos os intrusos. A idéia faz-me lembrar de Roger, um amigo da escola. A turma da pesada e os rapazes que já faziam a barba e iam de carro para a escola embora ainda estivessem na oitava série – implicavam muito com Roger e comigo. Eles vinham por trás de nós e puxavam os livros que carregávamos ou apertavam nossa cabeça contra a porta dos armários.

Certo dia, depois que nos bateram por causa de alguma coisa, Roger disse: “Chega, vou contar ao meu irmão”. O irmão dele era um jogador de futebol americano do Long Beach State e um levantador de peso. Certa vez, ele jogou um caminhão de pão contra uma parede de pedra e saiu andando calmamente.

Na manhã seguinte, Roger e eu fomos até a área junto ao ginásio de esportes onde aqueles rapazes se reuniam antes das aulas. Roger disse-lhes qualquer coisa e quando eles começaram a rir seu irmão surgiu no canto do ginásio e perguntou: “Qual destes rapazes o aborrece mais?”.

Roger apontou para um deles e disse: “Aquele ali”. O rapaz parou de rir e congelou no lugar. O irmão de Roger calmamente o segurou pela garganta e o atirou por cima de uma cerca viva, e então disse: “Não quero que ninguém toque no Roger novamente”. E ninguém tentou. Daquele dia em diante, Roger mandava na escola. Aquela demonstração de um poder indomável mudou tudo. E, desde então, para mim, isso tem sido uma ilustração inesquecível da verdadeira e absoluta proteção que o Senhor provê para os seus contra o inimigo, em qualquer ocasião e qualquer que seja a forma assumida por ele. *Eu não sou* mais poderoso que o inimigo da minha alma, mas tenho um Irmão espiritual mais velho, e o inimigo treme diante do poder dele.

Tome o mais sábio dos sábios, toda a sabedoria do mundo, tome a elite dos líderes religiosos que estão no mais alto escalão de suas religiões – desde o papa ou o líder do Hinduísmo ou do mundo muçulmano até os apóstolos da igreja dos mórmons, todos os que alcançaram a epítome dos esquemas religiosos arquitetados pelo homem – os sábios, os grandes escritores e teólogos, aqueles que podem discutir seus pontos de vista num programa radiofônico e sair vitoriosos: Deus vai desmascarar a todos como sendo tolos no que diz respeito à verdade espiritual.

Ele vai eliminá-los. A razão está em 1 Coríntios 1.21: o mundo, com sua sabedoria, não chegou ao conhecimento de Deus. Não podemos chegar lá. O mundo no que tem de melhor, no mais alto grau de conquista religiosa e intelectual não pode vir a conhecer a Deus. Isso não é minha opinião. É o que a Bíblia diz.

O final do versículo 21 diz: “aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação”. A passagem remete à “mensagem da cruz” no versículo 18. A única maneira de sermos salvos é crendo na mensagem da cruz. Foi o plano de Deus que o mundo, por meio de sua sabedoria, nunca seria capaz de conhecê-lo. Mas aprouve a Deus, por meio da loucura da cruz, salvar aqueles que crêem. Não podemos crer em qualquer coisa que desejarmos; temos de crer nisso. E o evangelho da cruz não é produto da razão humana; é a revelação das Escrituras.

Satanás ama vir ao jardim ainda hoje, puxar as pessoas de lado e dizer: “Na realidade, vocês não acham que precisam crer naquilo que a revelação especial de Deus diz. Confie na sua própria razão!”. É isso que os teólogos da misericórdia ampla fazem. Seguem Satanás. Apenas a mensagem da cruz pode salvar. Qualquer outra coisa é tolice insuficiente.

Se você rejeita Jesus Cristo, não poderá chegar a Deus. E não conseguirá nunca chegar a ele até que obedientemente ouça e creia na mensagem. Essa é a razão pela qual durante 2 mil anos as pessoas têm ido aos confins da terra com o evangelho de Cristo: isso é o que sabemos do ensino das Escrituras. O homem natural, deixado por si mesmo, termina sob a ira de Deus.

Seja fiel em compartilhar o evangelho com todos aqueles que cruzam seu caminho, com a certeza no conhecimento de que não há outro caminho para o céu a não ser por meio de Jesus Cristo e sua cruz.

MAS ALGUNS CRERÃO



Cristianismo seria um produto muito mais vendável se tivesse boa dose do inclusivismo do século 21. Num certo nível, a mensagem da Bíblia soa muito atraente e confortadora: Deus é amor! Jesus perdoa seus pecados! Isso é maravilhoso. Entretanto, o mesmo evangelho que faz essas afirmações, também nos diz que devemos adorar a Jesus como Senhor, que não podemos comprar nossa passagem para o céu e que o único caminho para a vida eterna é Jesus Cristo.

Já vimos que uma solução freqüente para tornar a mensagem mais popular e agradável é distorcer e desvirtuar o evangelho enfatizando os aspectos mais fáceis e depreciando ou ignorando aqueles mais difíceis e exigentes. Também vimos que muitos líderes religiosos ao redor do mundo, inclusive alguns que se consideram evangélicos, dão um passo adiante ao questionar se as pessoas realmente necessitam do evangelho para serem salvas. Será que, numa emergência, um deus hindu com muitos braços ou um crocodilo não serviria? E o que dizer das pessoas que nunca tiveram a oportunidade de ouvir o evangelho? Mandá-las para o inferno não parece nada justo.

Há duas respostas para essas perguntas. Primeiro: é melhor que você e eu levemos o evangelho às pessoas, pois é isso o que Deus nos mandou fazer. Segundo: se Deus, em seu propósito soberano e eterno de eleição, determinou levar as pessoas à salvação, então ele mesmo fará com que essas pessoas recebam o evangelho. Jesus afirmou no Sermão do Monte: “Buscai e achareis” (Mt 7.7). E nós somos os instrumentos que proclamam o evangelho.

A questão sobre se o evangelho é ou não necessário para a salvação faz parte do âmago do Cristianismo. Em última análise, a pergunta é simples e direta: ou conseguimos compreender, por nós mesmos, o Espírito e as intenções de Deus a nosso respeito, ou não conseguimos. Se não conseguimos, temos

de procurar no único lugar existente em toda a criação onde a essência mais profunda de Deus é revelada: a Bíblia.

O ESPÍRITO ABAIXO DA SUPERFÍCIE

A última parte de 1Coríntios 2.10 diz: “porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus”. Embora sendo Deus profundo e inacessível, ainda podemos saber algo sobre ele. Deus é poderoso, é complexo, é um Deus de ordem, beleza e vida. É verdade que podemos perceber muito por meio da criação. Mas se desejamos penetrar abaixo da superfície, no lado espiritual de Deus – a lei, a salvação, a retidão e a redenção de Deus –, devemos compreender que o Espírito de Deus conhece aquilo que é profundo, porque o Espírito é Deus.

Em nossa sabedoria humana, não temos acesso às coisas profundas; temos acesso apenas ao que podemos ver na superfície. Não conhecemos os aspectos espirituais a respeito de Deus: sua natureza, essência, vontade e salvação.

Paulo nos deu uma analogia em 1Coríntios 2.11: “Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está?” Podemos estar próximos uns dos outros na mesma família, ou envolvidos num empreendimento comum, mas ainda assim não podemos conhecer os pensamentos uns dos outros. Tudo o que sabemos é aquilo que é aparente aos nossos sentidos. O único que conhece perfeitamente os pensamentos é o espírito da pessoa que pensa. O mesmo é verdadeiro com respeito a Deus. Podemos compreender algumas coisas a seu respeito ao observar o que ele fez, mas nenhum de nós pode conhecer a profundidade de Deus, assim como não podemos saber quais são os pensamentos profundos uns dos outros apenas nos observando. Só nosso espírito sabe o que está dentro de nós, e só o Espírito de Deus conhece as coisas profundas de Deus.

Nunca saberemos as profundas e salvadoras verdades espirituais de Deus a não ser que alguém as revele para nós. Como diz 1 Coríntios 2.11: “Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus”. Paulo acrescenta no versículo 12: “Ora, nós não temos recebido o espírito do

mundo e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente”. Essas coisas são o perdão dos pecados, a salvação e a esperança da vida eterna, bem como todas as bênçãos da justificação, santificação e glorificação. Não podemos conhecê-las mediante a razão humana. Não podemos encontrá-las num tubo de ensaio. Não podemos compreendê-las pelo nosso próprio raciocínio. Só podemos conhecê-las por meio da revelação do Espírito Santo.

Você não pode chegar ao céu a não ser que saiba como e não podesaber como exceto pela leitura da Bíblia. Esse é único lugar onde homens escreveram palavras que foram inspiradas pelo Espírito Santo. Todas as Escrituras nos foram dadas pela inspiração de Deus. Pedro descreve o processo: “homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21).

Isso representa um choque radical para aqueles que advogam a teologia natural. Imagine o que farão quando descobrirem a passagem de 1Coríntios 2.14: “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. O homem natural, que carece do auxílio da revelação sobrenatural das Escrituras, não pode conhecer as coisas que apenas o Espírito de Deus conhece. Para esse homem natural, elas são totalmente sem sentido. Ele não as pode compreender porque elas são espiritualmente, e não racionalmente, apreendidas. Ele não pode examiná-las por meio de um estudo empírico; não pode apreendê-las por nenhum tipo de intuição humana.

Para onde a teologia natural leva você? Para lugar nenhum a não ser o inferno. É uma estrada fatal e sem saída, na qual entramos através da porta larga, que parece tão confortável, conveniente, que atende às necessidades e é agradável aos que buscam. Você não pode entender as coisas de Deus por si mesmo assim como Adão e Eva também não podiam, pois você só pode-aquilar a essência do Senhor e Criador do universo mediante o poder e a revelação do Espírito Santo. Sem o Espírito não há conhecimento. Mas para aqueles de nós a quem o Espírito tem ensinado por meio das Escrituras, esses têm o que 1Coríntios 2.16 chama de “mente de Cristo”.

Podemos saber o que Cristo pensa porque as Escrituras nos revelam. O homem natural, que não tem a mente de Cristo revelada pelo Espírito, acaba sem nenhuma compreensão. Acaba sendo um tolo. E termina em julgamento.

Em João 14.26 Jesus diz aos discípulos: “mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”. Ele os assegurou de que Deus os instruiria sobre como registrar as coisas profundas que não são discerníveis pelos sentidos humanos, as questões profundas sobre a salvação que constituem a mente de Cristo.

O DEUS DESCONHECIDO REVELADO

Tive o privilégio de pregar algumas vezes no Areópago, junto à Colina de Marte aos pés do Partenon, no centro de Atenas, onde os proponentes das falsas religiões do Império Grego adoravam seus deuses. A Colina de Marte era o lugar onde os filósofos se reuniam nos tempos antigos e as pessoas se ajuntavam ao seu redor para ouvi-los. É um lugar magnífico, não apenas em razão de sua história, mas por causa de sua bela localização sobre a Acrópole.

Todas as vezes que ando por aquele lugar, imagino Paulo andando sobre as mesmas pedras sob a sombra do magnífico templo pagão de Atenas com os outros templos pagãos que o circundam, e figuradamente removendo-os todos com a glória e a verdade do único verdadeiro Deus. Preguei seu sermão registrado em Atos 17 exatamente no mesmo local onde ele o pregou. Olhando ao redor para as colunas quebradas e as paredes caídas, posso imaginar uma antiga praça do mercado cheia de gente e uma multidão de intelectuais reunida para ouvir o que aquele forasteiro tinha a dizer. Aquele mundo pagão, hoje em dia, não é mais do que ruínas, mas a mensagem da salvação é intemporal e eterna.

Atos 17 descreve a visita de Paulo ao Areópago. Os epicureus, estóicos e outros filósofos o convidaram para falar a eles: “Posto que nos trazes aos ouvidos coisas estranhas, queremos saber o que vem a ser isso” (v. 20).

Não há dúvida de que o ensino de Cristo era estranho para aquele público. Os epicureus criam que a finalidade principal do homem era evitar a dor. Eles não negavam a existência de Deus, mas criam que ele não tinha nenhum envolvimento com os afazeres terrenos do ser humano; quando uma pessoa

morria, seu corpo e sua alma desintegravam-se. Os estoicos ensinavam que o fim principal do homem era disciplinar-se a ponto de tornar-se indiferente ao prazer ou à dor.

Aceito o convite, Paulo levantou-se no meio do Areópago e dirigiu-se ao grupo reunido, como está registrado no versículo 22: “Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos”. Para alguns tipos de público e congregações de nossos dias, isso representa o evangelho em poucas palavras: ser muito “religioso” em todos os aspectos e assumir que Deus considerará isso como um compromisso suficiente, mesmo que não compreendam nada além disso. Mas Paulo continuou: “porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO”.

Que interessante! Os atenienses tinham ali muitos altares dedicados ao panteão de deuses que adoravam, mas pressentiam que poderia haver algum que tivesse sido deixado de fora e não queriam ofendê-lo. Desejando estar em segurança e eliminar qualquer ofensa desnecessária, eles ergueram um altar ao deus desconhecido. Observando isso, em essência, Paulo disse-lhes o seguinte: “Esta é uma atitude muito religiosa. Vocês não conhecem a Deus, não receberam a sua revelação, não possuem o Antigo Testamento, não conhecem nada a respeito de Deus que é o criador e o sustentador do universo, o Deus que é o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de Israel, o vivo e verdadeiro Deus Pai do Senhor Jesus Cristo. Vocês refletem o problema de não possuírem uma revelação sobrenatural”.

No versículo 23 ele explica: “Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio”. Lá estavam eles, tendo alcançado a epítome de sua filosofia e religião eram tão ignorantes quanto poderiam ser. Portanto, Paulo disse-lhes: “Permitam-me lhes dizer, povo ignorante, quem é realmente este seu deus desconhecido”.

Paulo compreendeu que eles não conheciam a Deus e queria que eles o compreendessem também. E continuou: “Eu o apresentarei a vocês. Ele é o Deus que fez o mundo e todas as coisas que nele há. Sendo ele o Senhor e Soberano do céu e da terra, não habita templos feitos por mãos e nem tampouco é servido por mãos humanas. Você não pode colocar uma grinalda ao redor de seu pescoço. Não se pode levar oferendas a ele. Ele não é esse tipo de deus. O Deus

de que lhes falo não precisa de nada. Você não precisa alimentá-lo. Não precisa levar-lhe flores. Ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e todas as coisas”.

Continuando, em Atos 17.26: “de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação”. Em outras palavras: “Este é realmente Deus – o Deus dos deuses! Este é o criador de tudo na terra e no céu. Este é o Espírito eterno o qual não podemos confinar em nenhum tipo de templo. Ele é o Deus que determina quais nações existem, quando e onde elas existem e quando desaparecem da cena; ele é o Autor e o Dirigente da História”.

Então, nos versículos 27,28, Paulo acrescenta: “para buscarem a Deus se, porventura, Tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos”. Compreende o quanto Deus está próximo de um pagão? Está tão próximo que está junto dele. Nenhum pagão poderia sequer respirar novamente se Deus não estivesse lá. Entretanto, as pessoas na Colina de Marte não o conheciam; em sua ignorância, ainda estavam procurando por Deus, embora ele estivesse dentro deles. Um de seus poetas havia inclusive reconhecido que, como lemos no versículo 28: “dele também somos geração”.

Antes que a teoria da evolução se tornasse popular, ninguém tinha a noção errada de que nada vezes nada é igual a tudo. Antes disso, ninguém proporia algo tão ridículo quanto a idéia de que tudo veio do nada. Toda pessoa racional compreendia que todo o efeito tem uma causa; portanto, teria de haver um criador – um criador pessoal e moral, porque somos pessoas que compreendem a lei moral.

Em Atos 17.29 lemos: “Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem”. Mesmo a razão pagã daquelas pessoas lhes dizia que deveria haver um criador. Eles procuravam a verdade; Deus estava perto, mas em vez de chegar ao conhecimento do verdadeiro Deus, eles faziam um ídolo. Isso reforça o pensamento que encontramos em Romanos 1: eles o fazem porque, por meio de sua teologia natural, não podem compreender Deus, nem as coisas do Espírito de Deus. Os filósofos de Atenas não haviam feito nenhum favor a Deus; eles apenas o havia transformado numa pedra e o haviam denominado como o Deus Desconhecido. Aquilo não era Deus.

Os versículos 30 e 31 dizem: “Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou”. Paulo não falava a respeito de arrependimento de categorias de pecados os quais normalmente associamos com arrependimento; ele afirmava que seria melhor que eles realmente virassem as costas para – “arrepender-se” significa dar uma volta de 180 graus e caminhar na direção oposta – a religião falsa e se dirigissem para a direção certa. Deus havia determinado um dia em que ele haveria de julgar o mundo com justiça e usaria como Juiz aquele a quem ele já identificara como Jesus em João 5. Ele havia provado a todos que Cristo era o Juiz ao ressuscitá-lo dos mortos.

Alguns dos ouvintes de Paulo começaram a descartá-lo, mas outros disseram: “A respeito disso te ouviremos noutra ocasião” (At 17.32). Eles queriam mais. E pela graça de Deus “alguns homens que se agregaram a ele e creram; entre ele estava Dionísio, o areopagita, uma mulher chamada Dâmaris e, com eles, outros mais” (v. 34).

Eis o exemplo, das Escrituras, de um verdadeiro cristão que foi ao encontro dos pagãos e lhes disse: “Vocês são religiosos e sabem que existe um Deus, *mas*, vocês não possuem a Bíblia [a revelação espiritual], portanto, vocês não têm o evangelho nem a esperança da vida eterna”. Paulo não disse: “Não se preocupem com isso, não é nada sério”. Ao contrário, ele lhes disse: “É melhor arrependerem-se – é melhor dar meia-volta, tomar a direção oposta e compreender que o único meio de conhecer a Deus, a salvação e o perdão é pela compreensão de que Deus designou um Juiz que julgará todos os pecadores. E o Juiz não é outro senão Cristo Jesus que morreu na cruz como sacrifício pelo pecado e a quem Deus ressuscitou dos mortos para confirmar que seu sacrifício era completo e suficiente”. Romanos 10.9 afirma: “Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo”.

O homem natural é ignorante. Mesmo os mais respeitáveis filósofos – o mais sábio dos sábios, o monopólio intelectual de Atenas, os mais religiosos, racionais, os mais eruditos – acabam como idólatras, tateando para encontrar a Deus. Necessitam arrepender-se ou enfrentar o julgamento eterno daquele que lhes ofereceu salvação por meio da sua morte e ressurreição.

IGNORÂNCIA NÃO É DESCULPA

Deus não deixará no limbo ou em alguma outra posição neutra aqueles que nunca tiveram a possibilidade de conhecer a Bíblia. Não há passagens grátis. Leia 1Coríntios 10.20 para destruir essa heresia; Paulo afirma que um ídolo em si mesmo não é coisa alguma: “Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios”. Nada de tudo aquilo que o mundo gentio sacrifica aos seus supostos ídolos de pedra, prata ou ouro está comprometido com o verdadeiro Deus; está comprometido com as forças do inferno. Estão ligados a Satanás e aos demônios.

Alguém pode dizer: “Ah, aqueles pobres pagãos bem-intencionados! Estão tentando chegar a Deus da melhor maneira possível para eles”. Não, eles estão aplainando o seu caminho para o inferno. Estão conectados a forças demoníacas personificando ídolos que não existem. Não há outros deuses a não ser o verdadeiro Deus. As pessoas crêem que haja porque os demônios representam o papel dos deuses que eles adoram e fazem um número suficiente de truques e mágicas com o intuito de mantê-los ligados às suas falsas divindades.

Não é o caso de se dizer: “Que pena, eles são ignorantes”. Eles não estão no limbo, estão a caminho do inferno. A ignorância não é desculpa. A razão natural que procura por Deus acaba por ser ignorante, idólatra e demoníaca. Os demônios estão por trás de todas as religiões falsas. Eles estão por trás de tudo o que é elevado e altivo e que se levanta contra o conhecimento de Deus. Qualquer noção não-bíblica e contrária a Deus é demoníaca.

Há uma ilustração dramática sobre esse ensino em 2 João 9-11: “Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem a Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más”. Se você se desvia daquilo que a Bíblia diz a respeito de Cristo – seu nascimento, sua natureza, sua vida, sua morte substitutiva e sua ressurreição –, não tem Deus. Se você não conhece a Jesus ou está apenas enganado sobre ele, não pode conhecer a Deus. Está tão-somente comprometendo-se com os demônios.

Muitos perguntam-me: “Existe muita religião satânica na nossa sociedade?”. Sim. Tudo, a não ser o verdadeiro Cristianismo, é satânico em certo grau ou de um modo ou outro. Isso não significa que todos adoram a Satanás diretamente, embora alguns o façam. Porém, qualquer pessoa que não adore o Deus vivo e verdadeiro por meio de Jesus Cristo, de fato, adora a Satanás.

Não creio que você deseja fazer isso, porque Deus é muito zeloso. Em Deuteronômio 32.21 Deus diz: “A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus; com seus ídolos me provocaram à ira”. Você não deseja provocar o Senhor à ira porque não é tão forte quanto ele. Você perderá.

Assim, o melhor que o homem pode fazer pelo uso da sua própria razão sempre se apresenta como tolice, ignorância e idolatria e envolve as forças do inferno. Romanos 3.10 é a acusação universal da humanidade: “Não há justo, nem um sequer”. As religiões humanas são um “bem ruim”. Elas podem ser boas num nível humano por enfatizar a bondade ou promover a caridade. Mas são um bem que é, de fato, um mal, porque sua motivação não é glorificar a Deus, e qualquer coisa menos do que isso está errada. As pessoas não fazem o bem no sentido de uma bondade de retidão que agrade a Deus. Na realidade são interiormente miseráveis e mesquinhas; a garganta de cada uma delas é como um túmulo aberto. Elas abrem a boca e exalam o mau cheiro da morte.

Paulo afirma que a lei “diz para que se cale toda a boca” (veja Rm 3.19). Não abra sua boca para tentar defender-se. Não diga: “Mas... Deus... eu tentei. Sou uma boa pessoa, e o Senhor sabe que com certeza eu sou melhor do que muitas outras pessoas”. Tudo o que essa revelação natural faz por você é torná-lo responsável diante de Deus, e indesculpável. Ela cala sua boca e você não tem nada a dizer porque no versículo 20, seus feitos, suas obras da lei – significando suas boas obras, suas obras religiosas – nunca serão justificadas aos olhos de Deus. Não se pode ser suficientemente bom para chegar lá por si mesmo.

Se você pode ser salvo sem o evangelho, então a salvação é pelas obras. Ninguém será justificado diante de Deus desse modo. Há apenas uma maneira de sermos justificados e Paulo a descreve em Romanos 3.22: “justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos [e sobre todos] os que creêm”. Você precisa vir a Cristo; precisa crer em Cristo. O único caminho para a salvação é apresentado nos versículos 23,24: “pois todos pecaram e carecem da glória de

Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus”. A única maneira de ser salvo é pela fé em Jesus Cristo.

RECOMPENSA E RETRIBUIÇÃO

2 Tessalonicenses 1 dá-nos uma breve, mas muito importante lição sobre recompensa e retribuição, começando no versículo 7: “quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder”. Essa é a Segunda Vinda, o dia que Paulo menciona em Atos 17.31, para o qual Deus designou Jesus para ser o Juiz. Naquele dia Deus revelará o Senhor Jesus do céu com seus anjos poderosos, em chama de fogo e furioso julgamento final.

Observe um ponto essencial no versículo seguinte: “tomando vingança”. Vingança ou retribuição significam julgamento, pagamento, punição. Contra quem? “Contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus” (2Ts 2.8). No original grego, essa passagem é apresentada como uma explicação sobre aqueles que não conhecem a Deus. A conjunção “e” seria mais bem traduzida por “mesmo”, pois é uma descrição adicional das mesmas pessoas. A passagem soaria assim: “Este semelhante julgamento final cai sobre aqueles que não conhecem a Deus, pelo fato de que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus, e estes pagarão a penalidade da destruição final, longe da presença do Senhor, e da glória do seu poder”.

Se você não crê no evangelho, não conhece a Deus. Se não conhecemos a Deus será julgado sem consideração pela sua moralidade humana.

Concepções de inclusivismo, teologia natural ou graça mais ampla são heréticas. Um escritor chamou essa perspectiva de “luz posterior”, sugerindo que se trata de nova revelação que diz que quando você morrer e for para o céu, o que você ainda não sabe será completado e acertado lá. Essa alegação é assustadora em suas implicações; é uma heresia condenatória e mortal, pois Deus nos ordena que alcancemos as pessoas com o evangelho verdadeiro e completo. Em qualquer ocasião Deus pode usar-nos como porta-voz e como um meio para que outros possam ouvir e ser salvos.

O próprio Deus é a única fonte de conhecimento no que diz respeito ao seu próprio ser e ao nosso relacionamento com ele. Deus, como a única fonte, precisa desvendá-la para nós, e ele já o fez pelo Espírito Santo. O Espírito conhece as coisas profundas de Deus, e revelou-as aos escritores que as registraram nas Escrituras. Assim, na palavra inspirada da Bíblia, e apenas ali, temos a mente de Deus e a mente de Cristo.

A teologia natural reduz-nos a adoradores ignorantes de ídolos, comprometidos com demônios e a caminho do julgamento divino. A revelação natural é suficiente para condenar, mas não para salvar. Ela deixa o homem sem desculpa, mas não sem condenação. A ordem e o dever que recebemos como cristãos responsáveis ainda é válida: ir por todo o mundo. Marcos 16.15,16 apresenta o mandamento de modo absolutamente claro: “Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado”.

POR QUE NOS IMPORTAR COM A VERDADE?

Mesmo antes de você se dedicar à proclamação da verdade total do Cristianismo, enfrenta o questionamento sobre se o testemunho e o evangelismo de qualquer tipo valem todo o esforço e as dificuldades. Se o evangelho é tão difícil de aceitar e se de qualquer modo Deus escolhe os seus, por que você deveria se expor?

A algumas pessoas, Deus concede que seu Espírito trabalhe nelas desde a infância, de modo que elas nunca duvidam da necessidade e da urgência da salvação. Outros chegam à compreensão do que é a verdade de modo mais gradual, durante um período. Outros ainda podem apontar para acontecimentos dramáticos em sua vida durante os quais o poder e a importância do evangelho saltaram à vista subitamente e tomaram conta de seu coração. E assim é que muitos de vocês que têm sido cristãos por algum tempo, pela primeira vez foram dramaticamente acordados por este livro para a glória do verdadeiro evangelho.

Num capítulo anterior escrevi sobre como um encontro com uma bonita jovem, líder de torcida chamada Polly, foi um acontecimento especialmente

importante para minha vida espiritual. Outro acontecimento ocorreu no verão após o meu primeiro ano na universidade. Fui atirado de um carro que corria a 120 quilômetros por hora – isso foi antes dos cintos de segurança – e deslizei de costas por cerca de cem metros numa estrada do Alabama. Eu estava perfeitamente consciente (e até mesmo permaneci na minha faixa da estrada!) e tentei frear usando as minhas mãos. As cicatrizes resultantes em minhas mãos ainda são visíveis.

Ninguém mais foi ferido e alguém que passava por ali me levou para o hospital mais próximo. Depois que os médicos no local fizeram o que podia ser feito, eles me prepararam e colocaram num avião de volta para casa na Califórnia. Passei três meses deitado sobre meu estômago, imaginando se algum dia poderia voltar a jogar futebol. Pensei muito sobre a vida e a morte e sobre o motivo pelo qual, afinal, estamos na terra. Tive de enfrentar a realidade de que a vida é frágil e de que precisava estar certo do que estava fazendo e do que o Senhor desejava de mim. Tudo poderia terminar num piscar de olhos, sem absolutamente nenhum aviso.

Até aquela ocasião eu estava mais interessado em descobrir a minha própria direção na vida e trabalhar na minha carreira do que em ouvir o que Deus desejava de mim. Mas então a vida apresentou-se com cores mais sérias. Compreendi que não estava no controle do meu futuro. Havia sobrevivido a um acidente que poderia me ter matado; de repente, minha atenção voltou-se toda para Deus. Lembro-me de ter dito: “Senhor, farei tudo o que quiseres que eu faça, e compreendo que a vida é muito maior que minha pequena programação pessoal”.

Como muitos estudantes universitários saudáveis, eu havia sentido uma espécie de invencibilidade e a certeza de que iria esculpir meu próprio pequeno mundo. Depois do acidente, comecei a enfrentar a realidade da eternidade e do que era verdadeiramente importante. Lembro-me de ficar deitado na cama, lendo o Novo Testamento, e pensando seriamente nas coisas de Deus. Finalmente sarei e o Senhor permitiu-me continuar e gozar de extensa carreira atlética que foi graça sobre graça.

O encontro com Polly pouco tempo depois selou meu compromisso. Conhecer a Cristo, conhecer seu evangelho e torná-lo conhecido tornou-se minha vida.

Deus chama todos os cristãos para proclamar a mensagem de Cristo. A maioria o faz pela palavra e pelas ações como parte da vida diária. Alguns fazem do evangelismo o trabalho de sua vida, como Deus me chamou para fazer. Aprendi desde aquela primeira experiência numa estação de ônibus na Carolina do Norte até o presente, que não posso salvar ninguém. Tudo o que posso fazer é proclamar o evangelho.

Se você olhar para o mundo e julgar o poder de Deus pelas respostas dos homens, desistiria de tentar compartilhar a Palavra de Deus. Tenho ido a muitos lugares, e derramado meu coração e nada acontece. Mas está tudo bem porque todos os que o Pai dá a Cristo irão para casa. Foi isso o que Jesus disse: “Todo aquele que o Pai me dá, este virá a mim” (Jo 6.37).

Não sou responsável por quem será salvo, nem você o é. Recuso-me a assumir essa responsabilidade. Então, quem é responsável? “Ninguém pode vir a mim, disse Jesus, se o Pai não o trouxer”. Deus tem essa responsabilidade, não nós. Portanto, posso olhar para a multidão e dizer como Jesus disse: “Muitos não crerão”. Mas alguns *crerão*, levados à fé pela leitura da Bíblia, conversando com um amigo ou ouvindo um pregador na rua. Então, em vez de serem increditáveis e tolas, essas palavras que são tão difíceis de crer se tornam o único bálsamo que alivia um coração pecador, o único guia através da porta estreita que leva à vida eterna, a única verdade rica, completa e suficientemente santa para salvar uma alma do fogo eterno.

As palavras duras tornam-se preciosas e bem-vindas e de alta estima. “Todos aqueles que o Pai dá a Cristo, estes virão”.

Eles virão. O nosso chamado é para alcançá-los com a verdade.

NOTAS

CAPÍTULO 1

1. Robert Schüller, *Self-Esteem: The New Reformation* (Waco, Tex.: Word, 1982), 64.
2. *Ibid.*, 71.
3. *Ibid.*, 76.
4. *Ibid.*, 98.
5. Arthur Bennett, org., *The Valley of Vision* (Edimburgo: Banner of Truth, 1975), oração introdutória.

CAPÍTULO 2

1. Michael Scott Bashoor, “Not Ashamed of the Gospel: Paul’s Preaching of the Cross in a Shame-Sensitive Culture” (tese de mestrado em Teologia, The Master’s Seminary, 1998), 43.
2. Devo a Don Green grande parte do material exposto aqui e ao longo da página 32. Seu excelente trabalho “The Folly of the Cross” deverá ser publicado no *The Master’s Seminary Journal*, 2004, edição da primavera.
3. Martin Hengel, *Crucifixion* (Filadélfia: Fortress Press, 1997), 6-7; ênfase no original.

CAPÍTULO 5

1. John Stott, *Basic Christianity* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1958), 121.

CAPÍTULO 6

1. C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: Macmillan, 1943, 1945, 1952), 110-11; ênfase no original.

CAPÍTULO 7

1. Arthur Pink, *An Exposition on the Sermon on the Mount* (Grand Rapids: Baker, 1951) 423; ênfase no original.
2. C. H. Spurgeon, “The Two Builders and Their Houses”, 27 de fevereiro de 1870, em *The Metropolitan Tabernacle Pulpit* (Pasadena, Tex.: Pilgrim Publications, 1970, 1983) 16:128.
3. C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: Macmillan, 1943, 1945, 1952), 171.

CAPÍTULO 8

1. Citado por T. R. Glover, *Poets and Puritans* (Londres: Methuen & Co., 1915), 110.
2. R. F. Delderfield, *The March of the Twenty-six* (Londres: Hodder and Stoughton, 1962), 197.

CAPÍTULO 9

1. William Barclay, *The Gospel of Matthew* (Filadélfia: Westminster, 1958), 2:10.

CAPÍTULO II

1. *Los Angeles Times*, 9 de dezembro de 2000.
2. Peter Kreeft, *Ecumenical Jihad* (Harrison, N.Y.: Ignatius Press, 1996).
3. Esta citação familiar é freqüentemente encontrada na literatura de inclusão. Algumas fontes a atribuem a um autor anônimo. Outras a atribuem a vários autores. O autor mais freqüentemente apontado é Max Warren, um missiólogo britânico. Uma pesquisa detalhada não conseguiu estabelecer a fonte original.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a John Perry, o qual competentemente traduziu a mensagem deste livro de seu formato de sermão para a página impressa; e a Robert Wolgemuth, cujos conselhos e encorajamento foram essenciais no processo editorial final. Sou grato a Don Green por sua proveitosa pesquisa sobre o significado da cruz. Grande parte do cenário histórico sobre a crucificação no capítulo 2 foi condensada e adaptada de um ensaio escrito por ele. Gary Knussman gastou horas revisando os manuscritos e as fontes documentais. Seu auxílio foi de grande valor. E, como sempre, sou grato a Phil Johnson por sua assistência editorial ao longo de todo o projeto.

VOCÊ QUER UM EVANGELHO MAIS FÁCIL, ADAPTADO ÀS SUAS NECESSIDADES? ISSO NÃO EXISTE.

Pregadores e professores que douram a pílula do evangelho para torná-lo mais popular e aceitável podem estar conduzindo seus auditórios pelo caminho do entretenimento rumo à punição eterna.

A tendência atual de buscar um Jesus *light* que dê uma polida na autoestima de cada crente, um Cristo inclusivo que evite o confronto e não exija compromissos sérios, é denunciada nesta obra.

Cristo morreu para aplacar a ira divina e salvar o seu povo. Crer nele requer prontidão para o sacrifício. O custo é elevado, mas a recompensa é inestimável: vida abundante e eterna.

John MacArthur é pastor-mestre da Grace Community Church em Sun Valley, Califórnia, e presidente do Master's College and Seminary. É autor de vários livros, incluindo *O caminho da felicidade*, *Como educar seus filhos segundo a Bíblia*, *Como obter o máximo da Palavra de Deus*, *Como ser crente em um mundo de descrentes*, *Criação ou evolução*, *Doze homens comuns*, *Justificação pela fé somente*, *A morte de Jesus*, *O poder da integridade*, *Sola Scriptura*, todos desta Editora. John e sua esposa Patrícia têm quatro filhos e doze netos.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

www.editoraculturacrista.com.br

Vida cristã / Apologética

ISBN: 978-85-7622-291-0



9 788576 222910